

PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
DE SINTRA

MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

AO SERVIÇO DA REPÚBLICA

PAVILHÃO D. MARIA I.
RESIDÊNCIA DOS CHEFES
DE ESTADO EM VISITA
OFICIAL A PORTUGAL



PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
DE SINTRA
MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

Conceição Coelho

Conservadora do Palácio Nacional de Queluz
Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A.

AO SERVIÇO DA REPÚBLICA

PAVILHÃO D. MARIA I.
RESIDÊNCIA DOS CHEFES
DE ESTADO EM VISITA
OFICIAL A PORTUGAL



Parques de Sintra
Monte da Lua

Agradecimentos

Alexandra Encarnação
Álvaro Costa de Matos
Ana Fonseca
Ana Maria Gaspar
Ana Santos
Ana Teresa Carvalho
Andreia Draque
António Nunes Pereira
Carla Martins
Carlos Marques
Cátia Taveira Martins
Celina Bastos
Cristina Neiva Correia
Debbie Sabino Rodrigues
Diana Francisco
Eduarda Dimas
Elaine Bushell
Estela Casanovas
Fernando Dores Costa
Fernando Montesinos

Gil Gonçalves
Herculano do Rosário
Hugo Xavier
Igor Cerejo
Inês Ferro
Inês Pereira
Isabel Cordeiro
Isabel Melo
Joana Amaral
João Sousa Rego
João Valério
José Alexandre
José Marques Silva
Lília Esteves
Luís Matias
Luísa Antunes
Manuel Côrte-Real
Manuela Santana
Maria Cristina Gonçalves
Maria José Tavares

Mariana Schedel
Marta Jones
Miguel Crespo
Miguel Infante
Miguel Marques dos Santos
Nídia Miranda
Nuno Teixeira
Paulo Tremoceiro
Pedro Martins
Rita Fonseca
Sandra Oliveira
Sara Gonçalves
Simonetta Luz Afonso
Sónia Basto
Tânia Olim
Teresa Vilaça
Teresa Maranhas
Vera Almeida

ABREVIATURAS

ADF – Arquivo de Documentação Fotográfica
AHMF – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças
ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Torre
CPF – Centro Português de Fotografia
DGEMN – Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DGPC – Direção-Geral do Património Cultural
DN/GMG – Diário de Notícias/Global Media Group
DGTF – Direção-Geral do Tesouro e Finanças
FRESS – Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva
MCCG – Museu Condes de Castro Guimarães
MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga

MNC – Museu Nacional dos Coches
MNE – Ministério dos Negócios Estrangeiros
MMP – Museu e Monumentos de Portugal, E.P.E
PCIP – Património Cultural, I.P.
PNA – Palácio Nacional da Ajuda
PNP – Palácio Nacional da Pena
PNQ – Palácio Nacional de Queluz
PNS – Palácio Nacional de Sintra
PSML – Parques de Sintra – Monte da Lua S.A.
SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
SNI – Secretariado Nacional de Informação

IMAGEM DE CAPA E SEPARADORES

©PSML / José Marques Silva

Direção editorial António Nunes Pereira

Título Ao Serviço da República:
Pavilhão D. Maria I. Residência dos Chefes de Estado em visita oficial a Portugal

Textos Conceição Coelho

Apoio à edição Hugo Xavier, Nídia Miranda, Eduarda Dimas

Design e composição gráfica FPreto / Graphic design for closed and open media

Primeira edição digital Queluz, dezembro 2024

Créditos

- © das imagens, as instituições e os fotógrafos mencionados.
- © dos textos, os autores.
- © da edição, Parques de Sintra-Monte da Lua, S.A.

O texto da presente publicação digital está disponível em Acesso Aberto ao abrigo de uma licença Creative Commons BY-NC-ND: Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 4.0 Internacional.

www.parquesdesintra.pt



Todos os conteúdos textuais podem ser copiados, reproduzidos e partilhados, sem alterações ao conteúdo, desde que seja sem fins lucrativos, seja citada a fonte e sejam atribuídos os devidos créditos ao autor e à entidade editora.

É vedada a transformação do texto para criar um trabalho derivado (adaptação, tradução ou incorporação do todo ou das suas partes em novas publicações, impressas ou digitais) sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada ao autor e à entidade editora.

É proibida a utilização e reprodução das imagens inseridas nesta publicação sem prévia e expressa autorização por parte das entidades referenciadas nos créditos fotográficos, proprietárias das imagens digitais e titulares dos direitos de autor e direitos conexos das obras.

ISBN 978-989-53438-4-3 (volume 1)
978-989-53438-3-6 (coleção)

Edição © Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., 2024



Índice

9	APRESENTAÇÕES
17	ENTRE A MONARQUIA E A REPÚBLICA. 1785-1939
20	Manuel Caetano de Sousa (1738-1802): o último arquiteto da Casa do Infantado
33	A RESIDÊNCIA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA E DOS HÓSPEDES ILUSTRES DO GOVERNO. 1939-1956
44	As Infantas da Casa de Bragança descendentes de D. Miguel I
53	AS PRIMEIRAS VISITAS DE ESTADO. 1949-1956
56	Visita do Chefe de Estado Espanhol, Generalíssimo Francisco Franco, 22 a 27 de outubro de 1949
63	Visita do legado do Papa, Cardeal Frederico Tedeschini, 9 a 15 de outubro de 1951
66	Visita do Presidente dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), João Café Filho, 22 a 28 de abril de 1955
68	Leito de D. Pedro IV (D. Pedro I, Imperador do Brasil)
74	Visita do Presidente Eleito dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), Juscelino Kubitschek de Oliveira, 22 a 24 de janeiro de 1956

**79 “A VISITA DO SÉCULO”. VISITA OFICIAL A PORTUGAL DA RAINHA
ISABEL II, DO REINO UNIDO. 18 A 20 DE FEVEREIRO DE 1957**

105 Reportagem Fotográfica

117 O *Garde Meuble* nacional

121 DUAS DÉCADAS DE VISITAS OFICIAIS. 1957 A 1973

124 Os Programas das Visitas

128 Visita do Governador-Geral da União da África do Sul, Ernest George Jansen,
6 a 9 de agosto de 1957

131 Visita do Presidente da República Islâmica do Paquistão, Iskander Mirza,
11 a 14 de novembro de 1957

134 Visita do Imperador da Etiópia (Abissínia), Hailé Selassié,
26 a 31 de julho de 1959

139 Visita do Presidente da República da Indonésia, Sukarno,
5 a 8 de maio de 1960

141 Visita do Presidente dos Estados Unidos da América,
General Dwight David Eisenhower, 19 a 20 de maio de 1960

146 Visita do Presidente dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa
do Brasil), Juscelino Kubitschek de Oliveira, 6 a 10 de agosto de 1960

150 Visita dos Reis da Tailândia, Bhumibol Adulyadej (Rama IX) e da Rainha Sirikit,
22 a 25 de agosto de 1960

152 Visita de sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Dom José da Costa Nunes,
Legado “A Latere” para as Comemorações do Cinquentenário das Aparições
de Nossa Senhora de Fátima, 11 a 16 de maio de 1967

155 Instalação do Gabinete da Presidência do Conselho de Ministros, 1971-1972

160 Visita do Presidente da República Federativa do Brasil, Emílio Garrastazu
Médici, 14 a 19 de maio de 1973

161 Visita do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, por ocasião da comemoração
dos 600 anos da Aliança luso-britânica, 5 a 8 junho de 1973

165	VISITAS OFICIAIS EM DEMOCRACIA. DE 1974 À ATUALIDADE
167	De 1974 a 1987
179	IPPC, Instituto Português do Património Cultural. A mudança de tutela
189	1988. As obras de requalificação do Pavilhão D. Maria I
194	De 1989 à atualidade
201	ANEXO I: PERCURSO DE VISITA
203	Percurso de visita no andar nobre
205	Percurso de visita no rés-do-chão
207	ANEXO II: LINHA DO TEMPO: CRONOLOGIA DAS VISITAS OFICIAIS COM ESTADIA NO PAVILHÃO D. MARIA I DO PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ
219	FONTES E BIBLIOGRAFIA

..... §



PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
D SINTRA
MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

APRESENTAÇÕES



Voltar ao índice



Palácio Nacional de Queluz ocupa uma posição muito particular no contexto da gestão de património da empresa de capitais exclusivamente públicos Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. (PSML). Localizando-se sensivelmente a meio caminho entre Lisboa e a área do concelho de Sintra classificada como Paisagem Cultural pela UNESCO em 1995, Queluz assume-se como uma ponte de ligação entre estas duas realidades. Muito antes de Sintra se tornar na região de veraneio da moda da alta sociedade no século XIX, Queluz e as restantes orlas da capital ofereciam as condições de veraneio que realeza e aristocracia procuravam nos meses mais quentes do ano. A utilização da Quinta de Queluz pela corte na segunda metade do século XVIII conferiu-lhe um esplendor que, por norma, as quintas do mesmo género não costumavam ter. Palácio Nacional desde 1908, dois anos antes da implantação da República, Queluz com o seu palácio e os seus jardins excecionais é assim um monumento de grande importância regional e nacional. Acresce o facto de se situar nos seus jardins a sede da Escola Portuguesa de Arte Equestre, que mantém viva a tradição equestre do nosso país e é também ela candidata ao estatuto de Património Imaterial da Humanidade da UNESCO.

A localização periférica do Palácio Nacional de Queluz em relação à Paisagem Cultural de Sintra, que constitui o enfoque principal da missão patrimonial da PSML, não nos impediu de ter iniciado logo em 2012 investimentos com vista à sua valorização através de ações de conservação e restauro. Se numa primeira fase estes investimentos se concentraram nos jardins do palácio, em 2019 e por iniciativa da Administração da PSML iniciou-se um processo de reabilitação da antiga Residência dos convidados ilustres do Estado Português, com vista à sua musealização e abertura ao público. Este trabalho insere-se na política cultural da PSML que consiste, entre outras

estratégias, na valorização do património sob sua gestão através da redescoberta da sua relevância histórico-cultural e da sua reabilitação que permita a abertura à comunidade, seja em forma de visita, seja no contexto de um outro tipo de evento.

Um dos pontos fortes da PSML é a variedade de património que gere, desde um antigo palácio real a um modesto convento de uma ordem mendicante, desde um parque com espécies botânicas de todo o mundo à floresta endémica de Sintra, desde uma instituição de arte equestre a reservas de animais não dominados pelos seres humanos. No contexto desta diversidade, o Palácio Nacional de Queluz é o único dos palácios sob gestão da PSML em que se mantém uma ala completa que esteve em utilização como residência já durante o período da república. A Ala D. Maria I ou Residência como também é denominada, oferece ao visitante um aspeto da história recente do nosso país, inédito nos restantes palácios nacionais. Este motivo justificou o início da revalorização, restauro e musealização inevitáveis no Palácio Nacional de Queluz, como já vem decorrendo na Pena e em Sintra, precisamente por esta Ala D. Maria I.

O presente estudo da conservadora do Palácio Nacional de Queluz, Dra. Conceição Coelho, que agora se publica, insere-se igualmente na exigência de excelência da PSML: a quaisquer trabalhos de intervenção no património têm de ser antecidos por uma profunda investigação que oriente e justifique essa mesma intervenção. A publicação deste primeiro número da série "Património em Foco" dá assim sequência à atividade de investigação na PSML que temos vindo a desenvolver de forma contínua e sistemática.

Sofia Cruz

Presidente de Conselho de Administração
Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.

A musealização da Ala de D. Maria I, também conhecida pela designação de Residência, do Palácio Nacional de Queluz foi o primeiro núcleo deste palácio-museu a sofrer a remodelação que a presente direção, no contexto da gestão da PSML, pretende implementar em todo o monumento. Apesar de diversas alterações feitas à exposição de longa duração nas salas históricas do palácio ao longo das últimas décadas, Queluz mantém até hoje o carácter de um museu de artes decorativas que lhe foi imposto pelo menos desde a atuação de Raul Lino enquanto Superintendente Artístico dos Palácios Nacionais a partir de 1938. Não seria justo desmerecer aqui as opções deste homem verdadeiramente extraordinário, que atuou de acordo com a mentalidade e expectativas do seu tempo e, mais importante ainda, com dificuldades e restrições numa época sem as possibilidades tecnológicas e de conhecimento de que dispomos hoje. Em 1938 Raul Lino recebeu o desafio (no contexto de uma ditadura...) de remodelar os palácios nacionais (Pena, Mafra, Queluz e Sintra), e torná-los apresentáveis para a ocasião da Exposição do Mundo Português em 1940. Como é que ele alcançou este objetivo num intervalo de tempo inferior a dois anos, num Portugal sem estradas eficiente, com meios de comunicação básicos (telefone fixo e correio por carta) e palácios sem inventários nem o acervo estudado, só o próprio o poderia dizer. Raul Lino optou por reorganizar os diversos acervos entre si, realocando objetos de acordo com as épocas e estilos dos vários palácios. A esta nova coerência formal e artística entre objetos e edifícios foi sacrificado o testemunho histórico deste acervo que, permanecendo ainda no seu local original desde 1910, revelou até 1938 a vivência de reis e rainhas, oficiais de corte e serviços de uma monarquia entretanto extinta. Hoje, o nosso desafio é precisamente reconstituir as funções e vivências históricas dos espaços dos antigos palácios reais, de modo a neles reconhecermos modos de vida, relações sociais entre classes e géneros, hábitos e costumes que diferem do nosso próprio modo de vida. À valorização meramente das artes plásticas (arquitetura, escultura e pintura) e artes decorativas dos palácios nacionais que se verificou em meados do século XX, sucede hoje no século XXI o entendimento dos antigos palácios reais enquanto fenómenos sociais e antropológicos, em que os aspetos artísticos são (apenas) uma parte e cuja própria génese foi condicionada pelos referidos fenómenos.

E, contudo, a história das vivências dos antigos palácios reais de Portugal, tornados palácios nacionais em 1910 (Queluz ainda em 1908) e, com algumas exceções abertos ao público como museus, não terminou com a implementação da República. O novo regime republicano deu continuidade à utilização destes edifícios para a representação do Estado Português, sendo que em alguns deles permaneceu inclusivamente a função de residência. O exemplo mais conhecido é o do Palácio Nacional de Belém, Residência Oficial do Presidente da República Portuguesa. Mas também o Palácio Nacional de Queluz assumiu funções residenciais, neste caso para acomodação dos convidados ilustres do Estado Português entre 1940 e 2004. Ao longo de mais de seis décadas personalidades de todo o mundo, maioritariamente chefes de estado, ficaram alojados na Ala de D. Maria I, que durante a sua estada em Portugal funcionava como a sua residência. E apesar deste novo tipo de ocupação do Palácio de Queluz ser muito diferente daquele anterior à implantação da república, ele representa a vivência mais recente do palácio. A república também deixou assim uma marca patrimonial concreta no Palácio Nacional de Queluz: a lista dos seus convidados ao longo das décadas revela-se como um sismógrafo da política externa da República Portuguesa, variando conforme as épocas, os regimes, a agenda política. Também a escolha de peças de mobiliário e arte das coleções nacionais para as salas de residência destes convidados revelam uma imagem que o Estado Português pretendia passar a quem ali pernoitava. Neste aspeto, há uma absoluta continuidade histórica entre monarquia e república no Palácio Nacional de Queluz enquanto espaço de representação.

Por todos estes motivos, havia que valorizar esta última camada histórica do Palácio Nacional de Queluz, estudar todo o período de funcionamento da Residência, assim como as sucessivas alterações arquitetónicas, de mobiliário e de peças decorativas para uso dos convidados e de conceber um projeto de musealização do acervo para, pela primeira vez, abrir a Residência ao público e mostrar a história mais recente do palácio. Esta tarefa de curadoria coube à historiadora Dra. Conceição Coelho, conservadora do Palácio Nacional de Queluz desde 1986 e testemunha da passagem de grande parte dos convidados da república pela Residência. Este primeiro número da série “Património em Foco”

da sua autoria apresenta a extensa e aprofundada investigação da conservadora que, nela apoiada, concebeu a exposição de longa duração da Ala D. Maria I. Não obstante esta exposição ser um compromisso entre os diversos momentos da sua ocupação, ela revela o modo como o Estado Português se apresentava aos seus convidados no espaço que lhes disponibilizava para a sua curta permanência.

Inaugura-se assim a remodelação museológica do Palácio Nacional de Queluz, sempre apoiada em investigação do edificado e do acervo, e cuja exposição de longa duração nas salas históricas tem o objetivo de evidenciar a história das suas vivências e o seu valor patrimonial.

António Nunes Pereira
Diretor dos Palácios de Sintra
Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.



PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
D SINTRA
MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

ENTRE A MONARQUIA E A REPÚBLICA. 1785-1939



Voltar ao índice

 Pavilhão D. Maria I foi projetado em 1785 pelo Arquiteto Manuel Caetano de Sousa (1738-1802), e originalmente destinado ao herdeiro da coroa portuguesa, D. José, Príncipe do Brasil (1761-1788) [fig. 1]. Em 1789, um ano após a morte prematura do príncipe, esta nova ala foi ocupada por sua mãe, D. Maria I (1734-1816) [fig. 2]. Perante os indícios da instabilidade mental apresentados pela rainha, essa medida visava proporcionar-lhe maior proteção e resguardo, em relação à corte, então instalada em Queluz¹. Em 1807, D. Maria I deixou este pavilhão para procurar refúgio com a família real no Rio de Janeiro, na sequência das invasões francesas, vindo a falecer em 1816. Desse modo, o seu nome ficaria para sempre associado a este pavilhão.



[fig. 1]

Retrato do Príncipe D. José

Óleo sobre tela, assinado e datado:
Michael Antonius, Fecit // ann.1774.

Queluz, Palácio Nacional de Queluz
Inv. PNQ 960

© MMP, E.P.E./ADF/Paulo Cintra e
Laura Castro Caldas



[fig. 2]

Retrato da Rainha D. Maria I

Giuseppe Trono, atribuído

Óleo sobre tela, Portugal, 1789-1796

Lisboa, Museu Nacional dos Coches em
depósito no Palácio Nacional de Queluz
Inv. MNC HD0016

© PSML/Paulo Cintra e Laura Castro Caldas

1 Na sequência da destruição da Real Barraca da Ajuda, durante um incêndio ocorrido a 11 de novembro de 1794, a família real transferiu-se para o Paço Real de Queluz, passando a residir permanentemente neste local até 1807.

Manuel Caetano de Sousa (1738-1802): o último arquiteto da Casa do Infantado

O Arquiteto e Sargento-mor Manuel Caetano de Sousa, que sucedeu a Jean-Baptiste Robillion (1704-1782), como o novo arquiteto da Casa do Infantado, deu continuidade ao trabalho anterior e concebeu uma nova campanha de obras para ampliação do Paço de Queluz. Essa ampliação foi projetada para responder às necessidades de acomodação da família real decorrentes dos casamentos do Infante D. João (1767-1826), com a Infanta espanhola D. Carlota Joaquina de Bourbon (1775-1830), bem como do Príncipe D. José com a Princesa D. Francisca Benedita (1746-1829).

Nesse contexto o primeiro piso foi ampliado a partir da Fachada de Cerimónias, [fig. 3] com a construção do *Quarto Novo* ou *Quartos Altos*, estendendo-se para a direita sobre a Sala dos Embaixadores e para a esquerda até à Sala do Café. Esses aposentos destinavam-se à acomodação de D. João e de D. Carlota Joaquina. Além disso, Manuel Caetano de Sousa, também foi responsável pelo projeto de um novo pavilhão para a instalação de D. José e de D. Francisca Benedita. Esta nova ala foi construída na continuidade da Sala do Trono e dos aposentos de D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (1786-1812)², tendo sido demolido, para o efeito, o Teatro ou Casa da Ópera, que havia sido erguido nesse local c. de 1779³.

Manuel Caetano de Sousa foi também responsável pelo projeto, embora inacabado⁴, da envolvente do palácio. Deste projeto subsiste o edifício da Torre do Relógio, que na época estava destinado a mantearia e ucharia, bem como o edifício do quartel, construído para a instalação das cavaliças e cocheiras, além de servir de alojamento dos médicos, capelães e criados do Paço⁵.



[fig. 3]

Vista aérea do Palácio de Queluz, anterior ao incêndio de 1934

Fotografia, autor não mencionado.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 3

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/003

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

2 D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (1786-1812). Filho da Infanta D. Mariana Vitória de Bragança (1768-1788) e do Infante D. Gabriel de Bourbon (1752-1788), após a morte de seus pais e a pedido da sua avó a Rainha D. Maria I vem para a corte portuguesa onde é educado como Infante de Portugal. Acompanha a família real para o Brasil, casa no Rio de Janeiro com a prima D. Maria Teresa de Bragança (1793-1874), morreu na mesma cidade em 1812.

3 ANTT – Casa do Infantado, mc. 1381, mct. 1, n.ºs 495, 500, 505 e 509. “Documentos vários da Administração da Quinta de Queluz”.

4 A partida da família real para o Brasil em 1807, inviabilizou a conclusão do plano de expansão do palácio. D. João, o Príncipe Regente tinha a intenção de ampliar a área edificada do palácio que incluía Queluz, elevada a Vila do Príncipe da Beira por decreto de 31 de agosto de 1802.

5 Ferro, 1997: 28-29.

Os aposentos da rainha encontravam-se localizados no topo sul do primeiro andar do pavilhão e compreendiam um total de onze compartimentos. No seguimento de investigação realizada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, foi possível ter acesso a um documento contendo a avaliação pormenorizada da Real Quinta de Queluz, feita por Manuel Caetano de Sousa em 1789, sob ordem do Príncipe D. João, três anos após o falecimento de seu pai, D. Pedro III (1717-1786). Esse documento dá a conhecer os aposentos ocupados pela rainha, assim como todos os compartimentos que compunham essa ala:

Certidão das Avaliações da Serenissima Caza do Infantado pertencentes a Quintas e Cazas

(...) Huma Quinta grande no citio de Queluz de cima que consta primeiramente de hum grande Edifício que forma o corpo de Palacio em plano térreo a mayor parte, e com plano superior em a menor; devedido em Quartos de acistencia de Sua Mag.de e Altezas: Tendo o Quarto de Sua Mag.de Onze Cazas entre Salas de Antecamaras, Camera e Gabinetes guarnecidos de Babinellas entalhadas de variação de ornatos e douradas e hum oratório da mesma forma com painel da Conceição de N. Sr.ª assim mais suas servidoens com dezaceis cazas menores tudo no plano superior. E no plano inferior dez cazas em que entra a Portaria e servem de acomodação de Açaфatas, Dona, e Medico de Camera com suas devizoens de corredores e duas escadas de madeira e sua varanda de pedraria guarnecida de Balaustres.⁶

Inventários posteriores, realizados em 1807 e 1809, após a partida da família real para o Brasil, dão-nos a conhecer os diferentes compartimentos e o seu conteúdo. A título de exemplo o quarto da rainha estava mobilado com um leito com armação de damasco, quatro aparadores, duas bancas de cabeceira, um armário; ou a casa de jantar, estava mobilada com uma banca de jantar de abas, duas cantoneiras, três armários, entre outras⁷.

Em 1807, a Infanta D. Maria Ana (1736-1813), irmã da rainha, também estava instalada na nova ala, possivelmente no piso térreo. A data exata da mudança da infanta para o pavilhão permanece incerta, mas sabe-se que em 1789 ela partilhava com a Princesa D. Carlota Joaquina o primeiro andar localizado na Fachada de Cerimónias “por Sima destas há os Quartos da acistencia da Serenissima Princeza

6 ANTT – Gavetas, Gav. 16, mç. 3, n.º 1.

7 ANTT – mç. 1381, mct. 1.

Reynante Nossa Senhora, e a da Senhora Infanta D. Marianna que constão de vinte e duas cazas”⁸. Esta deslocação terá sido motivada pela necessidade de acomodar, junto aos aposentos de D. Carlota todos os sete filhos entretanto nascidos.

No último dos inventários referidos, foi possível identificar, no quarto da rainha, a presença de: “1 Modelo da Estatua de Sua Mag^{de}”⁹, que embarcou para o Rio de Janeiro numa caixa marcada com o nº1 e transportada na nau Príncipe Real. Trata-se provavelmente do modelo do monumento a D. Maria I, que foi executado em Itália entre 1793 e 1794 por João José de Aguiar (1769-1841) e Domenico Pieri (responsável pelos bronzes), com o intuito de ser apresentado em Queluz à soberana. Contudo, devido ao estado de incapacidade da mesma, é mais provável que tenha sido apresentado ao seu filho, D. João, Príncipe Regente¹⁰ [figs. 4 e 5]. Após o regresso da família real em 1821 e até ao ano de 1908, nos diversos inventários realizados (1833, 1851, 1876 e 1908) não se encontra qualquer menção ao Pavilhão D. Maria, seja em relação à sua utilização ou recheio.

Em 1908, D. Manuel II (1889-1932), o último Rei de Portugal, deposto em 1910, com a implantação da República, determinou a doação ao Estado do Palácio de Queluz e os seus jardins. O Decreto de 3 de setembro de 1908, estipula no artigo 2º que “Por cedência expressa de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II, ficam pertencendo á Fazenda Nacional e incorporados nos próprios d’ella o Paço de Belem e os Paços de Caxias e Queluz, casas, quintas e mais dependências, deixando de permanecer como até agora na posse e usufruto da Coroa”¹¹, especificando nos

8 ANTT – mç. 1381, mct. 1.

9 ANTT – mç. 1381, mct. 1.

10 O Monumento à Rainha D. Maria, foi uma encomenda do Ministro Pina Manique ao seu bolseiro em Roma, João José de Aguiar (1769-1841), em homenagem à rainha.

A escultura foi executada, entre 1794 e 1797, e só chega a Lisboa em 1802, após ter sido apreendida pelas tropas de Napoleão, quando se preparava o seu transporte para Portugal. Inicialmente depositada no Palácio de Belém, foi em 1828 transferida para a Ajuda, onde fica até 1830 quando é transferida para o Museu Arqueológico do Carmo. O conjunto permaneceu ali até 1898, quando os quatro continentes foram colocados na recém-inaugurada Avenida da Liberdade. Finalmente, em 1939, todo o conjunto escultórico foi colocado no terreiro em frente ao Palácio Nacional de Queluz, onde permanece até hoje.

11 Decreto de 3 de setembro de 1908 do *Diário do Governo*. A citação seguinte reporta à mesma referência.



[fig. 4]

Modelo do Monumento à Rainha D. Maria I

João José Aguiar, Domenico Pieri (bronzes)

Mármore e bronze, Itália, 1793-1794

Queluz, Palácio Nacional de Queluz, em depósito no Museu Nacional de Arte Antiga
Inv. PNQ 1331

© MNAA/Miguel Mouta Faro



[fig. 5]

Monumento à Rainha D. Maria I

João José Aguiar

Mármore, Itália, 1794-1797

© PSML/José Marques Silva

parágrafos dois e três do referido artigo as novas funções que devem ser atribuídas a esses monumentos:

§ 1º O Palacio de Belem será especialmente destinado ao alojamento de Chefes de Estado, Principes e missões estrangeiras que vierem em visita oficial a Lisboa, ficando para esse fim a cargo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

§ 2º Os Palacios de Caxias e Queluz, casas, quintas e mais dependências terão a aplicação especial que por lei se determinar; e enquanto não for promulgada essa lei a sua administração compete á Direcção Geral da Estatística e dos Proprios Nacionaes.

O reinado de D. Manuel II foi caracterizado por um ambiente de grande instabilidade política, social e económica, fortemente marcado pela revolta e insatisfação populares, bem como por dificuldades financeiras. É nesse contexto que o rei promove, através de decreto, a transferência desses palácios para a esfera pública. Na realidade, tal medida teve um carácter mais simbólico, especialmente no que diz respeito ao Palácio de Queluz, que há muito não era habitado pela família real.

Para cumprir as disposições estabelecidas no decreto de 3 de setembro, foi determinada a realização dos autos de posse do palácio e suas dependências, dos bens rústicos, das águas e dos arrendamentos de terras. Além disso, foi ordenada, a execução do inventário dos bens da Coroa e dos objetos pertencentes à real capela de Queluz, todos devidamente registados, incluindo os autos de posse, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, nas conservatórias e nos livros dos Próprios Nacionais. O pavilhão é referido no auto de posse do palácio e suas dependências, como parte integrante do conjunto arquitetónico: “Auto de posse do palacio de Queluz e suas dependências (...) Primeiro – Paço Real, compreendendo o chamado “Palacio da Rainha”, corpo central, capela, palácio velho, cosinhas e mais dependências, formando isto tudo um só conjunto...”¹²

Em 1911, na sequência da Implantação da República o pavilhão foi anexado à recém-criada Escola Prática de Pomicultura, Horticultura e Jardinagem, de acordo com o decreto-lei de 3 de abril de 1911. O diploma que instituiu a criação desta escola agrícola destacava a importância de criarem instituições de ensino agrícola para a formação profissional do trabalhador rural, com uma abordagem prática e manual mais acentuada. No contexto específico de Queluz, surge a aplicação de um conceito inovador para Portugal, o de “um museu agrícola de caráter comercial (...) A inovação adoptada agora, tanto para a escola como para o museu, é a incumbência que o Governo faz à Associação Central da Agricultura Portuguesa de realizar o seu pensamento...”¹³. [figs. 6, 7 e 8]

12 ANTT – antigo Arquivo Histórico do Ministério das Finanças AHMF XX-Z⁵-18.

13 Decreto-lei de 3 de abril de 1911 do *Diário do Governo*. As citações seguintes reportam-se à mesma referência.

Este decreto determina que:

Autorizado pois, o Governo, por esta disposição legal, havemos por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1º É criada, nos terrenos anexos ao palácio de Queluz, uma escola pratica de pomicultura, horticultura e jardinagem, destinada a habilitar indivíduos que possam servir como pomicultores, horticultores e jardineiros

§1º Para cumprimento do disposto neste artigo passará à posse de Direcção Geral da Agricultura toda a parte rustica intra muros, compreendendo jardim, pomar e hortas, e ainda a parte intra muros constituindo a Mata. Da parte urbana do palácio os lotes nºs 1 a 6 (...)

§3º Á escola incumbirá o cultivo e conservação do jardim e parque, não podendo comtudo alterar o traçado e estylo do mesmo jardim (...)

Art. 2º O ensino será essencialmente pratico, ministrando-se apenas as noções scientificas indispensáveis á justa compreensão dos diversos grangeios, e somente relativas ás especialidades versadas na escola (...)

Art. 8º Haverá duas classes de alunos: internos e externos (...)

Art. 22º É criado em Lisboa um museu agrícola destinado á representação comercial da produção agrícola portuguesa, e á exposição de todos os objectos que lhe interessam (...)

Art. 23º O Governo confere á Associação Central da Agricultura Portuguesa a direcção e administração da escola e do museu.

Por meio do decreto de 23 de agosto de 1913, a Escola Prática de Pomicultura, Horticultura e Jardinagem foi transferida para a tutela do Ministério do Fomento, Direção-Geral da Agricultura. Embora mantenha o princípio de funcionamento, a sua estrutura é harmonizada com a das outras escolas profissionais dependentes dessa Direção-Geral. Por proposta dos Ministros das Finanças e Instrução Pública e por decreto, nº 1971, de 9 de outubro de 1915, a Escola Profissional de Pomicultura, Horticultura e Jardinagem de Queluz, passou a denominar-se Escola Prática de Agricultura de Queluz até à sua extinção em 1939.

A escola esteve estabelecida em Queluz por um período de vinte e oito anos, entre 1911 e 1939. No pavilhão estavam instalados os serviços administrativos, as camaratas dos alunos internos e a residência do diretor.



[fig. 6]

Exposição Agrícola, em Queluz

Fotografia, autor não mencionado,
30 de agosto de 1922.

Datada de 1922 como referido na Ilustração Portuguesa, n.º 864, de 9 de setembro de 1922, página 261.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Empresa Pública do Jornal O Século, Fotografias de 1921-1925, doc. 02894

PT/TT/EPJS/SF/006/02894

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 7]

Exposição Agrícola, em Queluz

Fotografia, autor não mencionado,
27 de agosto 1922.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Empresa Pública do Jornal O Século, Fotografias de 1921-1925, doc. 02848

PT/TT/EPJS/SF/006/02848

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 8]

Escola Prática de Floricultura, em Queluz – exposição de flores

Fotografia de Carlos Alberto Lima, s.d.

Arquivo Municipal de Lisboa

PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/LIM/002402

© Arquivo Municipal de Lisboa

Entre a doação ao Estado realizada por D. Manuel II, em 1908, e o ano de 1933, o Palácio de Queluz, Palácio Nacional de Queluz, após ter sido classificado em 1911 como Monumento Nacional¹⁴, foi objeto de diversas intervenções de restauro, excluindo-se, contudo, o Pavilhão D. Maria I, por se encontrar afeto à Escola Agrícola. É importante mencionar que sob a orientação do Arquiteto Rosendo Carvalheira (1861-1919)¹⁵ foram realizadas algumas obras no final do século XIX, por iniciativa do Rei D. Carlos (1863-1908) e da Rainha D. Amélia (1865-1951), e entre 1911 e 1918, após a implantação da República.¹⁶

A contínua degradação do palácio tornava-se preocupante, a ponto de diversas personalidades apelarem publicamente aos responsáveis do património para a necessidade de o salvar, havendo quem defendesse a adaptação de uma parte do edifício a hotel, à criação de uma Escola de Belas-Artes ou à instalação de um museu de arte do século XVIII. Esta última proposta foi defendida por José de Figueiredo, pelo menos, desde 1912¹⁷. Assim, a partir da década de 1930 a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)¹⁸, iniciou uma ampla campanha de obras com o objetivo de recuperar este importante monumento nacional. Uma planta de 1933¹⁹ [figs. 9 e 10], desenhada no âmbito dos trabalhos preparatórios para a obra, inclui o Pavilhão D. Maria I. Esta circunstância, leva-nos a questionar se haveria a intenção de alargar a intervenção para esta ala do edifício, integrando-a no conjunto tutelado pelo Ministério das Finanças. Contudo, tal intenção, levanta uma outra questão, nomeadamente sobre o futuro da Escola Prática de Agricultura de Queluz.

14 Decreto-lei de 26 de maio de 1911 do *Diário do Governo*.

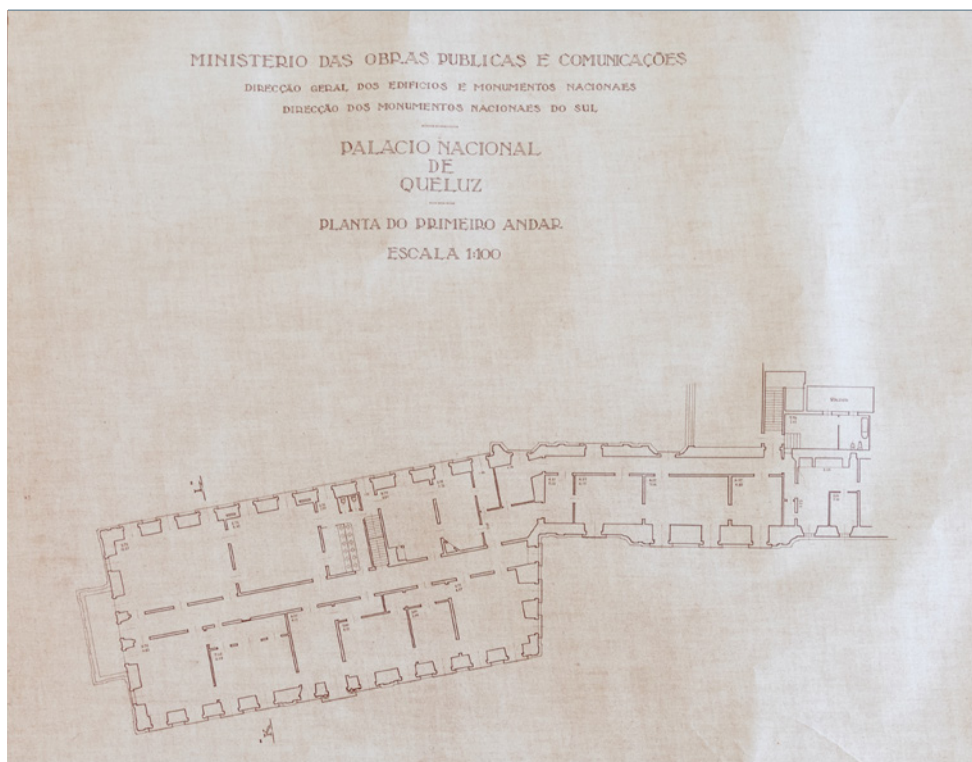
15 Rosendo Carvalheiro, foi arquiteto da Casa Real com uma vasta obra no restauro de monumentos históricos. Foi vice-presidente da Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses e Presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes.

16 Anuário da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, 1909-1910, pp. 58-66. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AnuariodaSociedadedosArquitectosPortugueses/AnoVeVI/AnoVeVI_master/AnuariodaSociedadedosArquitectosPortugueses_1909-10.pdf. Estamos a falar das intervenções no Canal dos Azulejos e nas salas do Trono e da Música.

17 Ata nº 21, de 23 de agosto de 1912 da Comissão dos Monumentos, Academia de Belas Artes.

18 Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), criada pelo decreto nº 16.791 de 30 de abril de 1929, sob a alçada do Ministério do Comércio e das Comunicações, o qual, a partir de 1932, passou a denominar-se Ministério das Obras Públicas e Comunicações. A DGEMN foi responsável pelas intervenções no património arquitetónico português, promovendo a salvaguarda e valorização desse mesmo património. Foi extinta por decreto-lei nº 223/2007 de 30 de maio de 2007 e as suas atribuições foram dispersas por vários ministérios, sendo o património classificado incorporado na competência da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC).

19 Arquivo do PNQ – Planta de 1933.

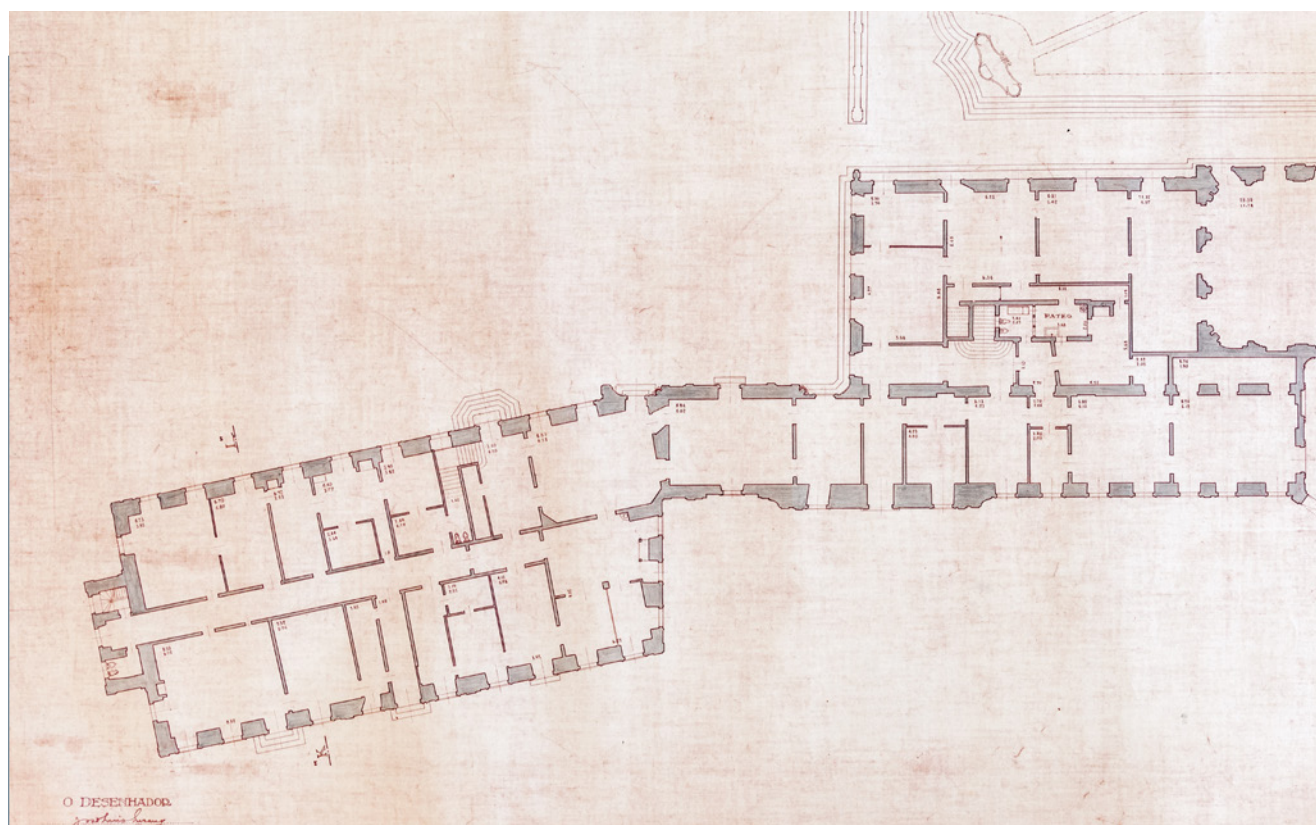


[fig. 9]

Planta do primeiro andar. Residência do Chefe de Estado, 1933

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

©PSML/José Marques Silva



[fig. 10]

Planta do rés-do-chão. Residência do Chefe de Estado, 1933

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

©PSML/José Marques Silva

De facto, é claro para os responsáveis políticos, que o Pavilhão D. Maria I, antiga residência da Rainha D. Maria I, seja integrado no grande plano de reconstrução e restauro do Palácio Nacional de Queluz, prevendo-se mesmo que tenha como destino servir de residência temporária do Chefe de Estado.²⁰ Esta decisão tornava urgente a saída da Escola Prática de Agricultura dessas instalações e, para que isso se concretizasse, seria necessário encontrar a melhor solução para o futuro da escola. Por esse motivo, a intervenção no pavilhão é adiada por alguns anos, só se concretizando em 1939.

A solução encontrada, aprovada pelo Presidente do Conselho de Ministros²¹, envolveu a fusão da Escola Prática de Agricultura de Queluz e a Escola Profissional da Paiã, ambas escolas agrícolas localizadas na região de Lisboa e de natureza educativa similar. O processo de fusão exigiu longas negociações entre a Direção-Geral do Ensino Técnico do Ministério da Educação Nacional, à qual pertencia a de Queluz, e a Junta de Província da Estremadura, responsável pela da Paiã, culminando na criação da Escola Profissional Agrícola D. Dinis, localizada na Paiã.²²

O *Diário de Notícias*, na sua edição de 29 de setembro de 1938, publicou com o título “Ensino profissional. A Escola Agrícola vai absorver a Escola Profissional da Paiã, que deixa de pertencer à Junta de Província da Estremadura.”²³, a notícia sobre a fusão das duas escolas agrícolas e os fundamentos que motivaram a solução adotada “Com as importantes obras que deverão remeter à sua grandeza original o magnífico Palácio de Queluz, onde o Chefe de Estado terá dependências reservadas à sua residência temporária, sai dali, como já tivemos ocasião de noticiar, a Escola Agrícola, instalada em parte da propriedade”.

20 *Diário de Notícias*, nº 26082 de 16 de setembro de 1938.

21 António Oliveira Salazar (1889-1970), foi o 100º Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, cargo que exerceu de 1932 a 1968.

22 ANTT – Assembleia Distrital de Lisboa, Cx.1524, nº14. Fusão da Escola Prática de Agricultura de Queluz com a Escola Profissional da Paiã.

23 *Diário de Notícias* nº 29089 de 29 de setembro de 1939, as citações seguintes reportam-se à mesma referência.

A 7 de agosto de 1939, foi publicado o decreto-lei que extingue a Escola Agrícola de Queluz:

O Ministério das Finanças tem necessidade de dar diferente e mais aplicação ao corpo anexo ao Palácio Nacional de Queluz, conhecido pela designação de Palácio de D. Maria I, por haver servido de residência a esta Rainha, em que funciona há uns anos, com carácter provisório, a Escola Prática de Agricultura de Queluz. Não se devia, porém, executar essa medida sem se arranjar instalação adequada com carácter definitivo para êste estabelecimento de ensino ou aproveitar a oportunidade para outra solução mais lógica e que se integrasse na orientação do Governo de reunir tanto quanto possível no mesmo estabelecimento os cursos da mesma natureza ou afins presentemente professados em escolas independentes. (...)

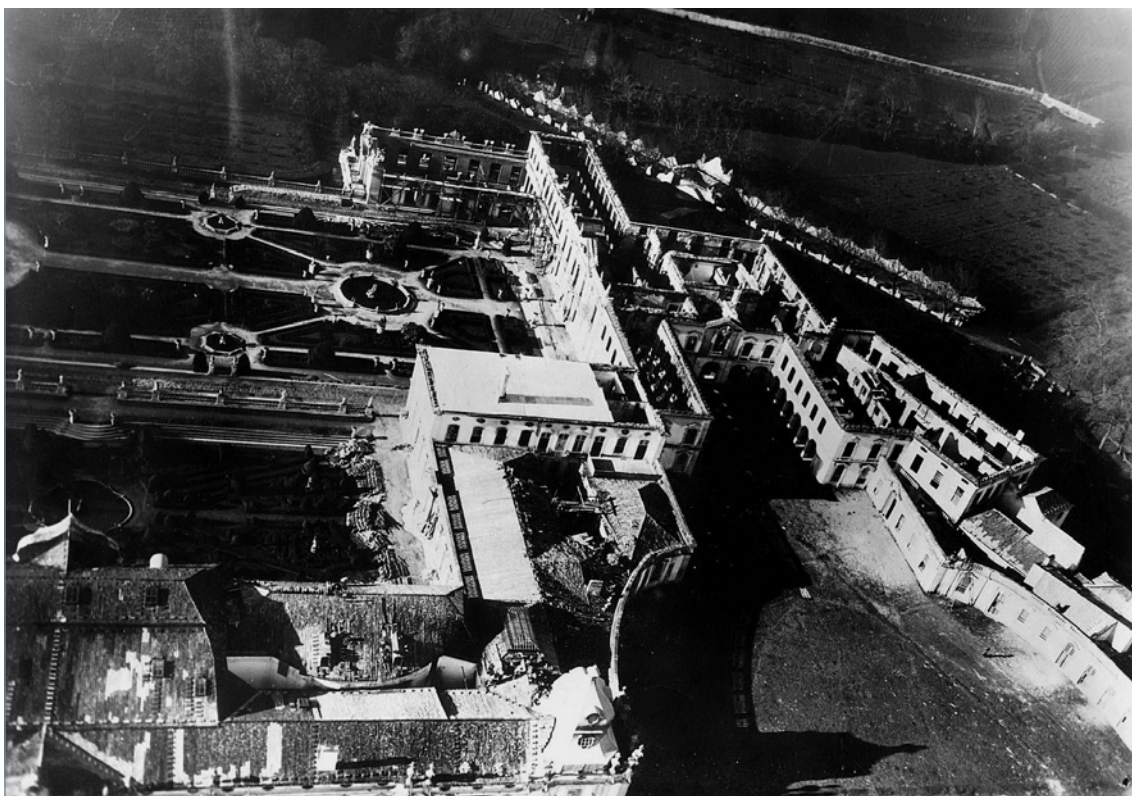
Usando da faculdade conferida pela 2ª parte do nº 2º do artigo 109º da Constituição, o Govêrno decreta e eu promulgo, nos termos do § 2º do artigo 80º, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1º É extinta a Escola Prática de Agricultura de Queluz, e o ensino nela ministrado passa a ser feito no estabelecimento da Junta de Província da Estremadura que funciona na Escola da Paiã.²⁴

Após a extinção da escola e consequente saída de Queluz e ultrapassado o atraso nas obras de restauro do palácio, provocado pelo incêndio de 1934²⁵ [fig. 11] que destruiu uma parte significativa do edifício, é agora possível dar início ao processo de restauro do Pavilhão D. Maria I, com o objetivo de adaptá-lo a residência temporária do Presidente da República.

24 Decreto-lei de 7 de agosto de 1939 do Diário do Governo.

25 Na noite de 4 para 5 de outubro de 1934, no decurso das obras de restauro do palácio, deflagrou na ala conhecida como Pavilhão Robillion, um grande incêndio que viria atrasar os trabalhos de restauro.



[fig. 11]

Vista aérea do Palácio Nacional de Queluz após o incêndio de 1934

Fotografia, s.a.

Sacavém, Arquivo do Património Arquitetónico

SIPA FOTO.00503104

© PT PCIP/SIPA

..... §



A RESIDÊNCIA DO
PRESIDENTE DA
REPÚBLICA E DOS
HÓSPEDES ILUSTRES
DO GOVERNO.
1939-1956

Após a conclusão do procedimento de extinção da Escola Agrícola de Queluz, será finalmente possível dar início às obras de adaptação do Pavilhão D. Maria I, visando a sua utilização como residência do Chefe de Estado¹.

Esta adaptação do pavilhão constitui a última fase das intervenções de recuperação e restauro do Palácio Nacional de Queluz, as quais serão também dirigidas pelo Arquiteto Guilherme Rebelo de Andrade (1891-1969) responsável desde 1933 pelas intervenções no palácio. O objetivo é que estejam concluídas a tempo das celebrações de 1940, no âmbito das comemorações do Duplo Centenário.²

Enquanto decorria o processo da saída da escola, as obras no palácio avançavam, e os jornais iam dando conta dos seus progressos, especialmente considerando a destruição provocada pelo incêndio de 1934. Neste contexto, no dia 16 de setembro de 1938, o *Diário de Notícias*, publicou uma reportagem sobre as obras em Queluz, revelando a intenção de adaptar o pavilhão a residência do Presidente da República. Segundo o jornal, “O Palácio de Queluz cujas obras vão muito adiantadas, será adaptado, em parte, a residência do Chefe de Estado que ali hospedará os visitantes dignos dessa distinção”³. É de assinalar nessa notícia, na entrevista realizada ao Engenheiro Gomes da Silva, Diretor-Geral da Direção-Geral dos Edifícios e

1 Nesse período o Chefe de Estado era o Marechal António Óscar de Fragoso Carmona (1869-1951), o 11º Presidente da República Portuguesa ocupando essa função entre os anos de 1926 e 1951.

2 Celebração do Duplo Centenário da Fundação (1140) e da Restauração da Nacionalidade (1640) que esteve na génese da Exposição do Mundo Português que decorreu em Lisboa de 23 de junho a 2 de dezembro de 1940, coincidindo com o primeiro ano da Segunda Guerra Mundial. Foi considerado como o acontecimento político-cultural mais marcante do Estado Novo.

3 *Diário de Notícias*, nº 26082 de 16 de setembro de 1938, a citação seguinte reporta à mesma referência.

Monumentos Nacionais (DGEMN), a sua preocupação em estabelecer uma distinção entre o espaço museológico turístico e os espaços passíveis de serem destinados a outras finalidades. Nas suas palavras, “Não será talvez uma residência permanente. Há dependências sem que seja necessário tocar na parte monumental digamos turística com acomodações convenientes à alta personalidade do nosso Chefe de Estado (...) É mais que certo que em 1940 já o Sr. Presidente ali possa dispensar nas honras convenientes às personalidades que nos visitarem, e mesmo a alguém que tenha de ser nosso hóspede...”.

No dia 31 de julho de 1939 teve então início a intervenção no Pavilhão D. Maria I. Esta informação foi comunicada ao Chefe da Repartição do Património da Direção-Geral da Fazenda Pública, por António Ventura Porfírio (1908-1998)⁴, o 2º Conservador do Palácio Nacional de Queluz: “Comunico a V.Ex que o Adjunto do Diretor da Escola Prática de Agricultura me entregou hoje as chaves da parte do edifício onde estavam instalados os serviços da referida escola. Imediatamente entreguei essa chave ao encarregado das obras para que os trabalhos de adaptação e restauro daquele edifício fossem iniciados.”⁵

O pavilhão foi desocupado, e da residência do Diretor da Escola Prática de Agricultura, que também estava instalada no mesmo edifício, foram retirados e devolvidos ao palácio algumas peças de mobiliário que tinham sido emprestadas⁶. Os trabalhos de adaptação e remodelação avançam ativamente ao longo de 1939. Os relatórios mensais de António Ventura Porfírio, remetidos à Repartição de Património, fornecem um relato detalhado do progresso das obras, durante esse período; os pavimentos são consolidados, são levantadas novas divisórias, é executada a instalação elétrica, são instaladas as canalizações, é construída uma cozinha e casas de banho modernas, decorrem as obras de carpintaria e executam-se os rebocos.

4 António Ventura Porfírio, foi 2º Conservador do Palácio Nacional de Queluz entre 1938 e 1973. Fez parte da primeira geração de conservadores de museus e palácios, que frequentaram o Estágio de Conservador de Museu organizado pelo Museu Nacional de Arte Antiga. O lugar de 1º conservador era ocupado pelo Superintendente Artístico dos Palácios Nacionais, o Arquiteto Raul Lino.

5 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº1, nº 231 de 31 de julho de 1939, p.49.

6 Arquivo do PNQ – Bens Móveis do Estado, ofício de 7 de agosto de 1939.

Comparando o levantamento arquitetónico, executado em 1933⁷ [fig. 1], como parte dos trabalhos de preparação para o grande restauro do Palácio Nacional de Queluz, com a planta de 1939⁸ [fig. 2] é possível avaliar o grau significativo de alterações realizadas durante a intervenção, sendo as de maior expressão a construção do átrio de entrada, da escadaria de honra e o correspondente átrio no primeiro andar [figs. 3 e 4], onde se localizam os principais aposentos que correspondem aos que eram ocupados pela Rainha D. Maria I, tendo alguns compartimentos sido demolidos para esse fim. No primeiro piso, andar nobre, ficaram instalados o apartamento do Chefe de Estado, que incluía uma sala de visitas, gabinete de trabalho, casa de banho e roupeiro; sala do café e a sala de jantar do Chefe de Estado; copa; dois apartamentos com casas de banho para a comitiva; dois apartamentos com casas de banho para os particulares; átrio e escadaria e escadaria interna⁹. No rés-do-chão: átrio; sala de estar; três quartos; casa de banho, a única localizada neste piso; portaria ou átrio das escadas de serviço; sala da comitiva; cozinha e casa da guarda.

Para a decoração dos átrios e escadaria, o Arquiteto Raul Lino (1789-1979)¹⁰ propôs ao Engenheiro Diretor-Geral da DGEMN, a aplicação de azulejos do século XVIII “Tendo sido retirados do Edifício da Quinta da Nazaré, onde vai ser construído o Hospital Escolar¹¹, os azulejos decorativos do século XVIII e que estão na posse da Direcção-Geral da Fazenda Pública, tenho a honra de propor a V.Ex^a a aplicação destes azulejos (...) na Residência do Chefe de Estado, no Palácio Nacional de Queluz.”¹² [figs. 5 e 6] Em fevereiro de 1940 deram entrada em Queluz 25 caixas contendo os referidos azulejos que estavam depositados na Casa Viúva Lamego¹³. Estes azulejos serão também aplicados na sala de Jantar do primeiro andar.

7 Arquivo do PNQ – Planta primeiro piso, 1933.

8 Arquivo do PNQ – Planta primeiro piso, 1939.

9 Visível nas plantas de 1933 e 1939.

10 O Arquiteto Raul Lino desempenhava, nesse período, o cargo de Arquiteto-Chefe da Repartição de Estudos e Obras de Monumentos da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, do Ministério das Obras Públicas. No âmbito das suas responsabilidades profissionais, esteve intimamente envolvido no processo de restauro do Palácio Nacional de Queluz.

11 Refere-se ao Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

12 PT PCIP/SIPA FOTO.0176481, Raúl Lino, 28 de dezembro, 1939.

13 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº1, nº 334, 7 de fevereiro de 1940, p.61.

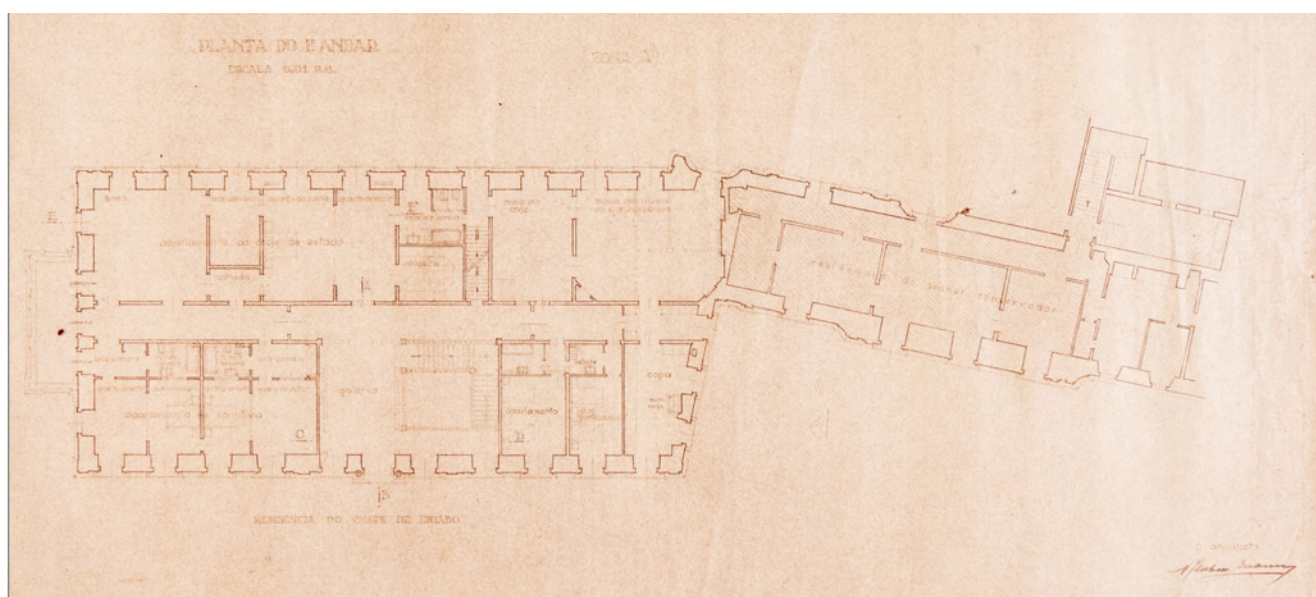


[fig. 1]

Planta do primeiro andar. Residência do Chefe de Estado, 1933

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

©PSML/José Marques Silva



[fig. 2]

Planta do primeiro andar. Residência do Chefe de Estado, 1939

Marcada na planta a denominação dos compartimentos;

Apartamento do Chefe de Estado: entrada; sala; antecâmara (gabinete de trabalho), quarto de cama; quarto de vestir; retrete e banho; roupeiro.

Sala do Café; Sala da Mesa do Chefe de Estado.

Apartamentos da Comitiva (dois): antecâmara; retrete lavabo; quarto de vestir; quarto de cama.

Galeria (átrio do primeiro andar); Apartamento dos Particulares (dois); Copa; Residência do Senhor Conservador.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

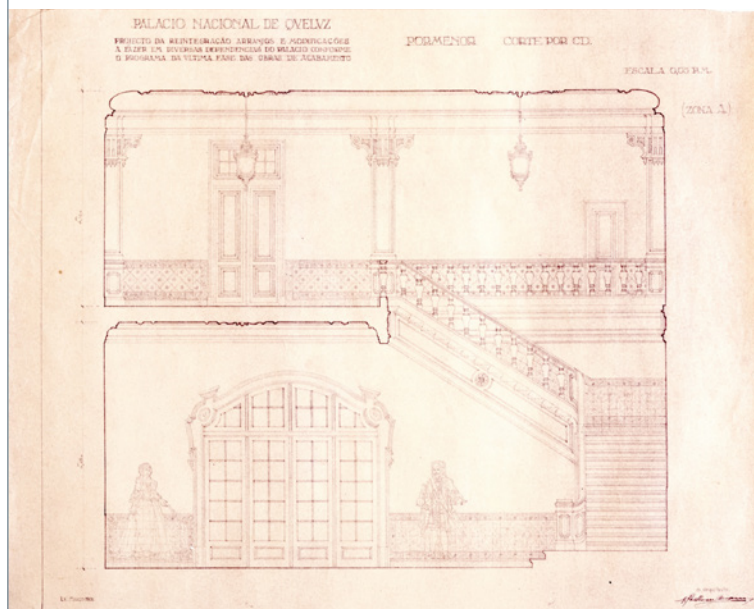
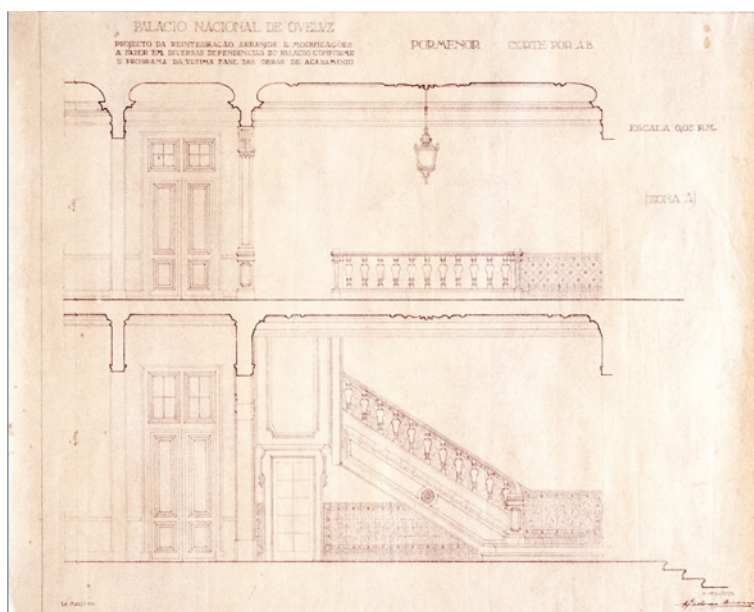
©PSML/José Marques Silva

[figs. 3 e 4]

Residência do Chefe de Estado, projetos dos átrios do primeiro andar e do rés-do-chão, 1939

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

©PSML/José Marques Silva



[fig. 5]

Quinta da Nazaré registada no levantamento da planta de Lisboa realizado entre 1904 e 1911

Júlio António Vieira da Silva Pinto, 1908.

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/CMLSBH/PURB/003/00056/140

© Arquivo Municipal de Lisboa



[fig. 6]

Painel de azulejos proveniente da Quinta da Nazaré, em Lisboa. Átrio do rés-do-chão

© PSML/José Marques Silva

À medida que as obras chegavam ao seu termo e a data de abertura da Exposição do Mundo Português se aproximava, inicia-se a preparação e decoração da residência. No relatório de julho, remetido à Repartição de Património, Ventura Porfírio menciona que “O Senhor Ministro¹⁴ ordenou fosse rapidamente organizado o projecto e estimativa do mobiliário para a residência do Chefe de Estado. Foram incumbidos deste trabalho os arquitectos Srs. Raúl Lino e Guilherme Rebelo de Andrade”¹⁵. Entre julho e outubro de 1940 foi adquirido, todo o recheio do pavilhão, num montante aproximado de 300 contos, conforme documentado numa listagem existente no arquivo do palácio, intitulada: “Relação do Mobiliário e Objectos de Toilette, Fogões, Candieiros, Etc, e Respectiveos Valores Fornecidos Para o Palácio Nacional de Queluz Durante o Ano de 1940”¹⁶.

No dia 9 de outubro, Ventura Porfírio comunicou ao Chefe da Repartição do Património que, “Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas visitou ontem o Palácio, onde veio estudar a disposição e arranjo do Palácio de D. Maria I, afim de ali serem alojadas como hóspedes do governo, as Senhoras Infantas de Bragança e sua

14 Duarte Pacheco (1900-1943), Ministro das Obras Públicas e Comunicações, entre 1938 e 1943.

15 Arquivo do PNQ – Relatório de julho de 1940.

16 Arquivo do PNQ – Bens Móveis do Estado 1896-1955. O mobiliário é distribuído de acordo com uma numeração embora sem a legenda correspondente que permitisse identificar claramente cada compartimento do pavilhão.

comitiva”¹⁷. Esta constitui a primeira referência à identidade dos convidados do Governo, que serão os primeiros a ficarem alojados no Pavilhão D. Maria I. As Senhoras Infantas de Bragança¹⁸, descendentes do rei D. Miguel I (1802-1866), convidadas pelo Estado Português, como representantes da Casa de Bragança, a participar nas celebrações do Duplo Centenário¹⁹.

Continuam os preparativos do pavilhão residencial²⁰. O *Diário de Lisboa*, na edição de 15 outubro, publicou na página quatro a seguinte notícia:

*Três Infantas de Bragança vêm assistir às festas comemorativas do centenário da restauração. No palácio de Queluz estão a preparar-se os aposentos onde serão instaladas, dentro de cerca de quinze dias, três infantas portuguesas que, a convite do nosso governo, representarão a Casa de Bragança nas festas comemorativas do centenário da Restauração: as Sras. D. Maria José de Bragança, Duquesa em Baviera, mãe da Rainha Isabel da Bélgica e avó do Rei Leopoldo da Bélgica, a Condessa de Bardi e D. Filipa de Bragança. As primeiras, filhas do rei D. Miguel de Bragança e a última sua neta e irmã do Príncipe D. Duarte Nuno.*²¹

Esta primeira notícia foi desenvolvida na edição de 17 de outubro, esclarecendo os leitores sobre o contexto e circunstância em que ocorreu a visita, e informações sobre as infantas convidadas²². Outras notícias serão publicadas, sobre o progresso das obras no Palácio Nacional de Queluz e a preparação da sua parte residencial, “A parte do Palácio que vai ser habitada pelas Infantas de Bragança é aquela que correspondia a antigas dependências da Escola de Agricultura, inteiramente renovadas, e não a que se integra no que se pode chamar Museu ou Salas históricas”²³.

17 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº1, nº 466, 9 de outubro de 1940, p.82.

18 D. Filipa de Bragança (1905-1990), neta de D. Miguel I, e as filhas de D. Miguel I; D. Maria José de Bragança (1857-1943); Duquesa da Baviera e D. Aldegundes de Bragança (1858-1946), Princesa de Parma, Condessa de Bardi.

19 Drumond Braga, 2019: 47.

20 O Pavilhão D. Maria I, também é identificado na documentação oficial, como Pavilhão Residencial e Parte Residencial do Palácio de Queluz.

21 (1940), “Diário de Lisboa”, nº 6430, Ano 20, Terça, 15 de Outubro de 1940, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_25744 (2023-1-23).

22 *Diário de Lisboa*, nº 6432 de 17 de outubro de 1940.

23 (1940), “Diário de Lisboa”, nº 6444, Ano 20, Terça, 29 de Outubro de 1940, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_25772 (2023-1-23).

A 22 de outubro a Presidência da República solicitou à Repartição do Património autorização, para que fossem cedidos a título de empréstimo para Queluz, objetos do Palácio Nacional da Ajuda, “julgados necessários para ornamentação do referido Palácio, durante a permanência no mesmo, das Infantas da Casa de Bragança.”²⁴ A 28 de outubro, D. Filipa de Bragança desembarcou em Lisboa, proveniente de Nova Iorque, transportada pelo Pacote grego Nea Hellas²⁵. Nesse mesmo dia, oito quadros destinados à decoração do pavilhão foram transportados da Ajuda para Queluz²⁶. Além disso, com a autorização do Ministro da Educação Nacional, foram emprestadas 18 pinturas e peças de porcelana do Museu Nacional de Arte Antiga, para o mesmo fim²⁷.

Finalmente, a 31 de outubro, a Infanta D. Filipa de Bragança instalou-se no Pavilhão D. Maria I²⁸ [figs. 7 e 8]. Nesse mesmo dia foi transportado do Palácio Nacional da Ajuda para Queluz, “1-Pano de veludo carmezim, bordado a ouro flôres de liz, e outros adornos, denominado dos Távoras.”²⁹ [fig. 9]. Tendo em conta a importância histórica e simbólica desta peça, o seu empréstimo foi autorizado superiormente e o seu transporte foi pessoalmente acompanhado por Joaquim Celestino Sampaio (1878-1963), Chefe da Repartição do Património, “a fim de decorar os aposentos de S.S. A.A as Infantas de Bragança, uma das tapeçarias denominada “Panos dos Távoras”, com o escudo da Casa de Bragança. A referida tapeçaria, que acompanhei até ao Palácio de Queluz, foi conduzida com todas as cautelas.”³⁰

Durante a estadia da infanta, por razões de segurança, tanto o palácio como os jardins permaneceram encerrados ao público³¹, tendo sido destacado um contínuo do palácio, para dar apoio à parte residencial³². A infanta permanecerá instalada no

24 Arquivo da DGTF – Processo -LL-1-1, Pavilhão D. Maria, 22 de outubro de 1940.

25 Drumond Braga, 2019: 49.

26 Arquivo do PNQ – Bens Móveis do Estado 1896-1955, 2ª relação, 28 de outubro de 1940.

27 Arquivo do PNQ – Bens Móveis do Estado 1896-1955, relação de 29 de outubro de 1940.

28 *Diário de Lisboa*, nº 6446 de 31 de outubro de 1940.

29 Arquivo do PNQ – Bens Móveis do Estado 1896-1955, 31 de outubro de 1940.

30 Arquivo da DGTF – Processo -LL-1-1, Pavilhão D. Maria, 5 de novembro de 1940.

31 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 29 de outubro de 1940.

32 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 29 de outubro de 1940.



[figs. 7 e 8]

D. Filipa de Bragança. Átrio do andar nobre da residência do Chefe de Estado

Fotografia de autor desconhecido, 31 de outubro de 1940.

Estas são as únicas fotografias conhecidas que documentam a instalação de D. Filipa de Bragança no Pavilhão D. Maria I no Palácio Nacional de Queluz, realizadas pelo *Diário de Notícias*.

Na segunda imagem, é possível identificar na parede da escadaria, o pano de porta conhecido como "Pano dos Távoras", pertencente ao Palácio Nacional da Ajuda.

Lisboa, Arquivo do Diário de Notícias

© Arquivo DN /GMG



[fig. 9]

Pano de porta

Veludo de seda, bordado a fio de seda, fio de papel laminado e dourado e fio metálico, século XVII.

Neste pano de porta, as armas da Família Távoras foram substituídas pelas armas dos Marqueses de Valenças.

Lisboa, Palácio Nacional da Ajuda

Inv. 4105

@PNA/Tales Leite

Pavilhão D. Maria I até à sua partida a 10 de dezembro. Não deixa de ser curiosa a circunstância desta primeira visita, que inaugura o Pavilhão D. Maria I na função de Estado na República, como Residência do Chefe de Estado e dos Hóspedes Ilustres do Governo, ter sido protagonizada por um descendente da Casa de Bragança.

As Infantas da Casa de Bragança descendentes de D. Miguel I

D. Miguel I (1802-1866) viveu no exílio desde 1834, e em 1851, aos 49 anos casou-se na Alemanha com a Princesa Adelaide de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg (1831-1909). Desse casamento nasceram 7 filhos:

D. Maria das Neves de Bragança (1852-1941), casou em 1871 com Afonso Carlos Fernando José João Pio, Infante de Espanha e Duque de S. Jaime;

D. Miguel Januário de Bragança (1853-1927), casou em 1877 com Isabel Maria Maximiliana (1860-1881). Casou em segundas núpcias em 1893 com Maria Teresa de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg (1870-1935);

D. Maria Teresa de Bragança (1855-1944), Princesa Imperial Consorte da Áustria por casamento em 1873 com o Arquiduque Carlos Luís da Áustria (1833-1896);

D. Maria José de Bragança (1857-1943), Duquesa da Baviera por casamento em 1879 com o Duque da Baviera, Carlos Teodoro (1839-1909). A sua filha Isabel casou com Alberto I da Bélgica;

D. Aldegundes de Bragança (1858-1946), Condessa de Bardi por casamento em 1876 com o Príncipe Henrique de Bourbon-Parma, Conde de Bardi;

D. Maria Ana de Bragança (1861-1942), Grã-duquesa de Luxemburgo por casamento em 1893 com o futuro Grão-duque, Guilherme de Nassau-Weilburg. A sua filha Carlota (1896-1985) foi Grã-Duquesa do Luxemburgo;

D. Maria Antónia de Bragança (1862-1959), Duquesa Titular de Parma por casamento em 1884 com o Duque Roberto I de Parma. A sua filha Zita Bourbon-Parma foi Imperatriz Consorte da Áustria.

Apesar de vigorar a Lei do Banimento³³, em várias ocasiões desde o final do século XIX, alguns dos descendentes de D. Miguel viajaram para Portugal. Essas visitas nem sempre ocorreram clandestinamente, e em algumas ocasiões chegaram a ter lugar encontros com Salazar. Da parte da família, a partir de 1939, começou a ser exercida alguma pressão para que o Governo autorizasse a sua entrada no país. Aproveitando as comemorações do Duplo Centenário de 1940, Salazar toma a decisão de convidar alguns dos descendentes de D. Miguel para representarem a Casa de Bragança nas comemorações. A família foi representada por D. Filipa de Bragança (1905-1990), neta de D. Miguel I, filha de D. Miguel Januário de Bragança (1853-1957), e pelas filhas de D. Miguel I: D. Maria José de Bragança (1857-1943), a Duquesa viúva da Baviera; e por D. Aldegundes de Bragança (1858-1946), Princesa de Parma, Condessa de Bardi³⁴.

33 Lei promulgada pela Rainha D. Maria II, a 19 de dezembro de 1834, que na sequência das lutas liberais, obrigou ao exílio D. Miguel e de toda a descendência, retirando-lhe o estatuto de realza e os direitos de sucessão ao trono de Portugal. Após a Implantação da República, a 15 de outubro de 1910 foi promulgada a Lei da Proscrição que obrigou ao exílio de todos os ramos da família real portuguesa. A Lei do Banimento só foi revogada a 27 de maio de 1950.

34 Drumond Braga, obra citada.



[figs. 10 e 10-1]

Fotografia de grupo, 1932

Na foto de grupo, figuram quatro filhas de D. Miguel I, da esquerda para a direita D. Maria José de Bragança (1857-1943), Duquesa da Baviera e D. Aldegundes de Bragança (1858-1946), Condessa de Bardi, cuja visita a Portugal esteve prevista em 1940, seguidas de D. Maria Teresa de Bragança (1855-1944), Princesa Imperial Consorte da Áustria e de D. Maria Ana de Bragança (1861-1942), Grã-duquesa de Luxemburgo.

Bélgica, Coleção RDJ

Disponível na página de facebook [Queen Elisabeth of the Belgians / Herzogin in Bayern](#), consultada a 16/10/2024

© Ralf De Jonge/ Cortesia



[figs. 11 e 11-1]

Fotografia de grupo, 1932

Na foto de grupo, figuram três filhas de D. Miguel I, da esquerda para a direita D. Maria Antónia de Bragança (1862-1959), Duquesa de Parma, D. Aldegundes de Bragança (1858-1946), Condessa de Bardi e D. Maria Ana de Bragança (1861-1942), Grã-duquesa de Luxemburgo.

Bélgica, Coleção RDJ

Disponível na página de facebook [Queen Elisabeth of the Belgians / Herzogin in Bayern](#), consultada a 16/10/2024

© Ralf De Jonge/ Cortesia

D. Filipa foi a primeira a chegar a Lisboa, a 28 de outubro, vinda de Nova Iorque, onde se tinha encontrado com as tias D. Maria Ana de Bragança, Grã-duquesa viúva do Luxemburgo; D. Maria Antónia de Bragança, Duquesa viúva de Parma, bem como com as suas primas Carlota (1896-1985), Grã-Duquesa de Luxemburgo e Zita Bourbon-Parma (1892-1989), Imperatriz Consorte da Áustria³⁵. Durante a sua estadia em Portugal, ficou instalada no Pavilhão D. Maria I, em Queluz, aguardando a chegada das suas tias. No entanto, vários imprevistos associados às dificuldades de circulação provocadas pela guerra³⁶ que assolava a Europa, impediram as duas infantas, suas tias, D. Maria José de Bragança e D. Aldegundes de Bragança, de viajarem para Lisboa, como estava inicialmente previsto.³⁷ [figs. 10 e 11]

35 Onde se encontravam exiladas na sequência da Segunda Guerra Mundial.

36 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

37 Drumond Braga, 2019: 51-52.

No seguimento da visita, procedeu-se à avaliação das necessidades relativas à decoração e ao recheio do pavilhão. Havia a percepção de que o mobiliário adquirido pela DGEMN, que ainda não tinha sido entregue na sua totalidade, não era suficiente e nem sempre adequado. Como mencionado anteriormente, a decoração foi complementada com a cedência de peças provenientes do Palácio Nacional da Ajuda e do Museu das Janelas Verdes³⁸. Posteriormente, os responsáveis da Repartição do Património envidaram esforços para permitir a permanência dessas peças em Queluz. O Arquiteto Raul Lino, Superintendente Artístico dos Palácios Nacionais³⁹ sugeriu que algumas delas, “tais como quadros, faianças, tapeçarias”⁴⁰ cedidas pelo Museu Nacional de Arte Antiga e pelo Palácio Nacional da Ajuda, permanecessem no pavilhão resolvendo assim a questão do “arranjo definitivo da Residência do Chefe de Estado.”⁴¹ Do Palácio Nacional da Ajuda foi autorizada a permanência das pinturas, em regime de depósito. A tapeçaria dos Távoras, bem como os objetos de mobiliário e adorno, prata, loiça e vidro⁴², foram devolvidos, assim como as peças emprestadas pelo Museu Nacional de Arte Antiga.

A 22 de maio de 1941, o Chefe da Repartição do Património, em ofício dirigido a António Ventura Porfírio considerou “que faz falta uma tapeçaria na escadaria da parte Presidencial”⁴³, onde estava colocada a tapeçaria dos “Távoras” do Palácio Nacional da Ajuda. Em resposta o 2º conservador de Queluz sugeriu que “Quanto à tapeçaria que faz falta no pavilhão do Chefe de Estado, parece-nos mais conveniente só a colocar ali quando se torne verdadeiramente indispensável isto é; quando esse pavilhão seja habitado. Dadas as condições do clima desta localidade, qualquer peça desse género, que ali estivesse colocada permanentemente, se deterioraria irremediavelmente.”⁴⁴

Ainda em 1940, foi determinado pela Repartição do Património, que se procedesse ao inventário e registo do recheio da residência, “Digne-se o Sr. 2º Conservador do Palácio Nacional de Queluz, acautelar devidamente os móveis de arte, móveis

38 Como era na época conhecido o Museu Nacional de Arte Antiga.

39 O decreto-lei de 3 de agosto de 1939, cria o lugar de Superintendente Artístico dos Palácios Nacionais, integrado na Direção-Geral da Fazenda Pública do Ministério das Finanças. Cargo que ocupava desde 1938.

40 Arquivo da DGTF – Processo -LL-1-1 Pavilhão D. Maria, 10 de dezembro de 1940.

41 Idem.

42 Arquivo da DGTF – Processo -LL-1-1 Pavilhão D. Maria, 20 de dezembro de 1940.

43 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 22 de maio de 1941.

44 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, livro nº 2, Ofício nº 111 de 27 de setembro, pp.98v.-99.

simples e o mais que foi reunido nesse palácio para cómodo de S. A. a Infanta de Bragança e fazer o inventário dos respectivos objetos nos mapas próprios do Cadastro.”⁴⁵ Perante essa determinação Ventura Porfírio solicitou que o inventário fosse efetuado apenas após a conclusão da entrega de todo o mobiliário, “pois só assim podemos organizar convenientemente os respectivos mapas.”⁴⁶ A entrega do restante mobiliário, ficou concluída em maio de 1941⁴⁷, e o inventário só foi finalizado na primeira quinzena de 1942⁴⁸, incluindo já as pinturas do Palácio Nacional da Ajuda, que entretanto foram cedidas a título definitivo para o acervo do Palácio Nacional de Queluz⁴⁹. [figs. 12, 13, 14 e 15]

Durante o ano de 1941, procedeu-se à limpeza, enceramento e arranjo da residência do Chefe de Estado. Pela sua função, foi dotada, “com uma rede própria de comunicações telefónicas, torna-se necessária a instalação de um P.A.B.X., com cinco estações e uma linha privativa, a colocação de um aparelho telefónico moderno, com 2 extensões, uma ligada à cabine P.A.B.X., a outra à residência do Conservador do Palácio⁵⁰”. No jardim, junto ao pavilhão “Fez-se a plantação do novo Jardim frente ao Pavilhão D. Maria e aproveitaram-se no arranjo do mesmo, vários plintos decorativos que se encontravam na arrecadação.”⁵¹ [fig. 16]

Concluídas as Comemorações do Duplo Centenário de 1940, que coincidiram com o início da Segunda Guerra Mundial, termina o breve período em que o Pavilhão D. Maria I, foi usado para a instalação de hóspedes ilustres do Governo. Na verdade, a conjuntura política da Europa não favorecia a realização de visitas oficiais entre nações, pelo que somente em 1949 é que a residência foi novamente utilizada nesta função, com a estadia do Generalíssimo Francisco Franco (1892-1975).

45 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 17 de dezembro de 1940.

46 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº1, nº 432 de 30 de janeiro de 1941.

47 Arquivo do PNQ – Relatório de maio de 1941.

48 Arquivo do PNQ – Relatório de janeiro de 1942.

49 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº1, nº 410 de 21 de dezembro, pps.88 e 88v.

50 Arquivo da DGTF – Processo -LL-1-1 Pavilhão D. Maria, ofício de 30 de dezembro de 1940.

51 Arquivo do PNQ – Relatório de abril de 1941.



[figs. 13, 14 e 15]

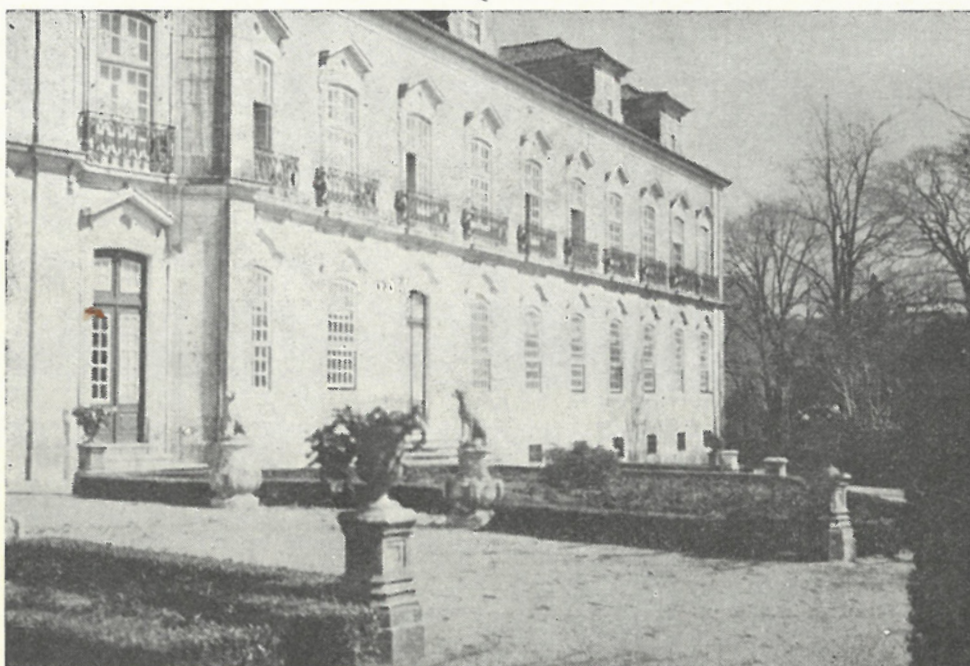
Átrios do rés-do-chão, primeiro andar e escadaria do Pavilhão D. Maria I

Fotografias de Fotografia Alvão, Lda, c.1941.

Estas fotografias, juntamente com as tiradas pelo *Diário de Notícias* durante a visita de D. Filipa de Bragança, são as únicas conhecidas que documentam nessa época os interiores do Pavilhão D. Maria I. Todos os objetos visíveis nas imagens correspondem ao recheio do pavilhão descrito no cadastro do palácio.

Porto, Centro Português de Fotografia
Depósito Geral, Estante 04, Prateleira 01
PT/CPF/ALV/032103;
PT/CPF/ALV/032102;
PT/CPF/ALV/032101

© CPF/Imagem cedida pelo CPF



Queluz — Palácio de D. Maria I — Fachada do lado dos jardins

Foto de F. Câncio

[fig.16]

Jardim do Pavilhão D. Maria I

Fotografia de Francisco Câncio, publicada no seu livro *O Paço de Queluz*, de 1950, p. 445.

Os plintos e os cães perdigueiros em mármore, visíveis na imagem, foram encomendados por D. Pedro III em Itália, cerca de 1760, para a decoração dos jardins do palácio. Em 2017, após a recuperação do Jardim Botânico, as esculturas regressaram ao seu local original, sendo novamente colocadas à volta do lago desse jardim.

Queluz, Biblioteca do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

como paredes de tabique, vãos, rodapés, soalhos, combinadas com o clima muito húmido de Queluz, foram as principais causas para a rápida propagação deste fungo. No seu relatório de junho de 1942, Ventura Porfírio reportou pela primeira vez o seu aparecimento “Tendo aparecido “tortulho” nas guarnições de 2 vãos do pavilhão D. Maria I, julgamos conveniente que se informe a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais afim de serem tomadas as necessárias providencias” ⁵³.

53 Arquivo do PNQ – Relatório de junho de 1942.

As ações de combate ao fungo eram executadas em várias etapas. Assim que se identificava o local onde o “tortulho” aparecia, a madeira atacada era removida e substituída por outra, ou no caso das paredes, por tijolo. Além disso procedia-se à limpeza e desinfecção das áreas afetadas com cloreto de cal, fazia-se o arejamento do pavilhão, e criavam-se aberturas de ventilação no soalho. Entre 1942 e 1948, em todos os seus relatórios mensais, Ventura Porfírio descreveu de forma minuciosa, por vezes num tom dramático, sempre demonstrando grande preocupação, o andamento das obras e a identificação de novos focos de infecção. Dada a extensão e frequência das intervenções e a necessidade de preservar o mobiliário da residência, foi tomada a decisão, em 1943, de retirar todo o recheio para espaços de reserva. A reposição completa da totalidade do recheio só ocorreu em 1949⁵⁴.

..... §

54 Arquivo do PNQ – Relatórios de António Ventura Porfírio, 1938 – 1947.

Arquivo da DGTF – Processo 26-LL-571 – Relatórios de António Ventura Porfírio, 1944 – 1962.



AS PRIMEIRAS VISITAS DE ESTADO. 1949-1956

Após a Segunda Guerra Mundial e no contexto da Guerra Fria, Portugal optou por manter a sua posição de neutralidade e reforçar laços diplomáticos para preservar o seu extenso império colonial, crucial para sua política económica. Neste contexto, o Pavilhão D. Maria I começou a ser preparado para receber visitas de Estado. Além da sua utilização prática, deveria ser também um local de encontro diplomático e protocolar.

Em 1946, foram efetuados preparativos para a estadia do Presidente da República, Óscar Carmona¹, no entanto, tal nunca chegou a acontecer. Certo é que o pavilhão passou a ser usado como residência dos Chefes de Estado e convidados ilustres em visita a Portugal², função que durante a Monarquia Constitucional, tinha sido atribuída ao Palácio de Belém.

1 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, 2 ofícios de 4 de novembro de 1946. "Ao Senhor Conservador do Palácio Nacional de Queluz (...) queira informar sobre se as dependências desse Palácio destinadas a residência de Sua Excelência o Senhor Presidente da República estão completamente acabadas ou faltam quaisquer obras para aquele fim, indicando-as."

2 O Pavilhão D. Maria I integrará o conjunto de residências atribuídas por função ao Presidente da República. O Palácio de Belém, residência oficial; o Palácio da Cidadela de Cascais, a residência de verão; e o Paço dos Duques em Guimarães, a residência do Presidente da República na região norte do país.

Visita do Chefe de Estado Espanhol, Generalíssimo Francisco Franco, 22 a 27 de outubro de 1949

A visita do Chefe de Estado espanhol, Generalíssimo Francisco Franco (1892-1975)³, foi um acontecimento importante para o regime de António Oliveira Salazar (1889-1970), tendo representado uma oportunidade para o fortalecimento das relações entre Portugal e Espanha. Ambos os países possuíam regimes autoritários e partilhavam algumas afinidades políticas e ideológicas, bem como uma postura semelhante em relação à nova ordem política internacional.

Em agosto de 1948, o Pavilhão D. Maria I começou a ser preparado para esta visita, conforme comunicado pelo Conservador Ventura Porfírio ao Chefe da Repartição do Património: “Sua Excelência o ministro das Obras Publicas visitou ontem o referido Pavilhão para estudar as necessidades daquela edificação, em vista de vir a ser necessária no próximo mês de Outubro para alojamento de hóspedes do Governo”⁴. Pela consulta da correspondência conservada no arquivo do palácio, parece que a visita estava prevista ocorrer ainda durante o ano de 1948, mas só se concretizou no ano seguinte. A sua preparação foi alvo de grande cuidado por parte do Governo português. O programa e todo o cerimonial e protocolo associados, foram supervisionados e aprovados pelo Presidente do Conselho, António Oliveira Salazar, que inclusive visitou a residência para averiguar o seu estado de conservação e decoração interior. Ventura Porfírio refere no seu relatório de dezembro de 1948 que:

*No passado dia 26, Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho visitou o Palácio e Jardins que percorreu demoradamente. (...) Visitou também o Pavilhão de D. Maria I que parece não ter agradado inteiramente. Na verdade, algumas das peças que guarnecem o Pavilhão, são de gosto duvidosos. A sua aquisição explica-se, pelo facto de em 1940 ter sido necessário mobilar e guarnecer aquelas dependências quasi de um dia para o outro.*⁵

3 O Generalíssimo Francisco Franco, foi Presidente do Governo de Espanha de 1938 a 1973.

4 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 11 de agosto de 1948.

5 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório de dezembro de 1948.

A má impressão causada pela qualidade do recheio da residência, não foi nova para Ventura Porfírio, que já a tinha reportado superiormente em 1940, na sequência da visita de D. Filipa de Bragança. No seguimento da visita de inspeção, foram nomeados os conservadores dos Palácios Nacionais de Queluz e da Ajuda, para encontrarem nas reservas deste último, “quaisquer móveis que possam servir para decorar as salas do pavilhão daquele Palácio destinado a residência do Chefe de Estado”⁶. No seu relatório de abril Ventura Porfírio fez o resumo dos trabalhos:

(...) a riqueza do recheio do Palácio da Ajuda, tirou-nos de dificuldades.

O Pavilhão foi totalmente remodelado e conseguiu-se dar-lhe uma feição inteiramente nova, cómoda e sumptuosa. A categoria e quantidade de peças deslocadas da Ajuda, assim como a colaboração do colega Cayola Zagalo facilitaram a solução do problema.

Cremos que ao Ministério das Obras Públicas deve ter agradado o arranjo que em breves dias conseguimos fazer.

Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas já visitou o Pavilhão e, supomos ter saído bem impressionado.

Acabando agora de constatar-se que os móveis e adornos adquiridos em 1940, na sua quase totalidade, são impróprios para arranjo do Pavilhão, parece-nos que não se deve pensar em voltar a coloca-los naquelas dependências.

*O melhor seria dar-lhes destino, e estudar o arranjo definitivo da parte residencial do Palácio.*⁷

Esta primeira visita de estado marcou o início de uma colaboração que se estendeu por vários anos, entre os conservadores de Queluz e da Ajuda, nomeadamente António Ventura Porfírio e Manuel Cayolla Zagalo (1904-1970)⁸, na preparação e decoração do Pavilhão D. Maria I, uma vez que a maior parte das peças necessárias para a sua decoração provinha das reservas do Palácio Nacional da Ajuda. Em alguns casos optou-se por manter peças em permanência ou transferi-las definitivamente para Queluz dado serem essenciais para a residência⁹. Com esta medida, resolviam-se os problemas detetados relativamente à qualidade do recheio e, por outro lado, evitavam-se as aquisições solicitadas por Ventura Porfírio, que seriam, sem dúvida muito onerosas para o orçamento disponível.

6 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 17 de dezembro de 1948.

7 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório de abril de 1949.

8 Manuel Carlos de Almeida Cayolla Zagalo, foi conservador do Palácio Nacional da Ajuda de 1938 a 1964.

9 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofícios de 22 de novembro de 1949, 21 e 23 de janeiro de 1950.

A instalação de Chefes de Estado na residência, exigiu também a implementação de uma série de medidas que se tornariam habituais, como o encerramento do palácio cinco dias antes e cinco dias depois das visitas para preparar a sua decoração, a nomeação de funcionários do palácio para dar apoio durante as estadias, a deslocação de vários porteiros da Assembleia Nacional (hoje Assembleia da República) e funcionários da Presidência da República (Palácio de Belém) para serviço no pavilhão, a presença de um piquete de bombeiros (de Queluz), a decoração exterior com plantas trazidas da Câmara de Lisboa (viveiros municipais) e outros equipamentos fornecidos pela Câmara de Sintra. E mesmo providenciar alojamento para a Guarda Nacional Republicana responsável pela guarda de honra.¹⁰

Preparado para receber o Chefe de Estado Espanhol, o pavilhão foi ocupado na véspera do início da visita, no dia 21 de outubro, conforme noticiado pelo *Diário de Lisboa*: “A esposa do chefe de Estado Espanhol chegou hoje a Lisboa e ficou já instalada nos seus aposentos no Palácio de Queluz”¹¹. Também foi publicado pelo mesmo jornal que “a sr^a D. Carmen Polo Franco e as individualidades que a acompanharam assistiram à missa celebrada na capela privativa do palácio pelo sr. Cónego dr. Honorato Monteiro. Antes, porém, foram-lhe mostradas as dependências que lhe são destinadas e que lhe mereceram as mais elogiosas referências”. A capela privativa mencionada na notícia correspondia, na realidade, a um pequeno oratório¹², montado especialmente para o efeito num dos compartimentos da residência, decorado com peças trazidas do Palácio Nacional da Ajuda. [figs. 1, 2 e 3]

10 Por ocasião desta visita ficaram alojados nas dependências destinadas à casa de chá, o Restaurante Cozinha Velha.

11 (1949), “Diário de Lisboa”, nº 9661, Ano 29, Sexta, 21 de outubro de 1949, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_20867 (2023-9-19) a citação seguinte reporta à mesma referência.

12 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 8 de julho de 1949, “Sem dúvida que um dos compartimentos que resultou mais interessante foi a improvisação de uma linda Capela, ou oratório, numa pequena antecâmara que era desprovida de qualquer cunho artístico”.



[fig. 1]

Altar portátil

Madeira, couro, veludo, metal, prata e prata dourada

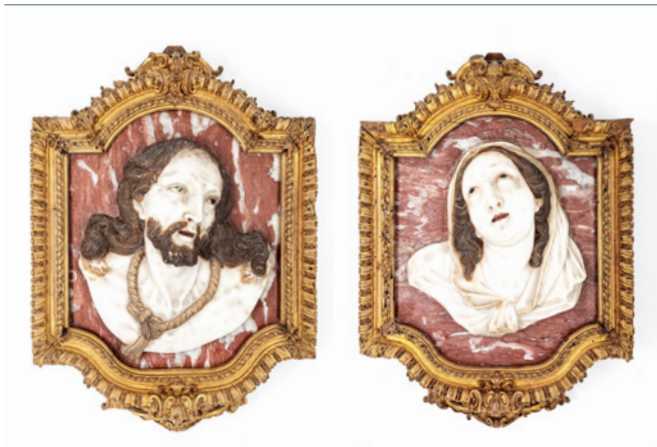
Portugal, século XVIII

Em 1951, concretizou-se a sua transferência para o acervo do Palácio Nacional de Queluz para integrar a decoração do Pavilhão D. Maria I.

Queluz, Palácio Nacional de Queluz

Inv. PNQ 1403

©PSML/Luís Duarte



[figs. 2 e 3]

Bustos de Jesus Cristo e da Virgem Maria

Madeira e mármore

Portugal, século XVIII (meados)

Em 1951, concretizou-se a sua transferência para o acervo do Palácio Nacional de Queluz para integrar a decoração do Pavilhão D. Maria I.

Queluz, Palácio Nacional de Queluz

Inv. 1404/1

©PSML/José Marques Silva



[fig. 4]

Chegada do Generalíssimo Francisco Franco ao Palácio Nacional de Queluz, acompanhado pelo Presidente da República Óscar Carmona

Fotografia de autor desconhecido, 22 de outubro de 1949.

Lisboa, Arquivo do Diário de Notícias

© Arquivo DN/GMG

No dia 22, após a receção oficial no Terreiro do Paço, o Generalíssimo Francisco Franco dirigiu-se para Queluz, acompanhado pelo Presidente da República, Marechal Óscar Carmona [fig. 4]. Em Queluz, no dia 23, o Chefe de Estado espanhol ofereceu uma receção, na Sala do Trono, à comunidade espanhola [fig. 5]. No dia 25, a visita prosseguiu para o Norte do país, num comboio preparado especialmente para o Generalíssimo e sua comitiva, que os aguardava na estação de Queluz¹³.

13 *Diário de Lisboa*, nº 9665 de 25 de outubro de 1949.

23.10.49



Durante a recepção que o
generalíssimo concedeu, no
Palácio de Queluz, à
colónia espanhola de Lisboa

[fig.5]

**Durante a recepção que o Generalíssimo concedeu, no Palácio de Queluz,
à colónia espanhola de Lisboa**

Provas fotográficas do Álbum nº 101, autor não mencionado, 23 de outubro de 1949.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º101
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0101

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 6]

Partida do Generalíssimo Francisco Franco do Palácio Nacional de Queluz

Fotografia de autor desconhecido, 27 de outubro de 1949.

A saída fez-pelo portão da Ajuda.

Lisboa, Arquivo do Diário de Notícias

© Arquivo DN/GMG

A visita terminou a 27 de outubro [fig. 6]. A residência foi encerrada após a devolução das peças emprestadas, com exceção das provenientes do Palácio Nacional da Ajuda que passaram a integrar o seu recheio¹⁴. Em ofício de 3 de fevereiro de 1950, o conservador da Ajuda informou a Repartição do Património da localização, no andar nobre, do mobiliário transferido:

Os móveis deste Palácio que constam do meu ofício (...) como havendo vantagem em ficarem em Queluz, destinam-se a guarnecer dois quartos; a capela oratório que foi propositadamente feita por nós e revestida de veludo; e a sala do Trono.

Quanto às placas destinam-se a figurarem no vestibulo do 1º andar.

*Isto diz evidentemente respeito à ala do Palácio onde esteve hospedado o Chefe de Estado de Espanha e que de colaboração com o meu colega de Queluz, mobilámos de forma a não ofender o brio de Portugal como país civilizado e culto.*¹⁵

14 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 19 de dezembro de 1949.

15 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 3 de fevereiro de 1950.



[fig. 7]

O Cardeal Tedeschini ao chegar ao Palácio de Queluz, onde ficará alojado enquanto permanecer em Lisboa

Prova fotográfica do Álbum nº 107, autor não mencionado, 9 de outubro de 1951.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º107
 PT/TT/EPJS/SF/001-001/0107

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

Visita do legado do Papa, Cardeal Frederico Tedeschini, 9 a 15 de outubro de 1951

Por decisão do Papa Pio XII (1876-1958)¹⁶, Portugal foi escolhido para o Encerramento do Ano Santo de 1951. As Solenidades foram presididas pelo seu representante, o Cardeal Frederico Tedeschini (1873-1959)¹⁷, e tiveram lugar a 13 de outubro no Santuário de Fátima. Este evento coincidiu com a comemoração do 34º aniversário da última aparição, tendo sido não só um importante acontecimento de natureza religiosa, mas também político e diplomático. Por esse motivo, a estadia do legado do Papa, recebeu tratamento semelhante ao concedido a um Chefe de Estado: [fig. 7]

Tendo o Governo português decidido que o Cardial Legado que vem presidir às Solenidades do Encerramento do Ano Santo, e sua comitiva, sejam hospedados, durante a sua estadia em Portugal, no Palácio Nacional de Queluz, rogo V.Exª se digne dar as ordens que entender necessárias para esse fim.

*Igualmente rogo a V.Exª. o favor de autorizar que de qualquer Palácio Nacional sejam fornecidos os móveis e adornos necessários para que o Palácio Nacional de Queluz possa receber condignamente o Cardial Legado.*¹⁸

16 Papa Pio XII, nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi eleito Papa em 1935 até à sua morte em 1958.

17 Cardeal Frederico Tedeschini, nomeado Cardeal em 1933 e Datário Papal em 1938.

18 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 11 de setembro de 1951.



[fig. 8]

Fachada do Corpo Central

© PSML/José Marques Silva

Em virtude do considerável número de membros da comitiva do legado do Papa, que excedia a disponibilidade de alojamento do Pavilhão D. Maria I, foi decidido instalar alguns no corpo central do palácio [fig. 8], que nesse período se encontrava vazio e sem função. Preparou-se a residência da forma habitual, mais uma vez, recorrendo às reservas dos palácios nacionais:

*(...) foi autorizada a utilização das dependências do Corpo Central desse Palácio necessárias para a hospedagem dos membros da comitiva de Sua Eminência o Cardeal-Legado que vem presidir às Solenidades do Encerramento do Ano Santo, e a utilização de quaisquer móveis dos outros Palácios Nacionais de que haja necessidade para se receberem condignamente Sua Eminência e a sua comitiva.*¹⁹

O intenso programa da visita, que era necessário cumprir, raramente incluía momentos de descanso ou lazer. No entanto, durante esta estadia, sabemos que no dia 14 de outubro, de acordo com o *Diário de Lisboa*, “O legado do Papa passou o dia

19 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 25 de setembro de 1951.

em Queluz (...) o cardeal D. Frederico Tedeschini, legado de sua Santidade visitou, demoradamente, antes do almoço, o Palácio Nacional de Queluz, onde está hospedado, e os seus maravilhosos jardins, na companhia do respectivo conservador, o sr. Ventura Porfírio.”²⁰

Com o fim da visita, procedeu-se mais uma vez à avaliação das necessidades da residência, não apenas no que diz respeito ao seu recheio, que continuava a ser uma preocupação constante, mas também no que se referia à melhoria do seu funcionamento. No relatório de outubro de 1951, Ventura Porfírio fez um levantamento dessas necessidades,

*Falta construir uma escada de serviço entre o 1º andar e o r/c e, outra entre este piso e a cave. A escada existente entre o piso nobre e o térreo, obriga o pessoal a atravessar parte do átrio e a saleta de passagem para o jardim, o que nos parece inconveniente e desagradável. Cremos mesmo, que o estudo duma boa organização de serviços do Pavilhão Residencial, obrigará a juntar a êste, as dependências do anexo contíguo, que serve atualmente de arrecadação.*²¹

Entre visitas, as obras de manutenção do pavilhão não paravam. A responsabilidade de coordenar essas ações competia ao conservador, que era igualmente responsável pela limpeza e manutenção do recheio, incluindo a renovação de estofos, cortinas e colchas. Simultaneamente, a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) conduzia intervenções quase contínuas para combater o fungo conhecido como “tortulho”. Em 1954, no seguimento de um grande temporal, o relatório de dezembro do mesmo ano elaborado por Ventura Porfírio descreve as intervenções realizadas, “As reparações dos estragos causados pelo ultimo temporal prosseguem. No Pavilhão de D. Maria I, levantaram as chaminés, repararam as portadas, clarabóias, vidraças, coberturas, algerozes e pintaram as fachadas, gradeamentos e vãos voltados para o Terreiro.”²² Este relatório já faz referência à próxima visita de Estado, prevista para o ano seguinte, 1955.

20 (1951), “Diário de Lisboa”, nº 10370, Ano 31, Domingo, 14 de outubro de 1951, Fundação Mário Soares / DRR – Documentos Ruella Ramos, Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_20376 (2023-5-22).

21 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório outubro de 1951.

22 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório dezembro de 1954.

Visita do Presidente dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), João Café Filho, 22 a 28 de abril de 1955

A 22 de abril de 1955, teve lugar a visita a Portugal do Presidente do Brasil, João Café Filho (1899-1970)²³, de retribuição à visita que o Presidente de Portugal, António José de Almeida (1866-1929)²⁴ fizera ao Brasil em setembro de 1922, por ocasião da Comemoração do Centenário da Independência do Brasil.²⁵

Após a confirmação da visita, foram iniciados os procedimentos habituais junto da Direção-Geral da Fazenda Pública pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Foram solicitadas as autorizações para utilização do Pavilhão D. Maria I para a instalação do presidente, bem como para o uso de mobiliário e objetos decorativos provenientes de outros palácios nacionais. A residência começou a ser preparada ainda em 1954 para receber o Chefe de Estado brasileiro. De acordo com a proposta de Ventura Porfírio²⁶, a DGEMN iniciou a construção da escada de serviço²⁷, embora tenha concluído apenas o lanço entre o piso térreo e o primeiro andar. As paredes dos compartimentos foram renovadas e melhoradas, substituindo-se o revestimento a gesso marmoreado por imitações de fresco, enquanto a instalação elétrica e o traçado de distribuição de águas foram renovados. Além disso, todos os quartos, tanto do andar nobre como do piso térreo, foram dotados com instalações sanitárias privativas, e uma nova rede interna de telefones foi instalada para substituir a provisória.²⁸ Em plantas datadas de 1951, estão marcadas as alterações realizadas em 1955.²⁹ [figs. 9 e 10]

No que diz respeito à decoração, foram adquiridos reposteiros e passadeiras para o andar nobre, abrangendo a sala de visitas, o gabinete de trabalho, o quarto principal, a sala de café e a sala de jantar³⁰. Mais uma vez, recorreu-se ao Palácio Nacional da Ajuda para a decoração, incluindo dois lustres, que foram colocados na escadaria e na

23 O Dr. João Café Filho, foi o 18º Presidente do Brasil, entre 1954 e 1955.

24 António José de Almeida, 7º Presidente da República Portuguesa, exerceu o seu mandato entre 1919 e 1923.

25 7 de setembro de 1822.

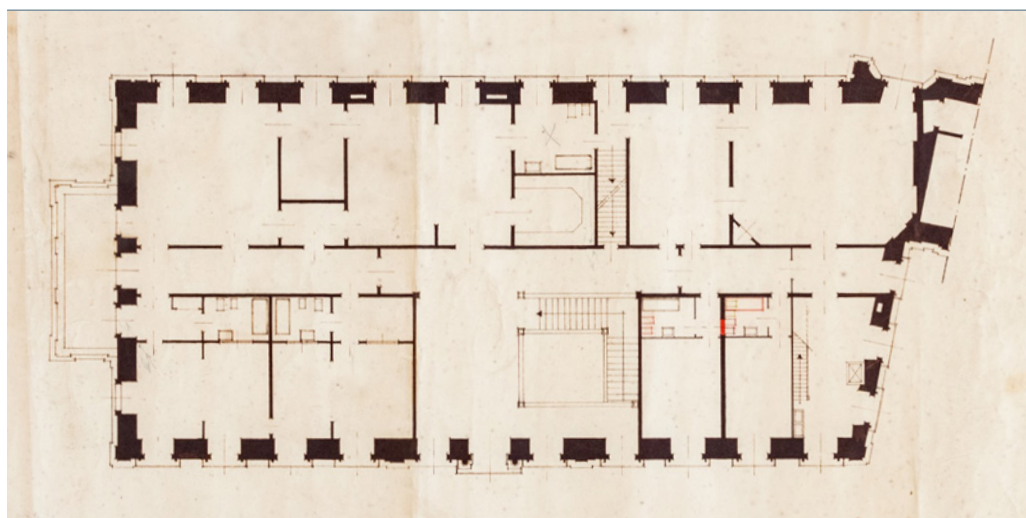
26 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório de janeiro de 1955.

27 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 8 de janeiro de 1955.

28 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório de abril de 1955.

29 Arquivo do PNQ – Plantas de 1951.

30 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 6 de março de 1955.

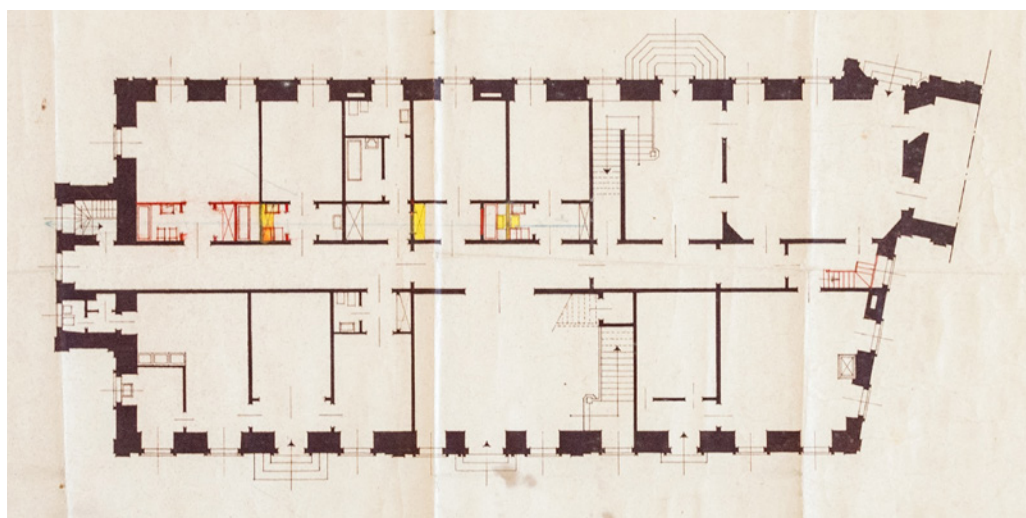


[figs. 9 e 10]

Plantas do andar nobre e do rés-do-chão, 1951

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva



sala de jantar do andar nobre. Tinha sido prevista a aquisição de dois lustres para estes espaços, que não se concretizou, devido à indisponibilidade no mercado de luminárias com as características adequadas. Com a verba disponível foram comprados 10 lustres para também serem instalados noutras dependências do pavilhão.³¹

31 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 30 de abril de 1955.

Leito de D. Pedro IV (D. Pedro I, Imperador do Brasil)

Devido à impossibilidade de preparar o Pavilhão D. Maria I com o mobiliário e demais objetos decorativos adquiridos pela DGEMN em 1940, escassos e pouco significativos, tornou-se necessário recorrer aos acervos dos palácios e museus nacionais. Nessas ocasiões as peças eram selecionadas pelos conservadores de Queluz e da Ajuda e depois transportadas para a residência - onde os Chefes de Estado visitantes e suas comitivas ficavam instalados. Os conservadores tinham plena consciência que as frequentes deslocamentos das peças as sujeitavam a um grande desgaste e ao risco de danos, sendo constante a preocupação em minimizar esses transportes, mantendo-as na residência sempre que possível. Essa solução foi a preferencialmente adotada, nomeadamente em relação ao Palácio Nacional da Ajuda, e sobretudo em relação aos objetos que circulavam mais frequentemente.

Nesse contexto, o leito de mogno polido, com aplicações de metal, estilo Império, como é descrito nas guias de empréstimo, foi cedido definitivamente para Queluz³². Em 1955, foi registado no Cadastro dos Bens do Domínio Público do Palácio Nacional de Queluz, com o número de ordem 1 de 1955, e recebeu o número de inventário PNQ 1440. A informação registada indica que o leito veio do Palácio Nacional da Ajuda, por despacho da Direção-Geral de 27 de junho de 1955. De acordo com uma investigação recente³³, trata-se do leito que pertenceu a D. Pedro (1798-1834), IV de seu nome em Portugal e I Imperador do Brasil.³⁴ [fig. 11]



[fig. 11]

Leito de D. Pedro IV

François-Honoré-Georges Jacob-Desmalter
Mogno e bronze dourado, França, 1817

Queluz, Palácio Nacional de Queluz
Inv. PNQ 1440

© PSML/José Marques Silva

Este leito tem afinidades com outro, mais rico, pertencente ao acervo do Palácio Nacional de Mafra. Ambos foram executados pelo ebanista francês François-Honoré-Georges Jacob-Desmalter (1770-1841) e integravam uma extensa encomenda da Casa Real portuguesa, realizada em Paris por ocasião do casamento do Príncipe D. Pedro de Bragança com a Arquiduquesa Maria Leopoldina da Áustria (1797-1826), que teve lugar no Rio de Janeiro a 6 de novembro de 1817.

32 Arquivo do PNQ – Expediente Geral, ofício de 27 de junho de 1955.

33 Marques, 2023: 293-321.

34 D. Pedro IV, Rei de Portugal e o primeiro Imperador do Brasil, nasceu a 12 de outubro de 1798 e morreu a 24 de setembro de 1834 no mesmo quarto no Palácio de Queluz onde nascera 35 anos antes.

Após o regresso de D. Pedro e da chegada da Princesa D. Maria da Glória, futura Rainha D. Maria II (1819-1853)³⁵, a Portugal, parte desse mobiliário foi trazido para o país, não sendo conhecida a data exata da sua entrada em Portugal. Durante o reinado de D. Maria II, esses móveis, fizeram parte do recheio do Palácio das Necessidades, tendo passado depois pelo Palácio de Belém. [fig. 12]

Entre 1949 e 1956, durante as visitas dos Chefes de Estado de Espanha e do Brasil, este leito terá sido escolhido para a suíte principal.



[fig. 12]
Os interiores do Paço de Belém

Fotografias publicadas na revista *Illustração Portuguesa* de 23 de janeiro de 1905.

Durante este período, o Palácio de Belém funcionava como residência para visitantes ilustres e Chefes de Estado estrangeiros. Em 1905, os Duques de Connaught, por ocasião da sua visita a Portugal, também aqui ficaram instalados. O leito de D. Pedro, visível na imagem, estava então colocado no quarto que, à época foi ocupado pela Duquesa de Connaught.

© BLX – Hemeroteca Municipal de Lisboa

35 D. Maria II, Princesa Imperial do Brasil de 1822 a 1825, e Rainha de Portugal por duas vezes, de 1826 a 1828 e de 1834 a 1853.

O cerimonial adotado para esta visita, teve como base o escolhido para a visita do Generalíssimo Franco em 1949. Isso incluiu o desembarque no Cais das Colunas com receção oficial pelo Presidente da República de Portugal³⁶, um desfile militar e, posteriormente, a partida para o Palácio Nacional de Queluz³⁷, onde a população o aguardava com o mesmo entusiasmo com que o tinha recebido em Lisboa³⁸. [figs. 13 e 14] Segundo o *Diário de Lisboa* de 22 de abril, o Chefe de Estado brasileiro ficou instalado no mesmo quarto que fazia parte dos aposentos da rainha D. Maria I, “O chefe do Estado brasileiro ficou no quarto de D. Maria I e a sua comitiva alojou-se em quartos próximos dos seus.”³⁹ O mesmo jornal noticia a 23 de abril que, “O presidente Café Filho (...) percorreu hoje de manhã, tranquilamente, algumas dependências do Palácio Nacional de Queluz, onde está alojado, e passeou nos jardins do nosso pequeno Versailles – já recamado de belas flores.”⁴⁰

João Café Filho, foi o primeiro Chefe de Estado a assinar o livro de honra do Palácio Nacional de Queluz. Por lapso do seu secretário particular, o livro foi levado para o Brasil, tendo sido devolvido em julho. No livro, além da sua assinatura o presidente escreveu uma mensagem de agradecimento ao presidente e ao Governo de Portugal. [figs. 15, 16 e 17] Este livro de honra testemunhou as visitas dos Chefes de Estado ao longo de vários anos, até 1973, quando deixou de ser usado.

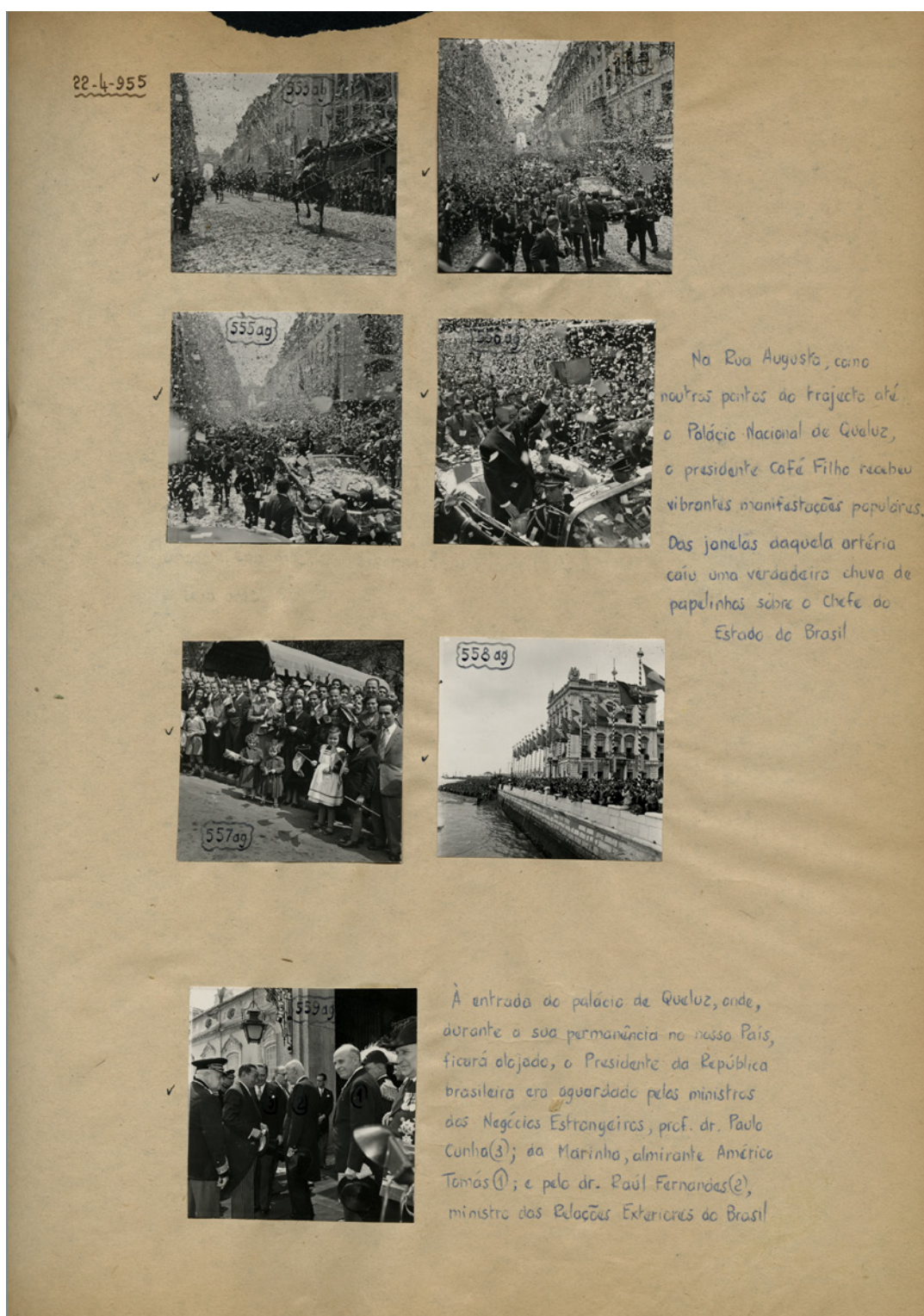
36 General Francisco Craveiro Lopes (1894-1964), 12º Presidente da República Portuguesa, exerceu o seu mandato de 1951 a 1958.

37 ANTT – Arquivo Oliveira Salazar, PC-38, cx. 619, pt. 23.

38 RTP Arquivos, disponível em: [Visita do Presidente do Brasil a Portugal – RTP Arquivos](#), a partir do minuto 2:43. Consultado a 01/07/2024.

39 (1955), “Diário de Lisboa”, nº 11631, Ano 35, Sexta, 22 de Abril de 1955, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_18956 (2023-12-6).

40 (1955), “Diário de Lisboa”, nº 11632, Ano 35, Sábado, 23 de Abril de 1955, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_18964 (2023-5-25).



[fig. 13]

Receção popular em Lisboa e chegada ao Palácio Nacional de Queluz

Provas fotográficas do Álbum nº 117, autor não mencionado, 22 de abril de 1955.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º117
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0117

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

27-4-955



Durante o banquete de gala,
realizado no Palácio de Queluz,
oferecido pelo dr. Café Filho em
honra do Presidente da República

→ O chefe do Governo, Dr. Oliveira Salazar, conduzindo,
pelo braço, a esposa do ministro dos Negócios Estrangeiros,
D. Maria Amélia Pita e Cunha



→ O dr. Garcia Pulido cumprimentando
o chefe do Estado brasileiro



→ Um trecho da sala do banquete



O dr. Café Filho lendo o seu discurso e trocando brindes com o
general Graça e Silva

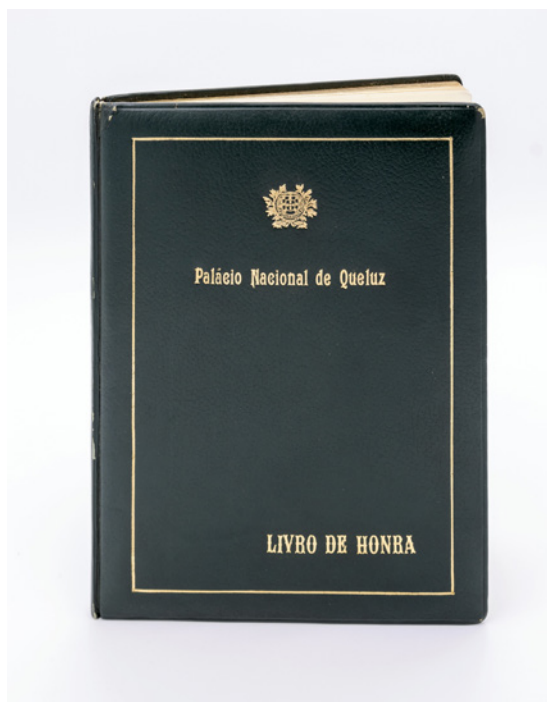
[fig. 14]

**Durante o banquete de gala, realizado no Palácio de Queluz,
oferecido pelo Dr. Café Filho em honra do Presidente da República**

Provas fotográficas do Álbum nº 117, autor não mencionado, 27 de abril de 1955.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º117
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0117

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 15]

Livro de Honra

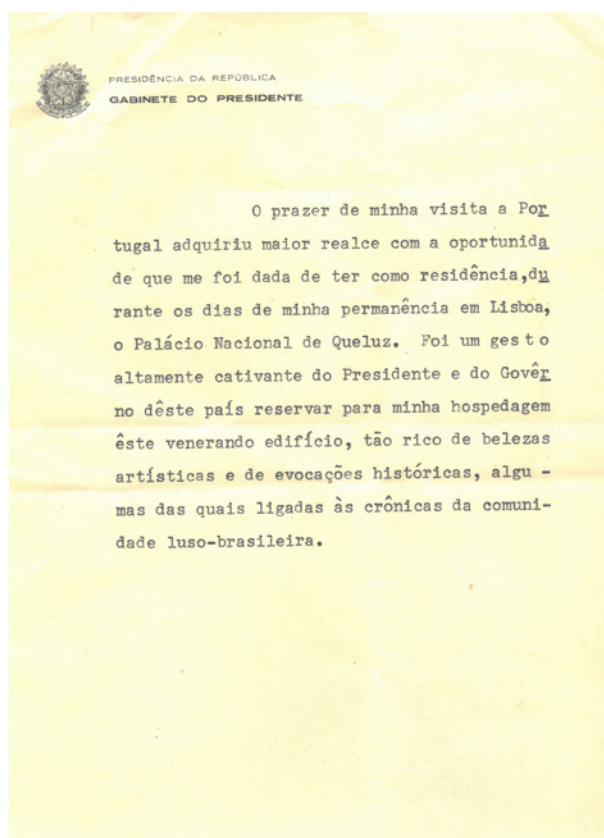
Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva

[figs. 16 e 17]

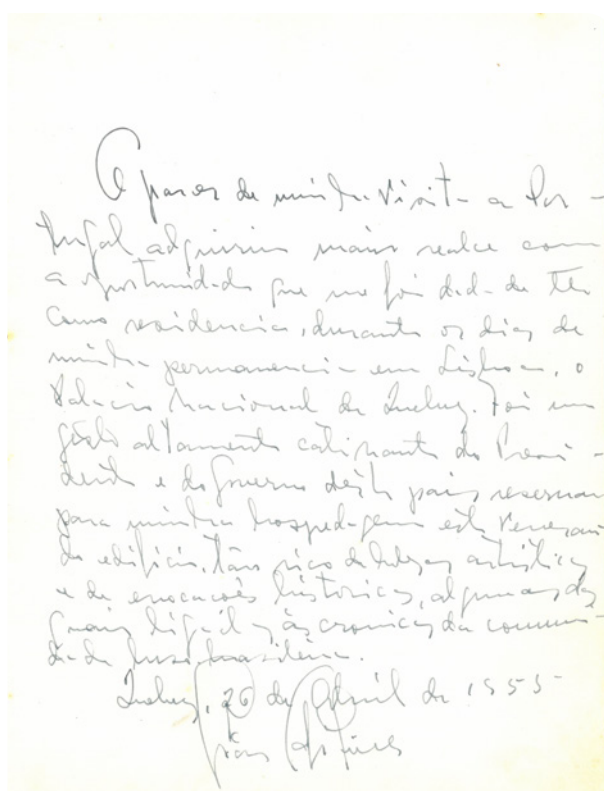
Mensagem de agradecimento e assinatura no Livro de Honra

© PSML



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE DO PRESIDENTE

O prazer de minha visita a Portugal adquiriu maior realce com a oportunidade de que me foi dada de ter como residência, durante os dias de minha permanência em Lisboa, o Palácio Nacional de Queluz. Foi um gesto altamente cativante do Presidente e do Governo deste país reservar para minha hospedagem este venerando edifício, tão rico de belezas artísticas e de evocações históricas, algumas das quais ligadas às crônicas da comunidade luso-brasileira.



O prazer de minha visita a Portugal adquiriu maior realce com a oportunidade que me foi dada de ter como residência, durante os dias de minha permanência em Lisboa, o Palácio Nacional de Queluz. Foi um gesto altamente cativante do Presidente e do Governo deste país reservar para minha hospedagem este venerando edifício, tão rico de belezas artísticas e de evocações históricas, algumas das quais ligadas às crônicas da comunidade luso-brasileira.

Lisboa, 26 de Abril de 1955
António de Oliveira Salazar

Visita do Presidente Eleito dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), Juscelino Kubitschek de Oliveira, 22 a 24 de janeiro de 1956

A visita de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976)⁴¹ a Portugal, ainda na condição de presidente eleito, reflete as sólidas relações entre os dois países, as quais António Oliveira Salazar tinha todo o interesse em fortalecer, visto que o Brasil, na época, era apoiante da política colonial portuguesa⁴².

Por determinação superior, o presidente eleito ficou instalado na residência⁴³, que foi preparada de acordo com os procedimentos habituais, seguindo as mesmas escolhas adotadas para a estadia do Presidente Café Filho. Foram transportadas peças do Palácio Nacional da Ajuda e do Museu Nacional de Arte Antiga, e instalados novos lustres, entretanto adquiridos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Pela primeira vez, também foi utilizado mobiliário emprestado pela Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva⁴⁴. Além disso, houve a preocupação de personalizar o arranjo da residência, selecionando objetos que estabelecessem uma ligação histórica com o país do Chefe de Estado visitante. Uma foto do arquivo do jornal *O Século*⁴⁵, registou o encontro no Pavilhão D. Maria I, entre Kubitschek de Oliveira e o General Craveiro Lopes [figs 18 e 19], mostrando o retrato de D. Pedro IV suspenso na parede da sala [fig. 20]. Este retrato faz parte do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, atualmente em depósito no Museu Nacional dos Coches. No mesmo dia, o presidente recebeu a imprensa na Sala do Trono do palácio. [fig. 21]

41 Juscelino Kubitschek de Oliveira, 21º Presidente dos Estados Unidos do Brasil, exerceu o seu mandato entre 1956 e 1961.

42 *Revista Municipal*, 1956: 6-7. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/N68/N68_master/N68.pdf. Consultada a 26/08/2024.

43 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício 5 de janeiro de 1956.

44 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº4, Nº 11/56 - Prº 41 de 26 de janeiro de 1956.

45 ANTT – Empresa Pública Jornal *O Século*, Álbuns Gerais, n.º 120, 73ah a 76ah, 22/1/1956.



[figs. 18 e 19]

O dr. Kubitschek de Oliveira passando revista à guarda de honra, quando da sua chegada ao Palácio de Queluz, onde recebeu os cumprimentos do Chefe de Estado português, general Francisco Higinio Craveiro Lopes

Provas fotográficas do Álbum nº 120, autor não mencionado, 22 de janeiro de 1956.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º120
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0120

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 20]

Retrato de D. Pedro IV

Maurício José do Carmo Sandim

Óleo sobre tela, Portugal, 1830

Lisboa, Museu Nacional dos Coches
Inv. HD 0026

© MMP, E.P.E/ADF, José Pessoa

22-1-956



O dr. Juscelino de Oliveira na recepção,
efectuada no Palácio de Queluz, aos
representantes da Imprensa



[fig. 21]

**O dr. Juscelino de Oliveira na recepção,
efectuada no Palácio de Queluz, aos
representantes da Imprensa**

Provas fotográficas do Álbum nº 120,
autor não mencionado, 22 de janeiro de 1956.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º120
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0120

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

Juscelino Kubitschek de Oliveira
Presidente eleito do Brasil
Lisboa 23-1-56

[fig. 22]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

© PSML

..... §



“A VISITA DO SÉCULO”.
VISITA OFICIAL
A PORTUGAL DA
RAINHA ISABEL II,
DO REINO UNIDO.

18 A 20 DE FEVEREIRO DE 1957

A visita da Rainha Isabel II¹ do Reino Unido a Portugal ocorreu no seguimento do convite do Presidente da República, o General Craveiro Lopes, como retribuição à viagem que este realizara a Londres em 1955. Craveiro Lopes foi o terceiro Chefe de Estado estrangeiro a visitar a rainha após a sua coroação, e a viagem de Isabel II a Portugal foi a quarta nas suas deslocações oficiais ao estrangeiro. O objetivo principal que motivou essas deslocações consistiu em fortalecer as sólidas relações históricas entre os dois países.

A visita decorreu num contexto marcado por uma intensa oposição internacional à política colonial portuguesa, particularmente nas Nações Unidas, onde Portugal enfrentava um isolamento crescente. Face a este cenário o Governo português empenhou-se consideravelmente na sua preparação. Aproveitou a presença de jornalistas estrangeiros para apresentar Portugal como uma nação “moderna” e, ao mesmo tempo, procurou aliviar a pressão internacional em relação à sua política externa.

Durante vários meses, o programa da visita foi cuidadosamente elaborado e negociado pelos serviços protocolares de Portugal e do Reino Unido, sob a coordenação do Gabinete do Presidente do Conselho de Ministros². Fez-se uma seleção criteriosa dos locais que receberiam a rainha e planearam-se todas as receções. Nenhum pormenor foi deixado ao acaso, e as notícias divulgadas nos jornais geraram uma grande expectativa entre os leitores, em consonância com a

1 Isabel II (1926-2022), Rainha do Reino Unido e dos Reinos da Comunidade de Nações de 1952 a 2022.

2 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626, capilha 5.

estratégia do governo de envolver a população neste evento. Não é surpreendente que a visita tenha sido considerada por muitos como a “visita do século”³, um acontecimento que perdura na memória coletiva até aos dias de hoje. O impacto que teve na população é visível nas reportagens da RTP, que realizou uma ampla cobertura televisiva, mostrando o ambiente quase apoteótico que acompanhou a rainha durante as suas deslocações pelo país.⁴

Também o Pavilhão D. Maria I, local escolhido para acolher a Rainha Isabel II e o seu marido, o Duque de Edimburgo, foi alvo de uma cuidadosa preparação, passando por uma extensa remodelação. A 29 de outubro de 1956, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e o Ministro das Obras Públicas visitaram o palácio “afim de estudarem a possibilidade de aqui se instalar um hóspede do Governo.”⁵ A preparação e a decoração do pavilhão residencial, de acordo com o procedimento habitual, foram confiadas aos conservadores dos Palácios Nacionais de Queluz e da Ajuda⁶. Numa informação de serviço datada de 26 de dezembro, o Ministério dos Negócios Estrangeiros informou o Gabinete do Presidente do Conselho sobre o esboço do programa da visita e dos preparativos em andamento. No que se refere a Queluz, o ministério informou:

1 – Queluz – Estão a realizar-se, no Palácio de Queluz, os trabalhos necessários para acomodação dos visitantes reais e sua comitiva. O Ministério das Obras Públicas e os Conservadores dos Palácios de Queluz e Ajuda – encarregam-se da obras e ulteriores decorações dos aposentos.

Tudo o que respeita a Queluz (distribuição de acomodações, cerimónias, funcionamento do serviço, durante a estadia da Rainha, etc.) está a cargo do Dr. Eduardo Brazão, o qual ficou de elaborar uma informação pormenorizada sobre o que já se fez e o que vai fazer-se⁷.

.....
3 Brás, 2016: 12.

4 Nesta data a RTP ainda não tinha emissões regulares, mas fez a cobertura de toda a visita. As emissões regulares tiveram início a 7 de março de 1957.

5 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº 4 nº 181/56 - Prº 5, 30 de outubro de 1956.

6 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, doc. 311 de 15 de dezembro de 1956.

7 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, doc. 314 de 26 de dezembro de 1956.

Notas sobre a instalação da Rainha Isabel, do Duque de Edimburgo e da comitiva que os acompanha⁸

Relatório elaborado por Eduardo Brazão (1907-1987)⁹, secretário do SNI¹⁰, apresentado ao Gabinete do Presidente do Conselho de Ministros, para informar sobre o progresso dos preparativos no Pavilhão D. Maria I do Palácio Nacional de Queluz para a estadia da Rainha Isabel II. Documento muito minucioso que identifica a comitiva real e a sua distribuição nos quartos do edifício, dá diretrizes detalhadas sobre a organização do serviço, com ênfase nos aspetos diretamente relacionados com a rainha. Também esclarece sobre as funções dos funcionários portugueses e a sua interação com a comitiva inglesa, tudo sob a coordenação da Condessa de Felgueiras¹¹,

Todos os serviços serão dirigidos pela Sra. Condessa de Felgueiras que estará para esse efeito em contacto com o Mordomo da Presidência e com o butler (do Aviz) que será o ponto de ligação com os criados ingleses. Esta senhora deverá também, no que respeita ao serviço da Rainha ouvir as sugestões de Miss Macdonald¹². Escusado será dizer que convirá que ela se interesse diretamente por saber junto das pessoas da comitiva se de alguma coisa necessitem – enfim criar um ambiente que atenuo o aspeto improvisado que forçosamente há-de ter um Palácio aberto só para receber a Rainha.¹³

A comitiva da rainha era composta por 18 pessoas [fig. 1]

No andar nobre ficaram instalados:

Condessa de Leicester, Dama de Companhia da Rainha (Lady in Waiting),

Sir Michael Adeane, Secretário Particular da Rainha (Private Secretary to the Queen),

Mr. Martin Charteris, Adjunto do Secretário Particular da Rainha (Assistant Private Secretary).

8 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, docs. 327 a 334, dezembro de 1956.

9 Eduardo Brazão, advogado, diplomata e historiador. Iniciou a sua carreira diplomática em 1941 e em 1955 ocupou o lugar de Chefe do Protocolo de Estado. Por nomeação de Marcelo Caetano, então Ministro da Presidência, ocupou o cargo de Secretário Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), entre 1956 e 1959.

10 SNI, abreviatura de Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. Organismo criado em 1933, com a designação de SPN – Secretariado de Propaganda Nacional, com sede no Palácio Foz. Em 1945 adota a designação de SNI e em 1968 foi transformado na Secretaria de Estado de Informação e Turismo – SEIT. Depois de 1974, passa a Secretaria de Estado da Comunicação, assumindo a área de informação e comunicação social do antigo SNI. O SNI tinha como missão organizar e promover todas as ações de propaganda, informação pública, comunicação social, turismo e ação cultural, durante o regime do Estado Novo.

11 Condessa de Felgueiras, Maria Eduarda Sarmiento de Magalhães e Menezes (1914-1997). Era na época secretária do Secretário Nacional de Informação e foi escolhida para coordenar o serviço da residência durante a estadia da Rainha Isabel II.

12 Margaret MacDonald (Bobo), foi ama da rainha e posteriormente assumiu a responsabilidade de tomar conta do seu guarda-roupa e joias. Era presença constante em todas as deslocações da rainha, incluindo viagens internacionais. O quarto que ocupou em Queluz, ainda hoje é conhecido como o *Quarto da Bobo*.

13 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, docs. 327 a 334, dezembro de 1956.

Relação dos quartos de dormir e seus ocupantes
Palácio Nacional de Queluz

1º Andar do Pavilhão Residencial

Ext.	Nº 1	-Lady-Condessa Leicester(Junto ao Gabinete do Duque)
Ext.	" 2	-Sir Michael Adeane(Lado da Copa)
Ext.	" 3	-Mr.-Coronel Charteris(Junto à copa)
		\$\$\$\$\$
		<u>Rez do chão do Pavilhão Residencial</u>
Ext.	" 1	-Lady Rose Baring(Fundo do corredor-Lado do Parque)
Ext.	" 2	-Comander Michael Parker(A seguir) CHINNERY
Ext.	" 3	-Leader C. Blount (" ")
Ext.	" 4	-Adido Militar-Air Ch. Marshal Sir George Mills(A seguir)
Ext.	" 5	-Vsal B.E.M. Antigo <i>Senhor Guardador de Relojoarias</i> quarto do oficial da guarda
		\$\$\$\$\$
		<u>Anexo do Pavilhão Residencial</u>
Ext.	" 1	-Mr. Bennett(A seguir ao roupeiro principal)
Ext.	" 2	-Mr. Macdonald(A seguir)
Ext.	" 3	-Mac Gregor (" ")
Ext.	" 4	-Miss. Grange e(Quarto esconso)
		Miss. Hollant (Idem)
Ext.	" 5	-Miss. Macdonald(Quarto da escadinha)
		\$\$\$\$\$\$\$\$\$
		<u>Sótão do Pavilhão Residencial</u>
Ext.	" 1	-Os 2 Detetives-Ch. A.E. Perkins e Inspector F. Kelley(A seguir à Sala de Jantar dos creados ingleses)
Ext.	" 2	-Três(3)Creados ingleses(Pearce - Dickman-e Stibbs)(A seguir)
Ext.	" 3	-Creadas portuguesas(Quarto do fundo do corredor)
		\$\$\$\$\$\$\$\$\$
		<u>Cave do Pavilhão Residencial</u>
Ext.	" 1	-Pessoal do Aviz Hotel(Quarto ao fundo da escada de serviço)

[fig. 1]

**Relação dos quartos de dormir e seus ocupantes.
Palácio Nacional de Queluz**

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Nos quartos do rés-do-chão:

Lady Rose Baring, Dama da Rainha (Women of the bedchamber),

Mr. Henry Chinnery, Secretário Particular do Duque de Edimburgo (Private Secretary to the Duke),

Mr. C. Blount, Ajudante de Campo (Equerry in waiting),

Sir George Mills, Oficial Sénior de Serviço (Senior Service Officer).

Para os sete empregados da rainha e do duque, assim como para os dois detetives que os acompanharam, foram destinados o anexo do primeiro piso e o sótão:

Mr. Bennet, Pagem da Rainha (Queens' page)

Mr. J. MacDonald, Assistente pessoal do Duque de Edimburgo (Valet to the Duke of Edinburgh),

Miss Macdonald, responsável pelo guarda-roupa da Rainha (Queen's dresser),

Miss MacGregor, adjunta da responsável pelo guarda-roupa da Rainha (Queens's assistant dresser),

Miss Grange e Miss Holent, empregadas das Damas da Rainha (maids to the Countesse of Leicester and Lady Rose Baring),

Mr. J. Pearce, criado de libré (footman of the queen),

Mr. C. Dickman, criado de libré (footman),

Mr. D. Stibs, criado de libré (footman),

Superintendente-Chefe A. E. Perkins (The Queen's Police Officer),

Inspetor F. Kelley (The Duke of Edinburgh's Police Officer).

Neste ponto do relatório, Eduardo Brazão recomenda que se façam algumas melhorias nos quartos do sótão de modo a proporcionar maior conforto.

Os funcionários portugueses, oriundos da equipa da Presidência da República, juntamente com os do Hotel Avis, que incluíam o cozinheiro, mordomo e seus ajudantes, foram alojados nos quartos da cave e num quarto no sótão.

Foi dada a indicação para que a guarda de honra fosse instalada no então designado Quartel da Legião Portuguesa, edifício da Torre do Relógio, enquanto o delegado do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros e os agentes da PIDE¹⁴ ocuparam o corpo central do palácio.

Outra recomendação do relatório aborda a seleção de peças a usar para o serviço da rainha e sua comitiva. Os pequenos-almoços deveriam ser sempre servidos em bandejas de prata, acompanhados pelos melhores cristais e porcelanas. Pelas guias de entrega dos objetos do Palácio Nacional da Ajuda, sabemos que para a rainha foi escolhido um serviço de chá e café em ouro¹⁵ e na decoração da mesa da sala de jantar foram usadas peças da baixela Porto Covo, além de diversos serviços de porcelana francesa e alemã.

Todos os quartos da comitiva foram equipados com pastas contendo papel timbrado do palácio, frascos de tinta, canetas, cinzeiros e cigarros, tanto americanos (Chesterfield) como ingleses. As casas de banho foram abastecidas com pastas de dentes, escovas de fatos, sabonetes, pentes, saís de frutos, aspirinas, água-de-colónia (lavanda), saís de banho e toalhas.

No quarto da rainha, seguindo as orientações da embaixada, foram disponibilizados um fogão elétrico e uma cafeteira de prata para a preparação do seu chá, que deveria ser inglês, de boa qualidade, e acompanhado por uma caixa de biscoitos. Na sala de estar do duque, deveria ser colocado um armário com diversas bebidas incluindo gin (Gordon's), *angosture bitters*, sumos de laranja e tomate, *whiskey* (escocês), xerez e também água (Castelo).

Foi determinado que os pequenos-almoços deveriam ser servidos nos quartos. O pequeno-almoço da rainha e do duque seria servido na sala de estar do duque, pelo mordomo e pela empregada portuguesas, colocado numa mesa, de acordo com as instruções do *Page* da rainha, retirando-se todos de seguida. Este consistiria em ovos, torradas, pão de rolo, fruta, café e *marmelade*. A comitiva seria servida pelos empregados portugueses e o pequeno-almoço incluiria também ovos, presunto e sumo de laranja. Após o serviço, preparavam os banhos.

14 PIDE, sigla de Polícia Internacional e de Defesa do Estado, foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, quando passa a ser designada como Direção-Geral de Segurança (DGS) até 1974 quando é extinta após a Revolução de 25 de Abril de 1974. A PIDE e depois a DGS eram também responsáveis pelo serviço de estrangeiros e de fronteiras.

15 Serviço composto por 33 peças, proveniente do Palácio Nacional da Ajuda, nº de inventário PNA 4821 a 4852/A.

Os pequenos-almoços dos funcionários ingleses, seriam servidos pelos portugueses na sala de jantar do sótão, à exceção de Miss MacDonald, Mr. MacDonald e os dois detetives que o tomariam no living room¹⁶ de Miss MacDonald, correspondente à atual sala de jantar do andar nobre. As restantes refeições dos funcionários teriam lugar na Casa de Chá (o restaurante Cozinha Velha¹⁷), enquanto as da comitiva, que permanecesse em Queluz, seriam servidas na sala de refeições do rés-do-chão.

Eduardo Brazão também foi responsável pela escolha da decoração exterior do palácio, comunicando ao gabinete: "A porta será decorada apenas com postes e bandeiras inglesas e portuguesas. (plano Carlos Botelho¹⁸). Deve cobrir a entrada principal um toldo sob o qual deverão parar os carros."¹⁹

As obras de beneficiação e remodelação do pavilhão iniciaram-se em novembro de 1956 e estenderam-se por cerca de três meses, um período considerado relativamente curto, tendo em conta a extensão e o volume da intervenção. Abrangeu a reconfiguração de parte da planta do primeiro piso, melhorias nas infraestruturas da residência e do palácio, assim como a realização de pinturas decorativas em todo o seu interior. O objetivo primordial desta intervenção era modernizar e atualizar a residência, proporcionando maior conforto, aumentando a capacidade para acomodar comitivas maiores e melhorar o funcionamento do serviço. No relatório de novembro de 1956, Ventura Porfírio expressou grande satisfação pelas intervenções, afirmando "Salvo melhor critério, parece-nos que desta vez, as obras em curso resolverão, se não todas, pelo menos as maiores deficiências que a parte residencial do Pavilhão até agora apresentava."²⁰.

Mas é no relatório de março de 1957²¹, elaborado após a conclusão da visita, que se tem a perceção da extensão das intervenções realizadas. No plano geral e das infraestruturas, a instalação elétrica foi refeita até à Sala da Música, uma vez que as salas de aparato do

16 Sala destinada a Miss MacDonald, ali foram colocadas as malas com a roupa da rainha e tábuas e ferros de engomar. Esta sala ficava separada dos aposentos da rainha, através de duas portas, cujo acesso só era autorizado a Miss MacDonald e a Mr. MacDonald, respetivamente a responsável pelo guarda-roupa da rainha e o assistente pessoal do duque.

17 Instalado nas antigas cozinhas do Palácio Nacional de Queluz.

18 Carlos Botelho (1899-1982), artista plástico, trabalhou como decorador para o SNI.

19 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, docs. 327 a 334, dezembro de 1956.

20 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório de novembro de 1956.

21 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório de março de 1957.



[fig. 2]

Escultura em chumbo representando Eneias e Anquises

John Cheere, Londres, 1756.

Esta escultura faz parte de um conjunto mais vasto de obras em chumbo encomendadas em Londres, através do Ministro Martinho de Melo e Castro, ao artista John Cheere, para D. Pedro III e destinadas à decoração dos jardins do Paço de Queluz.

© MMP, E.P.E./ADF, Carlos Monteiro

palácio também foram utilizadas em cerimónias integradas no programa da visita; foi construído um novo posto de transformação de energia, para assegurar o abastecimento elétrico ao palácio e jardins; o jardim junto ao pavilhão foi renovado, tendo-se para ali deslocado a escultura em chumbo representando Eneias e Anquises [fig. 2]; no terreiro do palácio, o pavimento foi levantado e melhorado; nas caves localizadas sob o terraço da Sala dos Embaixadores, foram contruídas instalações sanitárias e chuveiros para alojamento da Guarda Nacional Republicana e da Polícia.

No andar nobre do pavilhão, [fig. 3] a zona anteriormente ocupada pelo apartamento do Chefe de Estado foi transformada em duas suítes²², destinadas à Rainha Isabel II e ao Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo. As duas suítes ficaram unidas por dois pequenos compartimentos, um dos quais corresponde à antecâmara que dá acesso ao

22 A residência foi então adaptada para seguir a tradição da família real britânica, prática comum também entre a classe alta, na qual o casal dorme em quartos separados, mas contíguos.

átrio do primeiro andar. Os aposentos da Rainha Isabel II, ocuparam o quarto que anteriormente pertencia ao apartamento do Chefe de Estado onde se abriu uma passagem [fig. 4] para a nova sala de visitas, antiga sala do café. Esta alteração implicou a demolição da escadaria de serviço, ainda visível na planta de 1951²³ [fig. 5]. Além disso, foram refeitas as instalações sanitárias e o quarto de vestir, com acesso a essa passagem. Por fim, procedeu-se à renovação da decoração pintada do quarto e do toucador, antigo gabinete de trabalho, com ligação à suíte do Duque de Edimburgo.

O quarto do Duque de Edimburgo, também chamado de “2º quarto”, ficou instalado na antiga sala de visitas do apartamento do Chefe de Estado, tendo-se para o efeito modificado a planta deste espaço, que incluiu a construção de uma casa de banho e do quarto de vestir no topo sul do corredor do primeiro piso, todos com acesso à varanda. Um dos quartos adjacentes foi adaptado a gabinete de trabalho ou sala de estar.

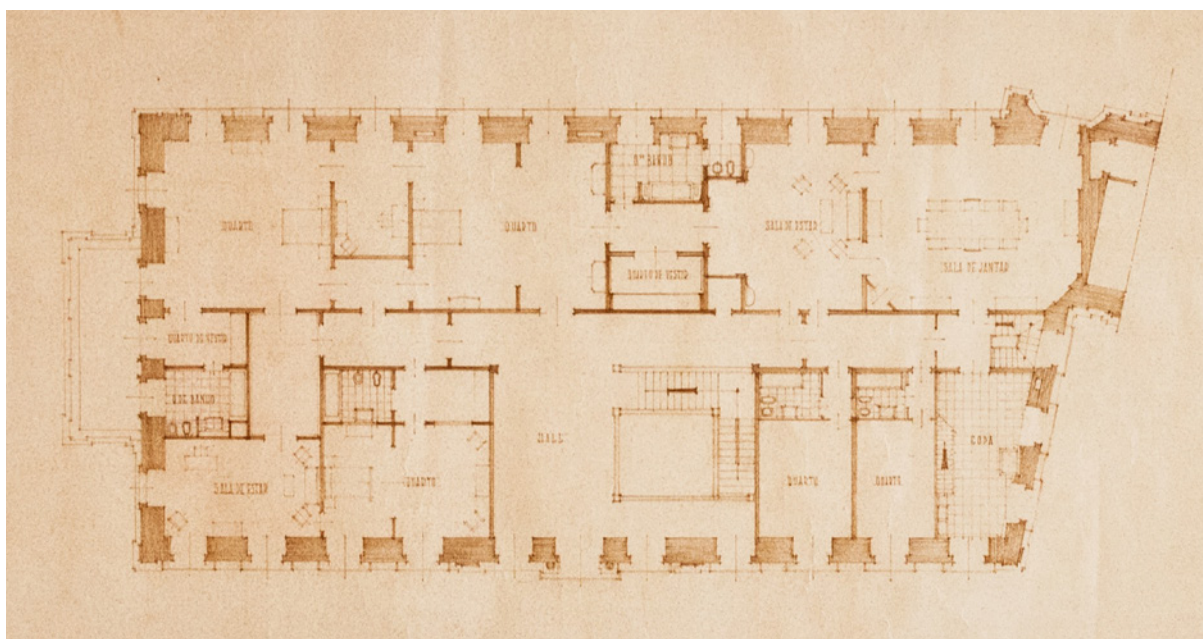
Na antiga sala de café, adaptada a sala de visitas da rainha, além da demolição da escadaria de serviço, foram também removidos os azulejos que revestiam o lambrim da sala [fig. 6]. Na sua obra *O Paço de Queluz*, de 1950, Francisco Câncio (1903-1973)²⁴, descreve-a “... com lambrins de azulejos, de figura avulsa, iguais aos da Sala de Jantar dos Oficiais, no rés-do-chão, servia de sala de café.”²⁵

O anexo adjacente à sala de jantar do andar nobre que em 1939 servia de residência ao diretor da Escola Agrícola, foi praticamente reconstruído [fig. 7], para acomodação dos funcionários da rainha. Neste anexo foram construídos uma sala, dois quartos com casa de banho privativa e mais três quartos com duas casas de banho partilhadas localizadas no corredor. A construção de uma nova escadaria de serviço que havia sido iniciada em 1955, foi então concluída permitindo a ligação da cave ao sótão. Tal conferiu ao serviço do pavilhão residencial total independência. No piso térreo e como resultado da demolição da antiga escadaria de serviço [fig. 8], a sala que dava acesso ao jardim foi sujeita a uma renovação. Os azulejos azuis e brancos foram removidos e realizaram-se novas pinturas “creando ali uma decoração paisagística ao sabor dos fins

23 Arquivo do PNQ – Planta de 1951.

24 Francisco Câncio, foi sócio do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia de Coimbra. Tem vasta obra publicada sobre o Ribatejo e Lisboa.

25 Câncio, 1950: 458.



[fig. 3]

Planta do andar nobre, 1956

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva



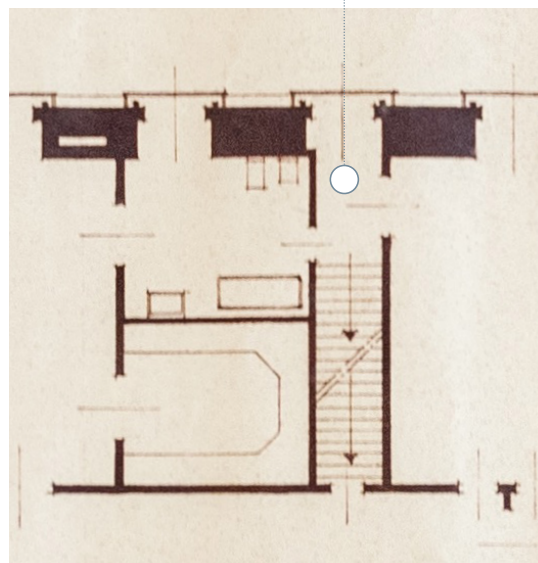
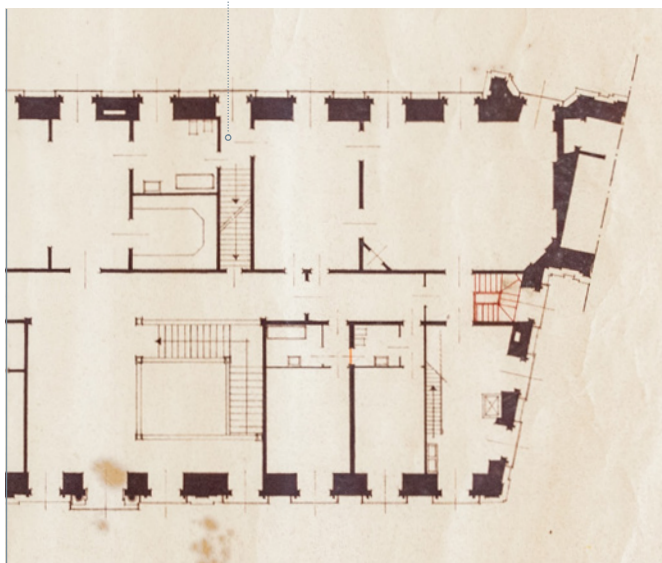
[fig. 4]

Intervenções no Pavilhão D. Maria I, Quarto da Rainha Isabel II

Fotografia de António Couto, 1956.

Sacavém, Arquivo do Património Arquitetónico
PT PCIPSIPA FOTO.00502954

© PT PCIP/SIPA



[fig. 5]

Planta do andar nobre, pormenor da escadaria, 1951

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz.

© PSML/José Marques Silva



[fig. 6]

Intervenções no Pavilhão D. Maria I, Sala de Visitas

Fotografia de António Couto, 1956.

Sacavém, Arquivo do Património Arquitetónico
PT PCIPSA FOTO.00502953

© PT PCIP/SIPA

do século XVIII²⁶. Esta divisão passou a ser usada para os almoços da comitiva e atualmente é conhecida como Sala Basalisa [fig. 9], devido à pintura mural da autoria do pintor Antero Basalisa (1910-2003). [fig. 10] As instalações sanitárias de todo o edifício e a cozinha foram renovadas e atualizadas.

Enquanto as obras decorriam, os conservadores começaram a estudar e a planear a decoração interior da residência, com um foco especial na criação de um ambiente que combinasse conforto, modernidade e peças de grande qualidade estética e artística.

26 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório de março de 1957.



[fig. 7]

Intervenções no Pavilhão D. Maria I, Anexo

Fotografia de António Couto, 1956.

Sacavém, Arquivo do Património Arquitectónico
PT PCIPSIPA FOTO.00502946

© PT PCIP/SIPA



[fig. 8]

Intervenções no Pavilhão D. Maria I, demolição da escadaria

Fotografia de António Couto, 1956.

Antiga escadaria do Pavilhão D. Maria I foi, até 1939, a única que permitia o acesso a todos os pisos do edifício, altura em que foi construída a nova escadaria de aparato, concebida por Guilherme Rebelo de Andrade.

Sacavém, Arquivo do Património Arquitectónico
PT PCIPSIPA FOTO.00502956

© PT PCIP/SIPA

A decoração deveria refletir os padrões a que a rainha estava habituada e mostrar o que de melhor havia nas coleções artísticas nacionais. Como resultado, uma vez mais, os palácios e os museus nacionais foram chamados a contribuir para a decoração do Pavilhão D. Maria I, mas numa escala ainda maior.

A 8 de novembro de 1956²⁷, foi elaborado um orçamento no valor de 1.255.000\$00 escudos para custear todas as despesas relacionadas com a preparação e decoração da residência. Este orçamento previa a aquisição de alcatifas destinadas a revestir o pavimento do andar nobre, tapetes para várias salas, lustres e lanternas para os corredores, bem como o restauro de algumas peças de mobiliário existentes na residência e no palácio. Também foi prevista a compra de reposteiros e de uma

27 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, obras de decoração e mobiliário, 8 de novembro de 1956.



[fig. 9]

Sala Basalisa, rés-do-chão

© PSML/José Marques Silva



[fig. 10]

Assinatura do pintor Antero Basalisa, 1957

© PSML/José Marques Silva

passadeira para o átrio, cortinas para janelas, mobiliário para os quartos dos funcionários ingleses, cortinados e utensílios de casas de banho, um trem de cozinha completo, irradiadores para aquecimento, aspiradores de pó, uma enceradora, frigorífico e outros aparelhos elétricos. O orçamento também cobriu o transporte, montagem e desmontagem de móveis, quadros e tapeçarias de outros palácios e museus. Ao valor inicial, foi acrescentado um montante de aproximadamente 700.000\$00 escudos, destinado à execução de 49 vãos de reposteiros, 52 vãos de cortinados, 25 colchas e folhos de cama em seda, colchões, travesseiros, almofadões, lustres, e outros itens.²⁸

A seleção dos tecidos, cores, padrões e modelos para os reposteiros, galões, cortinados, cortinas de vidraça e colchas que compunham a decoração dos quartos do andar nobre seguiu os mesmos padrões rigorosos de qualidade previamente estabelecidos. A sua confeção foi notavelmente rápida, levou pouco mais de um mês, uma vez que os orçamentos finais só foram entregues a 4 de janeiro de 1957²⁹. Foram escolhidos materiais da melhor qualidade, incluindo veludos italianos e franceses, damascos e tafetás de seda, tules bordados e voiles de seda. Os *embraces* com borlas foram tecidos com fios de seda e fios metálicos a prata e ouro.³⁰ [fig. 11]

Com a conclusão das obras e escolhida a decoração, começou-se a mobilar a residência. Ainda em 1956, Ventura Porfírio solicitava à Repartição do Património autorização para transferir mobiliário proveniente dos palácios e museus nacionais:

Com vista à próxima visita de Sua Magestade a Rainha de Inglaterra, torna-se necessário mobilar e decorar convenientemente o Pavilhão residencial deste Palácio.

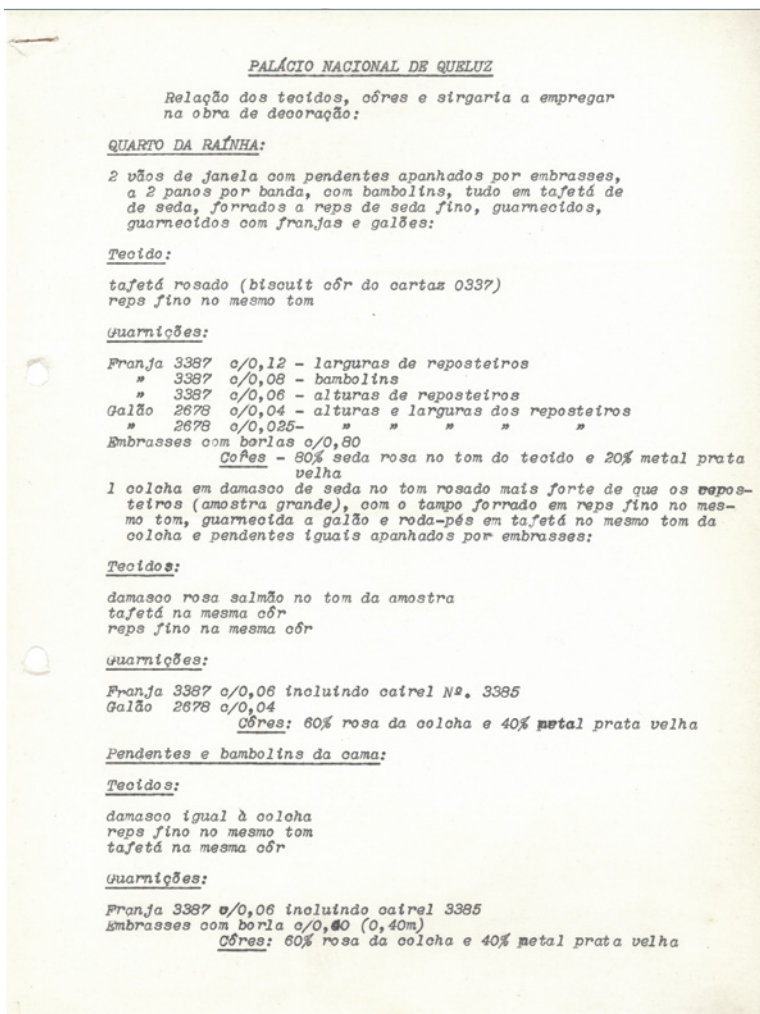
Este arranjo e decoração, à semelhança do que tem acontecido quando da visita de outros Chefes de Estado, não pode fazer-se somente com material de que dispomos. Por isso necessitamos que V.Ex^ã. autorize a que na devida oportunidade, sejam transferidos, temporariamente, dos outros Palácios Nacionais, as peças necessárias para o bom resultado deste trabalho.³¹

28 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, relação de mobiliário e equipamento 1956/1957.

29 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, orçamento de 4 de janeiro de 1957.

30 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, relação de 1957.

31 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 31 de dezembro de 1956.



[fig. 11]

Relação dos tecidos, côres e sirgaria a empregar na obra de decoração

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Entre quatro de janeiro e 15 de fevereiro de 1957, são contínuas as entradas de peças para a decoração do andar nobre. A seleção feita pelos conservadores incluiu mobiliário, pinturas, tapeçarias, tapetes, outros têxteis, cerâmicas, pratos, cristais e lustres³² provenientes dos Palácios Nacionais de Queluz, Ajuda, Sintra, Mafra, do Paço dos Duques de Bragança de Guimarães; dos Museus Nacionais de Arte Antiga e dos Coches; do Secretariado Nacional de Informação (Palácio Foz); do Palácio da Cidadela de Cascais; do Museu Condes de Castro Guimarães e do Ministério dos Negócios Estrangeiros (Palácio das Necessidades)³³.

32 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, relações e guias de entrega datadas de 4 de janeiro a 15 de fevereiro de 1957.

33 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 28 de fevereiro de 1957.



[fig. 12]

Programa da visita oficial a Portugal de Sua Majestade a Rainha Isabel II e de Sua Alteza o Duque de Edimburgo. 18 a 20 de Fevereiro de 1957

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Às 11h do dia 18 de fevereiro de 1957, teve início a visita oficial da Rainha Isabel II do Reino Unido e do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo [fig. 12]. Chegaram ao Cais das Colunas, no Terreiro do Paço, transportados desde o iate real *Britannia* pelo bergantim real³⁴, onde foram recebidos, com todas as honras, pelo Chefe de Estado português, General Craveiro Lopes. Após a apresentação de cumprimentos e o desfile militar, as comitivas portuguesa e inglesa dirigiram-se para o alto do Parque Eduardo VII de carruagem³⁵ e daí, de automóvel, para o Palácio Nacional de Queluz. Na curta viagem desde o Terreiro do Paço até Queluz, a rainha recebeu o seu primeiro banho de multidão³⁶. Em Queluz e após as honras oficiais, [figs. 13, 14, 15 e 16] o casal real assomou à varanda do andar nobre da residência para acenar à multidão que se encontrava no exterior. [figs. 17 e 18]

34 O bergantim real foi encomendado por D. Maria I em 1784, por ocasião do casamento do seu filho D. João, futuro D. João VI, com a Princesa D. Carlota Joaquina. Esta galeota transportou diversos monarcas estrangeiros em visita oficial a Portugal, incluindo a Rainha Alexandra do Reino Unido em março de 1905. Sobre esta visita cf. Montesinos, Fernando, 2019: 30. A sua última viagem ocorreu em 1957 com a Rainha Isabel II do Reino Unido, antes de ser integrado no acervo do Museu de Marinha com o inventário MM.04627.

35 Carruagem de coroa, foi encomendada em Londres por D. João VI. Serviu na aclamação do Rei D. Carlos. Foi usada pela última vez em 1957, durante a visita da Rainha Isabel II. Inventário V0043 do Museu Nacional dos Coches.

36 RTP Arquivos, disponível em: [Visita de Sua Majestade a Rainha Isabel II – Parte I – RTP Arquivos](#) a partir do minuto 23. Consultado a 01/07/2023.



[figs. 13, 14 e 15]

***Visita da Rainha Isabel II a Portugal,
chegada ao Palácio Nacional de Queluz***

Fotografias de Amadeu Ferrari, 18 de fevereiro de 1957.

Arquivo Municipal de Lisboa

PT/AMLSB/FER/004555

PT/AMLSB/FER/004554

PT/AMLSB/FER/004551

© Arquivo Municipal de Lisboa



[fig. 16]

Grupo de crianças aguarda a chegada da Rainha Isabel II ao Palácio Nacional de Queluz

Fotografia de autor não identificado, 18 de fevereiro de 1957.

Lisboa, Arquivo do Diário de Notícias

© Arquivo DN/GMG



[fig. 17]

A Rainha Isabel II e o Duque de Edimburgo assomam à varanda do Pavilhão D. Maria I para saudar a população

Fotografia de autor não identificado, 18 de fevereiro de 1957.

Lisboa, Arquivo do Diário de Notícias

© Arquivo DN/GMG



O entusiasmo e os calorosos
aplausos da multidão forçou
os régios visitantes a corresponderem,
da janela do Palácio de Queluz,
às saudações

[fig. 18]

O entusiasmo e os calorosos aplausos da multidão forçou os régios visitantes a corresponderem, da janela do Palácio de Queluz, às saudações

Provas fotográficas do Álbum nº 123, autor não mencionado, 18 de fevereiro de 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º123

PT/TT/EPJS/SF/001-001/0123

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 19]

Sala de Jantar

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 18

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/018

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

No primeiro dia o casal almoçou na residência, [fig. 19] um almoço íntimo antes de iniciar o intenso programa, como aliás estava previsto: “A Rainha almoçará no dia da sua chegada em Queluz (...) A Rainha (indicações do Embaixador inglês) aprecia muito sardinhas portuguesas de lata, devendo ser-lhe apresentada, nos hors d’oeuvres uma bem seleccionada escolha. Deseja um almoço muito ligeiro e simples.”³⁷

37 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, docs. 327 a 334, dezembro de 1956.



[fig. 20]

Visita da Rainha Isabel II, encontro com as crianças inglesas na Sala do Trono do Palácio Nacional de Queluz

Fotografia de Amadeu Ferrari, 18 de fevereiro de 1957.

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/FER/004715

© Arquivo Municipal de Lisboa

[fig. 21]

Visita da Rainha Isabel II. O Duque de Edimburgo e crianças inglesas numa receção no Palácio de Queluz

Fotografia de Amadeu Ferrari, 18 de fevereiro de 1957.

Arquivo Municipal de Lisboa
PT/AMLSB/FER/004371

© Arquivo Municipal de Lisboa



Às 16.30 h teve lugar, na Sala do Trono, o encontro com as crianças inglesas [figs. 20 e 21]. Nesse mesmo dia recebeu em audiência privada o Presidente do Conselho de Ministros, António Oliveira Salazar³⁸ [fig. 22]. Às 21h decorreu no Palácio Nacional da Ajuda o banquete oferecido pelo Presidente da República, General Craveiro Lopes.

O segundo dia da visita real, teve início com uma receção na Sala do Trono do Palácio Nacional de Queluz, onde a rainha e o duque, acompanhados pelos Chefes das Missões Diplomáticas dos países membros da comunidade britânica, receberam o Corpo Diplomático.

38 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, docs. 356 a 358, 14 de fevereiro de 1957.



[fig. 22]

O Chefe do Governo, prof. Dr. Oliveira Salazar, abandonando o Palácio de Queluz, onde foi apresentar cumprimentos

Provas fotográficas do Álbum nº 123, autor não mencionado, 18 de fevereiro de 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 123
 PT/TT/EPJS/SF/001-001/0123

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

Do intenso programa preparado para o casal real, destacam-se o almoço na Câmara Municipal de Lisboa. À tarde, de volta a Queluz, receberam os nacionais dos países membros da comunidade britânica residentes em Portugal. O dia terminou com a Récita de Gala no Teatro Nacional de S. Carlos.

O terceiro dia foi dedicado às deslocações à vila da Nazaré, ao Mosteiro de Alcobaça (onde almoçaram) e ao Mosteiro da Batalha, onde a rainha depositou uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido. À noite jantar no iate real *Britannia*, em honra do Presidente da República de Portugal. No final, foi lançado fogo de artifício no rio Tejo.



[fig. 23]

A Rainha Isabel II e o Príncipe Filipe de Edimburgo, acompanhados pelo Presidente da República Portuguesa, Francisco Higino Craveiro Lopes e por D. Berta da Costa Ribeiro Artur Craveiro Lopes despediram-se dos funcionários do Palácio Nacional de Queluz antes da sua partida para Inglaterra

Fotografia de Ismael e Beatriz Ferreira, 21 de fevereiro de 1957.

Visível nesta fotografia na parede da entrada do palácio, dois panos de porta provenientes do Palácio Nacional da Ajuda.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Craveiro Lopes, Fotografias, n.º 131, prova 025
PT/TT/CRL/001/0131/025

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

A visita oficial terminou no dia 20, no dia 21 a comitiva real seguiu para o Porto [figs. 23 e 24], mas já a título particular. A bordo do avião real, Isabel II enviou um telegrama ao Chefe de Estado português a agradecer a forma como foram recebidos, acrescentando “Jamais esqueceremos os deliciosos dias que passámos na vossa bela capital e na nossa residência em Queluz”.³⁹ [figs. 25 e 26]

39 ANTT – Arquivo Salazar, PC-45B, cx. 626 Capilha 5, doc. 369, 21 de fevereiro de 1957.



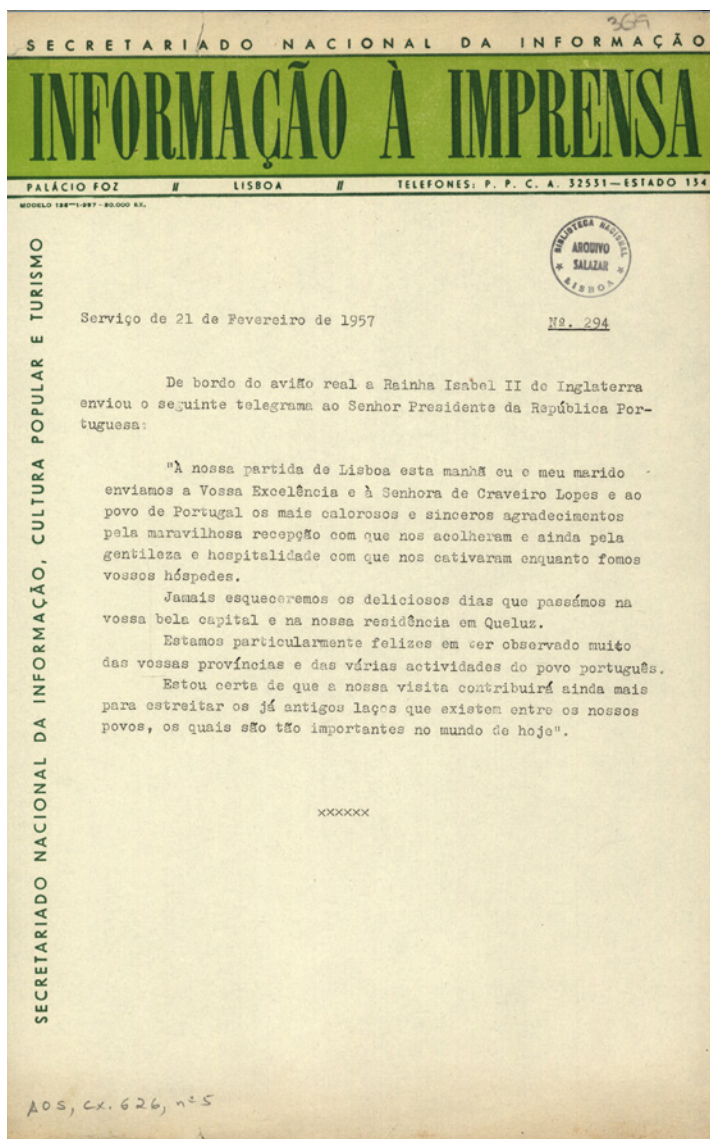
[fig. 24]

Partida da Rainha Isabel II e do Duque de Edimburgo do Palácio Nacional de Queluz, acompanhados pelo Presidente da República e pela primeira-dama Berta Craveira Lopes.

Provas fotográficas do Álbum nº 123, Ismael e Beatriz Ferreira e outros autores não mencionados, 21 de fevereiro de 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 123
 PT/TT/EPJS/SF/001-001/0123

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

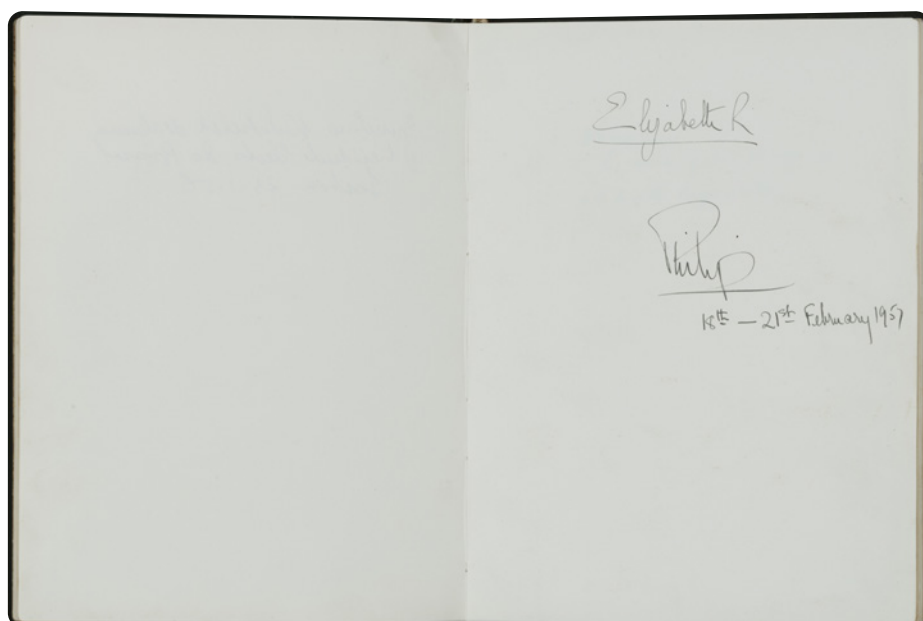


[fig. 25]

Telegrama enviado pela Rainha Isabel II ao Presidente da República, General Craveiro Lopes

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Arquivo Oliveira Salazar, PC-45B, cx. 626, pt. 5
PT/TT/AOS/D-M/029/0014/00005

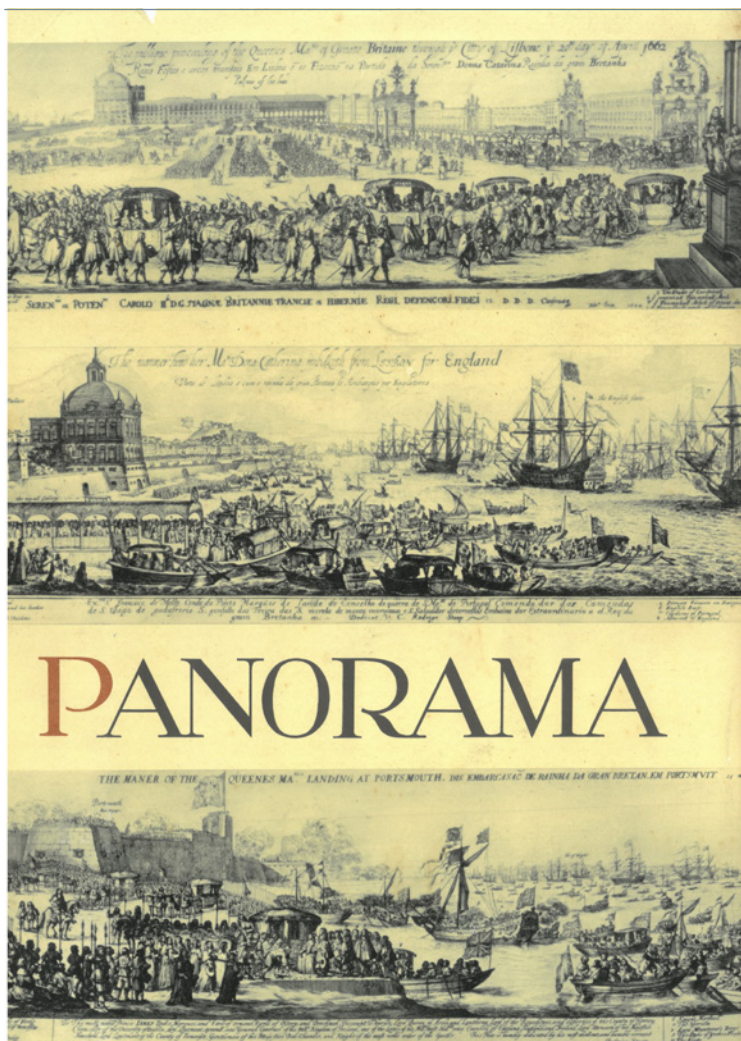
© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 26]

Assinaturas autógrafas no Livro de Honra

© PSML/Luís Pavão



[fig. 27]

Capa da revista *Panorama* de março de 1957

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Reportagem Fotográfica

Em março de 1957, a revista *Panorama*⁴⁰ [fig. 27], publicou uma reportagem retrospectiva da visita da Rainha Isabel II a Portugal. Um dos capítulos da revista, intitulado “Breves Anais do Palácio de Queluz”⁴¹, foi ilustrado com fotografias resultantes de uma campanha realizada pelo Secretariado Nacional de Informação com os interiores da residência preparados para receber a comitiva real. Na mesma ocasião, a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, responsável pelas obras, realizou também algumas fotografias que complementam a campanha do SNI.

40 *Panorama*: revista portuguesa de arte e turismo, editada pelo SNI entre 1941 e 1973.

41 Beirão, 1957.

O cruzamento das fotografias com um relatório⁴² de Manuel Cayolla Zagalo, conservador do Palácio Nacional da Ajuda, permitiu a identificação e localização das peças provenientes dos palácios e museus nacionais.

Átrio do andar nobre [fig. 28], com acesso à varanda, onde a Rainha Isabel II e o Duque de Edimburgo assomaram para saudar a população que os aguardava no exterior. Procedentes do Palácio Nacional de Queluz, destacam-se cadeiras de braços, um tapete e o retrato equestre de D. João VI enquanto Príncipe Regente [fig. 29], à esquerda na fotografia. A tapeçaria suspensa na escadaria de honra pertence às coleções do Palácio Nacional da Ajuda.⁴³

Aposentos da Rainha Isabel II (quarto, toucador e sala privada) [figs. 30, 31 e 32]

Para a decoração do quarto, foi selecionado mobiliário dos Palácios Nacionais de Queluz e da Ajuda. Terminada a visita, alguns móveis do acervo da Ajuda foram escolhidos para ali permanecer, incluindo o leito de dossel visível nas figs. 30 e 31, importante exemplar em pau-santo da época do Rei D. José I que fora doado ao Palácio Nacional da Ajuda pelo antiquário francês Ostins⁴⁴. A mesma decisão estendeu-se à manutenção das credências de talha dourada, que servem de mesas de cabeceiras, pertencentes ao Museu Nacional de Arte Antiga⁴⁵.

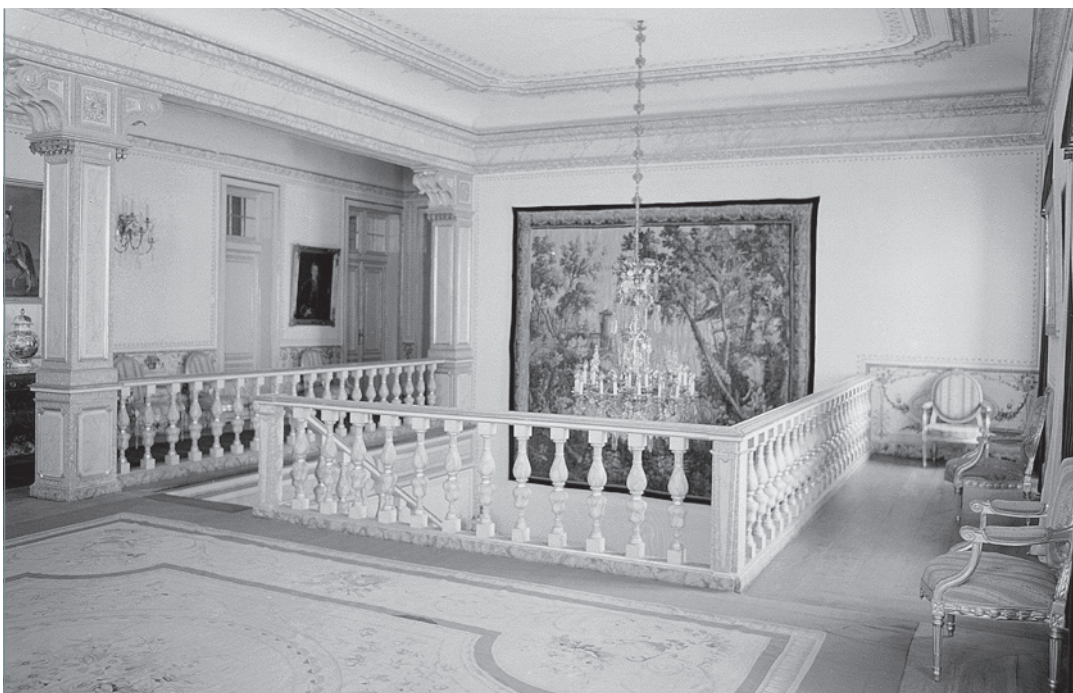
Visíveis nas fotos das figs. 30 e 32 são as paisagens do pintor francês Hubert Robert (1733-1808), pertencentes ao SNI e ainda conservadas no Palácio Foz. Também é possível identificar na fig. 32, sobre a cómoda, uma moldura para espelho de faiança (PNQ 1646) [fig. 33] pertencente ao acervo do Palácio Nacional de Queluz e que tinha pertencido à coleção do Rei D. Fernando II.

42 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 18 de março de 1957. Ofício de resposta ao pedido da Direção-Geral da Repartição do Património para indicar que objetos dos museus e palácios nacionais "convém deixar" no Pavilhão D. Maria I. Neste ofício, Manuel Cayolla Zagalo identifica todas as peças usadas na decoração da residência, a sua distribuição pelos compartimentos, assim como a sua proveniência e a possibilidade de passarem a integrar o recheio da mesma.

43 As peças identificadas correspondem respetivamente ao PNQ 125, PNQ 134, PNQ 1325, PNQ 260A e PNA 2132.

44 Mântua, 2014: 72.

45 As peças identificadas correspondem respetivamente ao PNQ 2639, MNAA 1419 e MNAA 1420.



[fig. 28]

Átrio do andar nobre

Fotografia de António Couto, 1956.

Sacavém, Arquivo do Património Arquitetónico
PT PCIPSIPA FOTO.00541598

© PT PCIP/SIPA



[fig. 29]

Retrato equestre de D. João, Príncipe Regente

Óleo sobre tela, assinado e datado: D^o An^o da Siqueira inv. e Pintou 1803.

Queluz, Palácio Nacional de Queluz
Inv. PNQ 260A

© MMP, E.P.E./ADF, Luísa Oliveira



[fig. 30]

Quarto da Rainha Isabel II

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 29

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/029

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 31]

Quarto da Rainha Isabel II

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo

Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 31

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/031

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 32]

Quarto da Rainha Isabel II

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 32

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/032

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 33]

Moldura de Espelho em faiança

Real Fábrica do Rato

Lisboa, século XVIII (3.º quartel)

Queluz, Palácio Nacional de Queluz

Inv. PNQ 1646

© MMP, E.P.E./ADF, José Pessoa

O tecido escolhido para os reposteiros e sanefas das janelas, foi tafetá de seda rosado com galões, franjas e *embraces* em seda rosa e metal (prata velha). A colcha da cama, o dossel e os pendentess foram confeccionados em damasco de seda num tom rosado mais intenso.

O toucador dos aposentos da rainha foi decorado com mobiliário de Queluz e do Museu Nacional de Arte Antiga [fig. 34]. As pinturas e pratas, oriundas do Museu Nacional de Arte Antiga, incluíram parte de um notável serviço de *toilette* das antigas coleções reais portuguesas, composto por espelho [fig. 35], dois frascos e quatro caixas, da autoria de François-Thomas Germain (1726-1791). Do Palácio Nacional da Ajuda foi emprestada uma tapeçaria [fig. 36].



[fig. 34]

Toucador da Rainha Isabel II

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação,
Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas,
n.º 176, doc. 25
PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/025

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 35]

Espelho

François-Thomas Germain
Prata dourada, França, século XVIII

Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga
Inv. MNAA 1783 Our

© MMP, E.P.E./ADF, Luísa Oliveira



[fig. 36]

Toucador da Rainha Isabel II

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 24

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/024

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

Permaneceram na residência, agora em regime de depósito, as colunas de talha dourada da coleção Burnay, que chegaram a estar expostas na antiga sala da Baixela Germain de Arte Antiga, o mesmo sucedendo com duas pinturas representando a Música e a Pintura de Vieira Portuense (1765-1805), atualmente expostas na Sala da Música do palácio⁴⁶, visíveis na fig. 36. O reposteiro da janela deste compartimento foi confeccionado em tafetá de seda azul. Franja, galões e *embraces* em seda azul e ouro.

46 As peças identificadas correspondem respetivamente ao MNAA 1783 Our, MNAA 1752 Our a MNAA 1753 Our, MNAA 1774 Our e MNAA 1775 Our, MNAA 1778 Our e MNAA 1779 Our; PNA 195; MNAA 1348 e MNAA 1349 e MNAA 1339 e 1340.



[fig. 37]

Sala privada da Rainha Isabel II

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 19
PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/019

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

Para a Sala Privada da rainha [figs. 37 e 38], foi selecionado mobiliário maioritariamente proveniente do Palácio Nacional da Ajuda. A escolha de um retrato da Rainha Consorte de Inglaterra, Escócia e Irlanda D. Catarina de Bragança (1638-1705)⁴⁷ [fig. 39] para presidir à decoração desta sala é exemplificativa do processo de seleção adotado na decoração dos aposentos dos Chefes de Estado, enfatizando as relações históricas e bilaterais entre os países. Conforme indicado por Manuel Cayolla Zagalo no seu relatório, “os exemplares que figuraram no quarto dos Chefes de Estado de Espanha e do Brasil não foram os mesmos que se arranjaram para o Cardeal Legado de Sua Santidade, nem tão pouco para a Rainha de Inglaterra.”⁴⁸

47 D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV (1604-1656), Rei de Portugal, o primeiro da Dinastia de Bragança. D. Catarina casou em 1662 com Carlos II (1630-1685), Rei de Inglaterra, Escócia e Irlanda. Este retrato tinha sido recentemente adquirido pelo Estado para o Paço dos Duques de Bragança em Guimarães. Tem o nº de inventário PD0418.

48 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 18 de março de 1957.



[fig. 38]

Sala privada da Rainha Isabel II

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 20
PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/020

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 39]

Retrato da Rainha D. Catarina de Bragança

Óleo sobre tela
Inglaterra, século XVII

Guimarães, Paço dos Duques
Inv. PD0418

© MMP, E.P.E./ADF, José Pessoa

Aposentos do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo (quarto e gabinete privado)

A partir da fotografia do quarto de “Sua Alteza o Duque de Edimburgo” [fig. 40], é possível identificar uma pintura proveniente do Museu Condes de Castro Guimarães, a cómoda do Palácio Nacional de Mafra e o leito do Palácio Nacional de Queluz que foi expressamente restaurado. A colcha de seda do Palácio Nacional da Ajuda que pela descrição sabemos ser amarela, manteve-se em Queluz, tal como é referido no relatório⁴⁹. Mais tarde o conjunto de leito e colcha foram transferidos para o Quarto D. Quixote [fig. 41] integrando o circuito de visita.⁵⁰ Os reposteiros e sanefas foram confeccionados em veludo mercerizado francês com galões e franjas nas cores azul e ouro velho.

O gabinete do Duque de Edimburgo [figs. 42 e 43] foi preparado com mobiliário maioritariamente proveniente do Palácio Nacional de Queluz, destacando-se neste conjunto a mesa-secretária da Sala do Despacho. Nas paredes foram colocadas pinturas do Museu Nacional de Arte Antiga e do Palácio Nacional da Ajuda uma tapeçaria, visível na fig. 43.⁵¹ As janelas foram revestidas com reposteiros e sanefa, que já existiam, em veludo italiano ouro, galão novo em ouro velho metálico.

A sala de jantar do andar nobre [fig. 44], foi decorada com mobiliário proveniente dos Palácios Nacionais de Queluz e da Ajuda. A mesa foi ornamentada com peças da baixela Porto Covo⁵², do Palácio Nacional da Ajuda, sendo possível identificar na imagem quatro ananases, dois fruteiros, duas urnas e quatro saleiros em bronze dourado e cristal. Também visível na imagem, na parede ao fundo, uma *chinoiserie* da autoria de Jean Baptiste Leprince (1734-1781), pertencente ao Museu Nacional de Arte Antiga. A decoração foi complementada por um biombo, estrategicamente posicionado para criar uma separação visual entre a sala de jantar e a copa.⁵³

49 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 18 de março de 1957. “A meu ver não há inconveniente que esta colcha fique no Palácio Nacional de Queluz”.

50 As peças identificadas correspondem respetivamente ao MCGG-PIN-020, PNM 1881 e PNQ 143A/5.

51 As peças identificadas correspondem respetivamente ao PNQ 201, MNAA 2044 Pint e PNA 189.

52 Arquivo do PNQ – Visitas Oficiais, relação das peças pertencentes à Baixela de Port-côu (sic) que seguiram para o Palácio Nacional de Queluz, a título provisório. 4 de janeiro de 1957.

O chamado Serviço Porto Covo, do Palácio Porto Covo propriedade de Jacinto Fernandes Bandeira (1745-1806), foi adquirido pelo Estado Português em 1941, no leilão da casa Leiria & Nascimento, para servir nos banquetes oficiais oferecidos pelo Chefe de Estado.

53 As peças identificadas correspondem respetivamente ao PNA 203 a 206, PNA 227 e 228, PNA 209 e 210, PNA 233 a 236, MNAA 1803 e PNA 616.



[fig. 40]

Quarto do Duque de Edimburgo

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 27
PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/027

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



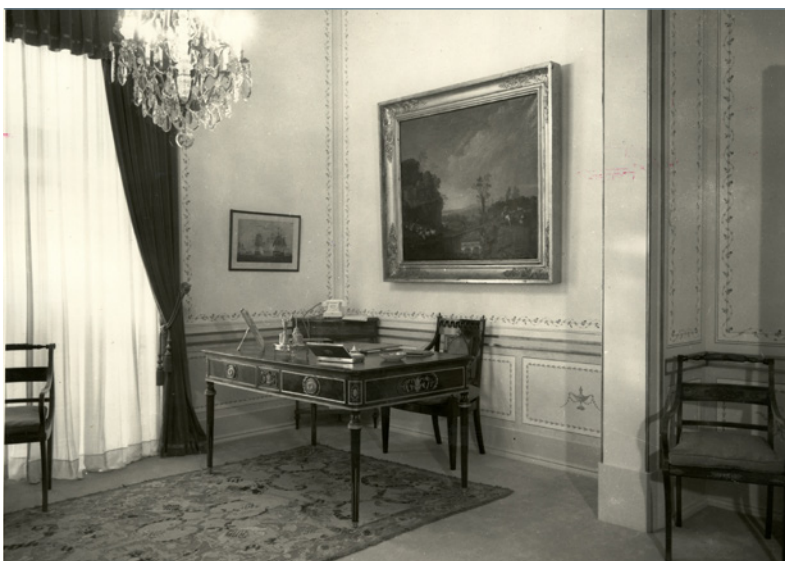
[fig. 41]

Postal do Quarto D. Quixote

António Passaporte, cerca de 1960.

Queluz, Palácio Nacional de Queluz
Inv. PNQ 2583/2

© PSML



[fig. 42]

Gabinete do Duque de Edimburgo

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo
Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º
176, doc. 33

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/033

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 43]

Gabinete do Duque de Edimburgo

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo
Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, doc. 23
PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/023

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 44]

Sala de Jantar

Fotografia de A. Santos de Almeida Júnior, 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo
Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º
176, doc. 17

PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176/017

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

O Garde Meuble nacional

As imagens divulgadas pela revista *Panorama*, constituíram um modelo a seguir na opção decorativa⁵⁴ para a residência destinada a receber Chefes de Estado visitantes. Ventura Porfírio enfatiza a importância dessas escolhas "... as peças vindas de várias procedências para arranjo e decoração do Pavilhão Residencial, eram indispensáveis, para esse trabalho atingir o nível de harmonia e requinte que se desejava."⁵⁵ Considerava, no entanto, a necessidade de ajustar a decoração às especificidades de cada visita.

Nesse contexto, no último dia da visita real, em 20 de fevereiro, o conservador solicitou à Repartição do Património que assegurasse a permanência na residência do maior número possível de peças, especialmente aquelas provenientes do Museu Nacional de Arte Antiga e do Palácio Nacional da Ajuda⁵⁶. Dias mais tarde, escrevia:

Além das espécies vindas destas procedências foi necessário desmobilar quasi totalmente as salas da ala de D. Quixote, Embaixadores, Corredor das Mangas e outras, para que o arranjo e decoração atingisse o nível e requinte que se desejava.

Porque o Palácio tinha de abrir ao público no dia 26, a 23 iniciamos a remoção dos móveis de Queluz e, seguidamente, começaram a ser transportadas as peças de outras procedências.

Estão devolvidas as peças pertencentes aos Palácios Nacionais de Mafra, Sintra, Cidadela de Cascais, Museu "Conde Castro de Guimarães" e a maior parte do Palácio Nacional da Ajuda.

Seria a todos os títulos de desejar que o Pavilhão Residencial fosse definitivamente mobilado e adornado mas, salvo melhor critério, de momento, esse objectivo não poderá ser atingido, pois a maioria das peças que para aqui vieram não poderão ser cedidas definitivamente, por serem indispensáveis às entidades que as possuem.

*Elas dirão o que podem ceder*⁵⁷.

Dado que não era viável manter todo o recheio proveniente dos palácios e museus nacionais, os conservadores de Queluz e da Ajuda receberam instruções para fazerem uma seleção do que fora emprestado, em conformidade com a decisão favorável do Conselho de Ministros⁵⁸. Pela Ajuda, o seu Conservador Manuel Cayolla Zagalo, escolheu peças consideradas como não essenciais para o palácio. Em simultâneo, o Ministério das Finanças solicitou ao Ministério da Educação Nacional, cuja Direção-Geral do Ensino Superior e Belas-Artes tutelava os Museus Nacionais de Arte Antiga e dos Coches, a sua aprovação para que ficassem afetos

54 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Recebida, Livro nº 4, Nº 46/57 - Prº 46 de 30 de março de 1957 "Comunicando o elogio dado (...) por Sua Excelência o Ministro das Finanças ao Sr. Conservador, pela sua intervenção na decoração do pavilhão onde esteve instalada Sua Magestade a Rainha Isabel II de Inglaterra."

55 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 8 de março de 1957.

56 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 20 de fevereiro de 1957.

57 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 28 de fevereiro de 1957.

58 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 25 de março de 1957.

permanentemente ao Pavilhão Residencial do Palácio Nacional de Queluz alguns móveis, pinturas e objetos decorativos.

Apesar dessa afetação em regime de depósito, Ventura Porfírio destacou, em ofício de 8 de março de 1957, "... convem não perder de vista que, por mais que se deseje, o arranjo do Pavilhão nunca poderá estar completo e definitivo. Cada caso obriga a um arranjo, o que necessariamente exige a existência duma reserva de peças para se poder manobrar consoante os casos..."⁵⁹

Segundo os conservadores, a resolução deste problema deveria contemplar duas soluções. Por um lado, a manutenção de um recheio permanente, composto por móveis e objetos decorativos que não sofressem alterações entre visitas. Por outro propunha-se a implementação uma reserva nacional que permitisse a substituição parcial desse recheio, ajustando-o a cada visita, sem depender dos acervos dos palácios e museus nacionais. Na verdade, isso correspondia ao modelo francês do *Mobilier National*,⁶⁰ conforme mencionado no relatório de 18 de março por Manuel Cayolla Zagalo:

*É isto aliás o que sucede em países como por exemplo na França e em que constantemente são recebidos no Palácio do Eliseu os representantes de povos de todo o Mundo. Foi isto mesmo que me foi dito no próprio "Garde Meuble" donde transitam os móveis julgados indispensáveis e cujos estilos variam em relação a cada plano previamente estudado.*⁶¹

Na prática essa função era desempenhada pelo Palácio Nacional da Ajuda, cujo acervo era recorrentemente usado para suprir as necessidades do recheio e decoração, não apenas do Pavilhão D. Maria I, mas também de outros organismos oficiais. A ideia de criar um *Garde Meuble* nacional já era defendida por Ricardo do Espírito Santo Silva (1900-1955)⁶² desde 1953, ano da criação da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (FRESS). O Museu-Escola das Artes Decorativas, segundo a visão de Ricardo do Espírito Santo Silva, teria a missão de promover "a preservação do património histórico e artístico nacional e estrangeiro, e para a formação de técnicas e artífices especializados"⁶³, bem como seria, "fornecedora de objetos e adornos para decoração de interiores dos palácios nacionais, embaixadas, legações e outros locais de representação do Estado". Nesse sentido, Ricardo do Espírito Santo Silva "que se inspirava no exemplo francês do *Mobilier National*"⁶⁴ iniciou o desenvolvimento do projeto da criação da Administração Geral do Mobiliário Nacional que seria instalada no palacete

59 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 8 de março de 1957.

60 Instituição francesa, herdeira do chamado *Garde Meuble*. Tem como função a gestão e preservação de património composto por mobiliário, tapeçarias, porcelanas e objetos decorativos, usados na decoração de instituições públicas.

61 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 18 de março de 1957.

62 Ricardo do Espírito Santo Silva, foi banqueiro e colecionador. Criou a Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, instalada no Palácio Azurara em Lisboa. Dela faz parte desde o início o Museu-Escola das Artes Decorativas.

63 SILVA, 2003: 62. A citação seguinte reporta à mesma referência.

64 Xavier, 2012:103.



[fig. 45]

Gabinete de Trabalho, andar nobre

© PSML/José Marques Silva

contíguo ao Palácio Azurara, com um corpo de funcionários dependentes da FRESS⁶⁵. Embora este projeto nunca se tenha concretizado, de acordo com o modelo inicial proposto, sabemos que, pelo menos desde 1956, na visita do Presidente Eleito do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira, a FRESS emprestou mobiliário para a decoração da residência, o que também se repetiu em 1978. Em 1981, o Estado adquiriu diretamente à Fundação várias peças de mobiliário para integrar o recheio da Pavilhão D. Maria I. [fig. 45]

..... §

65 Silva, 2003: 63.



PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
D SINTRA
MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

DUAS DÉCADAS DE VISITAS OFICIAIS. 1957 A 1973



Voltar ao índice



enquadramento na nova realidade geopolítica no pós-Segunda Guerra Mundial condicionou a condução da política externa portuguesa. A partir de 1950, foram retomadas as viagens do Presidente da República português, que incluíram deslocações ao chamado “Ultramar” (as antigas Províncias Ultramarinas), bem como visitas oficiais a Portugal de governantes estrangeiros. Estas tinham como objetivo primordial o fortalecimento das relações bilaterais e o estabelecimento de alianças com as nações que apoiassem Portugal na defesa dos seus interesses económicos e políticos. O período compreendido entre 1961 e 1968, foi marcado pelo início da Guerra Colonial em Angola e o fim do governo de António Oliveira Salazar. De 27 de setembro de 1968 a 25 de abril de 1974, Marcelo Caetano (1906-1980)¹, enquanto Presidente do Conselho de Ministros, assumiu a condução da política externa portuguesa.

1 Marcelo Caetano, 101º Presidente do Conselho de Ministros de Portugal. Foi o último Presidente do Conselho de Ministros do Estado Novo.

Os Programas das Visitas

A organização das visitas oficiais a Portugal era conduzida pelo Gabinete do Presidente do Conselho de Ministros, em articulação com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o seu serviço do Protocolo, responsáveis por coordenar as negociações com as embaixadas dos países visitantes e, posteriormente, com as missões preparatórias, visando estabelecer o programa da visita.

O programa era meticulosamente elaborado, incluindo informações detalhadas sobre os eventos programados, desde a hora de chegada ao país até à partida, incluindo até mesmo orientações sobre os trajes apropriados para cada cerimónia. Todas as atividades, desde as formais até às culturais e turísticas integravam o itinerário, assim como os programas paralelos que eram preparados para os cônjuges ou acompanhantes dos dignatários visitantes. Os programas não variavam muito entre si, as cerimónias agendadas dependiam da duração da visita, que podia estender-se de três a cinco dias, e refletiam os objetivos políticos, económicos e diplomáticos específicos de cada visita. Este era distribuído por todos os envolvidos, incluindo membros das comitivas, embaixadas, responsáveis pelas forças de segurança, etc.

As primeiras cerimónias tinham lugar no local da chegada, seja no aeroporto da Portela ou Terreiro do Paço:

- Após o desembarque, o Chefe de Estado era recebido pelo Presidente da República e demais autoridades, seguindo-se as honras militares.
- Formava-se o cortejo das comitivas escoltadas a cavalo pela GNR, até ao Parque Eduardo VII ou Alameda D. Afonso Henriques, e aí era substituída por uma escolta motorizada, também da GNR, em direção ao Palácio Nacional de Queluz.
- O cortejo atravessava Lisboa e depois seguia pela Avenida Duarte Pacheco, autoestrada e estrada de Sintra até Queluz.
- Na chegada a Queluz, tinha lugar nova apresentação de honras militares, receção das comitivas, cumprimentos das autoridades locais: Conservador do Palácio Nacional de Queluz, Presidente da Câmara Municipal de Sintra e Comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 de Queluz. Apesar de não planeado, era habitual o Chefe de Estado assomar à varanda da sua residência, o Pavilhão D. Maria I, para cumprimentar a população que aguardava no exterior.

Após a instalação, era servido um almoço ou jantar privado, antes de continuar o programa oficial para esse dia e dias subseqüentes e que incluía:

- Deslocação ao Palácio de Belém para apresentação de cumprimentos ao Presidente da República.
- Audiência concedida ao Presidente do Conselho de Ministros, em Queluz.
- Jantar de gala no Palácio Nacional da Ajuda em honra do Chefe de Estado visitante.
- Receção ao Corpo Diplomático, em Queluz.
- Receção à comunidade residente no país, em Queluz ou na embaixada do país.
- Visita a Lisboa que podia contemplar uma passagem pelo Parque de Monsanto, Bairro das Casas Económicas do Restelo, Mosteiro dos Jerónimos, Museu Nacional dos Coches, Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Estufa Fria, Instituto de Medicina Tropical, Museu Gulbenkian, Castelo de S. Jorge, entre outros. As visitas a estes locais podiam ocorrer em dias diferentes.

- Receção na Câmara Municipal de Lisboa com honras militares (podia incluir almoço).
- Visita ao Palácio Nacional de Mafra (podia incluir almoço), à Tapada de Mafra.
- Almoço no Palácio Nacional de Sintra, oferecido pelo Presidente do Conselho de Ministros.
- Visitas a Sintra, Estoril, Cascais.
- Espetáculo no Teatro Nacional D. Maria II.
- Tourada de Gala, à antiga portuguesa, no Campo Pequeno.
- Visitas ao Mosteiro de Alcobaça, Mosteiro da Batalha, Nazaré.
- Visitas às Bases Aéreas da Ota e de Tancos, e ao Campo Militar de Santa Margarida.
- Deslocações a Coimbra, Porto, Algarve e Évora.
- Jantar de gala no Palácio Nacional de Queluz, oferecido pelo Chefe de Estado visitante em honra do Presidente da República português.

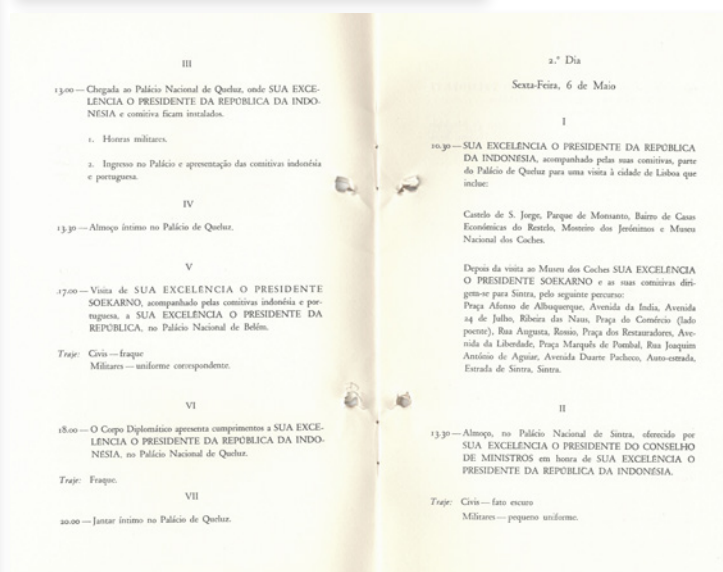
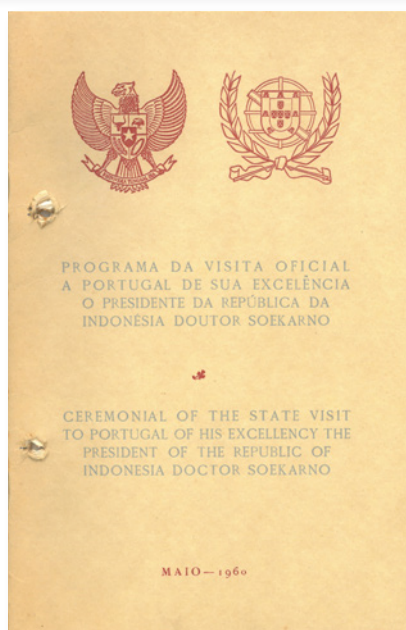
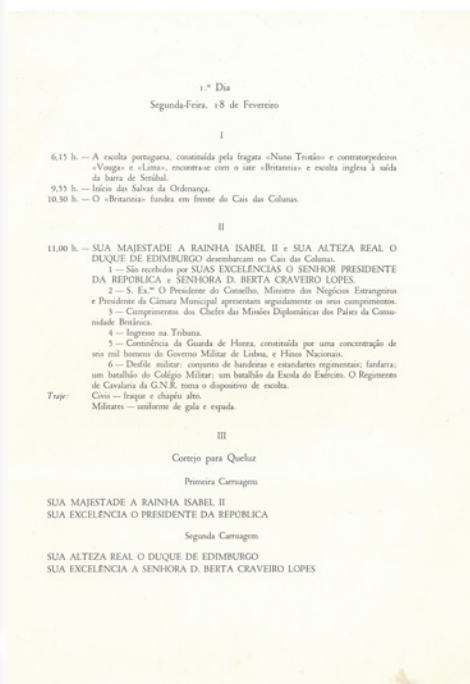
O último dia da estadia:

- Partida do Palácio Nacional de Queluz, com honras militares. A partida para o aeroporto, podia não ser direta e incluir alguns dos eventos anteriormente enunciados.
- Viagem até ao aeroporto, despedida final com honras militares.

Durante a estadia, o Pavilhão D. Maria I desempenhava um papel importante, servindo como residência ao Chefe de Estado visitante. Além disso as salas de aparato do Palácio Nacional de Queluz eram utilizadas para cerimónias protocolares organizadas pelo país visitante, como receções ao Corpo Diplomático, encontros com as comunidades dos países visitantes residentes em Portugal, encontros com a imprensa, o banquete de retribuição ao Presidente da República português, entre outros eventos de natureza protocolar. Para que o palácio pudesse cumprir adequadamente essas funções, era necessário encerrá-lo ao público durante um período de três a cinco dias, antes e após a visita, a fim de preparar os espaços e transferir o mobiliário necessário para a decoração da residência.

A preparação do pavilhão era sempre antecedida por um pedido formal do Serviço do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dirigido ao Diretor-Geral da Fazenda Pública, solicitando a cedência da residência e autorização para a transferência das peças provenientes de outros palácios e museus, bem como a colaboração dos conservadores dos Palácios Nacionais de Queluz e da Ajuda para organizar a sua decoração. Sempre que necessário era solicitada à Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) a realização das reparações e intervenções indispensáveis para a instalação das comitativas.

Para além das comitativas estrangeiras, também ficavam instalados em Queluz representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros português (MNE), a GNR responsável pela guarda de honra, a polícia política, funcionários da Presidência da República e do serviço hoteleiro contratado. Todas as despesas relacionadas com as visitas eram suportadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. [figs. 1, 2, 3 e 4]



[figs. 1, 2, 3 e 4]

Programas das visitas a Portugal: da Rainha Isabel II em 1957 e do Presidente da República da Indonésia, Sukarno, em 1960

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

No seguimento da marcante visita da Rainha Isabel II a Portugal, em fevereiro de 1957, sucederam-se outras, e em todas elas o Governo português procurou estabelecer acordos e políticas comuns na salvaguarda dos interesses nacionais.

O ano de 1957 foi marcado por intensa atividade diplomática, com a visita oficial a Portugal de três Chefes de Estado, que ficaram instalados na parte residencial do Palácio Nacional de Queluz. Isso implicou a montagem e desmontagem da residência em três ocasiões distintas, expondo o mobiliário e objetos decorativos a consideráveis riscos de acidentes e desgaste. Ventura Porfírio destaca, no seu relatório de outubro e novembro, a grande preocupação gerada por esta situação, que segundo ele se resolveria com a existência de um recheio permanente:

Felizmente, todas as remoções e arranjos se fizeram de modo a não haver que registar qualquer avaria grave nas peças deslocadas, o que não deve impedir-nos de novamente chamarmos a atenção para a inadiável necessidade, de mobilar definitivamente a parte residencial do Palácio.²

Nem mesmo as esporádicas transferências realizadas, nem a manutenção mais alargada de algumas das peças pertencentes aos acervos dos museus e palácios nacionais, como foi o caso da devolução, só em junho de 1958, do retrato de D. Catarina de Bragança ao Paço dos Duques de Bragança em Guimarães que tinha sido emprestado para a visita da Rainha Isabel II, resolveram a situação obrigando repetidamente à cedência de objetos provenientes de outras instituições.

2 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório outubro e novembro de 1957.

Visita do Governador-Geral da União da África do Sul, Ernest George Jansen, 6 a 9 de agosto de 1957

Entre 6 e 9 de agosto de 1957, o Governador-Geral da União da África do Sul, Ernest George Jansen (1881-1959)³ realizou uma visita oficial a Portugal como retribuição à deslocação que o Presidente da República, General Craveiro Lopes, efetuara àquele país em agosto de 1956. Um extenso artigo publicado no *Diário de Lisboa* de 6 de agosto contextualiza a importância desta visita para os interesses de Portugal e da União da África do Sul:

*A visita do mais alto magistrado da União da África do Sul a Portugal tem, deste modo, um significado e uma importância que devem situá-la para além de um acontecimento de cortesia internacional. Há uma razão mais forte para nos entendermos a acertarmos os nossos pontos de vista, qual é a da própria sobrevivência dos nossos dois países, como nações prósperas, civilizadas e independentes.*⁴

Dada a importância da visita, foi concedido ao Governador-Geral o estatuto de Chefe de Estado⁵. Após as devidas autorizações, a residência começou a ser preparada para receber o Dr. Ernest George Jansen. Para a decoração, os conservadores dos Palácios Nacionais de Queluz e da Ajuda recorreram aos acervos dos Palácios Nacionais, como Sintra, Pena, Mafra, Ajuda⁶, ao SNI⁷ (Palácio Foz), somando-se algumas peças dos Museus Nacionais de Arte Antiga e dos Coches, que ainda não tinham sido devolvidas após a estadia da Rainha Isabel II, e também naturalmente peças de Queluz. Infelizmente, não existe informação detalhada sobre o que foi emprestado, mas tendo em conta a decoração escolhida para a Rainha Isabel II e a importância desta visita, não terá sido muito diferente. Ventura Porfírio referiu no relatório de julho e agosto, o que foi necessário fazer no Palácio Nacional de Queluz:

3 Ernest George Jansen, foi o penúltimo Governador-Geral da União da África do Sul, ocupou este cargo entre 1951 e 1959, ano da sua morte.

4 (1957), "Diário de Lisboa", nº 12452, Ano 37, Terça, 6 de Agosto de 1957, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_18101 (2024-1-9).

5 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 24 de julho de 1957.

6 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofícios de 3 de agosto de 1957.

7 Arquivo do PNQ – Copiador da Correspondência Expedida, Livro nº 4 nº 139/57 - Prº 17- 3ª vol. de 21 de agosto de 1957.



[fig. 5]

À Chegada a Queluz, em cujo Palácio ficou instalado

Provas fotográficas do Álbum nº 124, autor não mencionado, 6 de agosto de 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns
Gerais n.º 124
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0124

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

Procedeu-se à desmontagem praticamente total, de todas as salas da ala D. Quixote, Embaixadores e Corredor das Mangas, para com as peças dali retiradas, arranjar convenientemente a parte residencial.

Além disso, foi ainda necessário transformar os quartos da zona visitada pelo público, em pequenas saletas, para serem utilizadas na noite do banquete oferecido a Sua Excelência o Senhor Presidente da República. (...) Logo que o Pavilhão ficou desocupado, fizeram-se regressar aos seus lugares as peças das salas visitadas pelo público e transportaram-se para a sua proveniência todas as outras.⁸

A viagem do Governador-Geral da União da África do Sul, foi feita de comboio, a partir de Madrid. Segundo o relato do *Diário de Lisboa*⁹, o comboio entrou em território nacional às 11:25 e na estação de Vilar Formoso foi recebido por um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelo Embaixador em Lisboa e pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros da União da África do Sul, entre outras autoridades nacionais. No trajeto para Lisboa, o comboio parou em Vila Franca, onde se juntou à comitiva o Ministro dos Negócios Estrangeiros português, o Professor Paulo Cunha. Chegaram à estação de Santa Apolónia em Lisboa, às 17:55 onde foram recebidos pelo Chefe de Estado, General Craveiro Lopes. No largo fronteiro à estação tiveram lugar as cerimónias oficiais, após as quais se dirigiram de automóvel para o Palácio Nacional de Queluz, onde a comitiva da África do Sul ficou alojada. [fig. 5]

⁸ Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-571, relatório julho e agosto de 1957.

⁹ *Diário de Lisboa*, nº 12452, 6 de agosto de 1957, p.9.



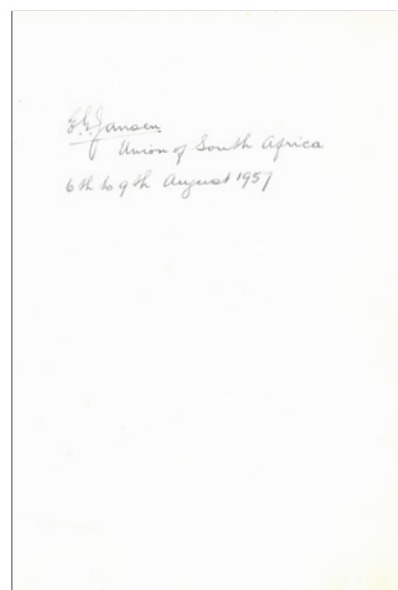
[fig. 6]

Banquete realizado no Palácio Nacional de Queluz

Provas fotográficas do Álbum nº 124, autor não mencionado, 8 de agosto de 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 124
 PT/TT/EPJS/SF/001-001/0124

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 7]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

O programa oficial da estadia do Dr. Ernest George Jansen, incluiu as habituais cerimónias protocolares, comuns a todas as visitas oficiais. No primeiro dia, após a chegada e instalação em Queluz, o Governador-Geral deslocou-se com a sua mulher ao Palácio de Belém, para apresentação de cumprimentos ao Chefe de Estado português. À noite realizou-se no Palácio Nacional da Ajuda, um banquete em sua honra oferecido pelo Chefe de Estado, seguido de receção e concerto. No segundo dia, recebeu em Queluz, o Corpo Diplomático, visitou o Mosteiro dos Jerónimos, participou numa receção nos Paços do Concelho de Lisboa e assinou o Livro de ouro do Município. No Palácio Nacional de Sintra, na Sala dos Cisnes, foi-lhe oferecido um almoço pelo Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar. No dia 8, realizou-se em Queluz, um banquete em honra do Presidente da República [fig. 6]. Partiu no dia seguinte para Madrid no *Lusitania Express*¹⁰. [fig. 7]

10 O *Lusitania Express*, em português Lusitânia Expresso, era um serviço ferroviário que unia Lisboa a Madrid. Funcionou entre 1943 e 1995.

Visita do Presidente da República Islâmica do Paquistão, Iskander Mirza, 11 a 14 de novembro de 1957

A visita a Portugal do Major-General Iskander Mirza (1899-1969)¹¹, a convite do Presidente da República, o General Craveiro Lopes, ocorreu no âmbito das cordiais relações entre os dois países, a visita ganhou ainda maior relevância devido ao delicado contexto da chamada “questão de Goa”¹².

A 11 de outubro o Ministério dos Negócios Estrangeiros comunicou à Direção-Geral da Fazenda Pública, a visita iminente do Presidente da República do Paquistão, solicitando autorização para a utilização do Pavilhão Residencial de Queluz e a transferência de mobiliário e objetos decorativos de outros palácios para a sua decoração¹³. A autorização formal foi concedida a 18 de outubro, desencadeando os preparativos para a estadia. Não foi localizada documentação ou fotografias que testemunhem a decoração realizada, mas que acreditamos ter seguido o mesmo modelo da visita anterior.

O avião que transportou o Presidente da República Islâmica do Paquistão, Major-General Iskander Mirza e sua comitiva, aterrou no aeroporto de Lisboa pelas 11:37 do dia 11 de novembro, tendo sido recebidos pelo General Craveiro Lopes¹⁴. Após as cerimónias oficiais, a comitiva dirigiu-se para o Palácio Nacional de Queluz [fig. 8], onde o Major-General Iskander Mirza almoçou em privado antes de iniciar o intenso programa oficial. No mesmo dia visitou o Chefe de Estado português no Palácio de Belém, recebeu o Corpo Diplomático em Queluz e teve uma audiência privada com o Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar [fig. 9]. À noite no Palácio Nacional da Ajuda teve lugar o banquete de gala em sua honra.

11 Iskander Mirza, último Governador-Geral do Domínio do Paquistão (1955-1956) e primeiro Presidente da República Islâmica do Paquistão de 1956 a 1958.

12 O termo “questão de Goa” refere-se ao impasse entre Portugal e a União Indiana em relação ao controle do território de Goa, que culminou com a sua invasão em 1961 pela União Indiana.

13 Arquivo da DGTF – Proc.26-LL-1-1, ofício de 11 de outubro de 1957.

14 RTP Arquivos, disponível em: [Visita do Presidente da República do Paquistão – RTP Arquivos](#), chegada ao PNQ minuto 6:40. Consultado a 08/07/2024.



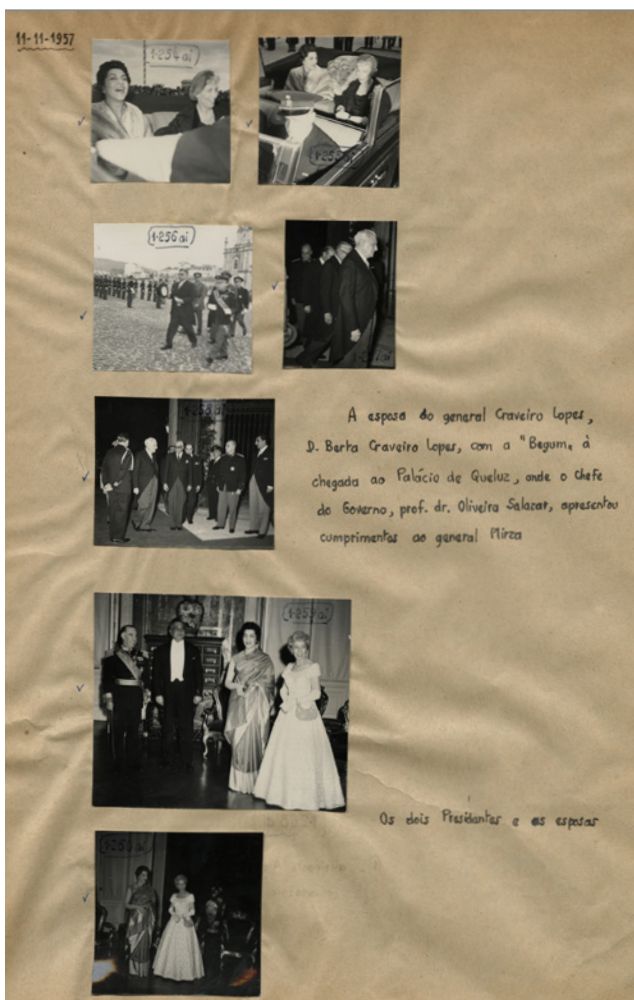
[fig. 8]

O Presidente do Paquistão acompanhado pelo Chefe de Estado chega ao Palácio de Queluz

Fotografia de F. Marques da Costa, 11 de novembro de 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico,
Reportagem, Presidentes da República, doc. 78707
PT/TT/SNI/ARQF/RP-001/78707

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



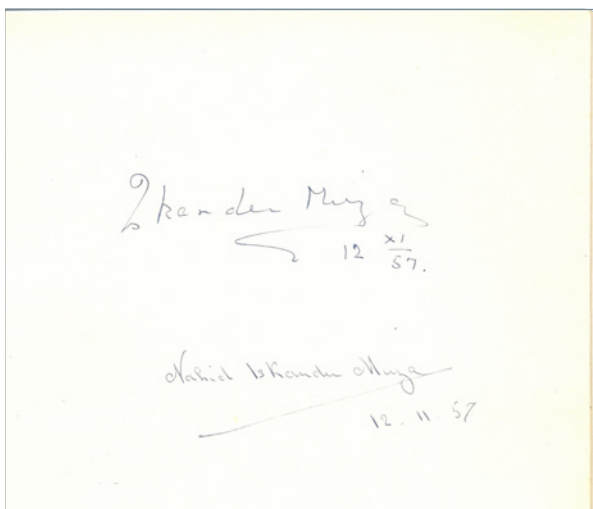
[fig. 9]

A esposa do general Craveiro Lopes, D. Berta Craveiro Lopes, com a "Begum" à chegada ao Palácio de Queluz, onde o chefe do Governo, prof. Dr. Oliveira Salazar, apresentou cumprimentos ao general Mirza

Provas fotográficas do Álbum nº 124, autor não mencionado, 11 de novembro de 1957.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 124
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0124

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 10]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

O dia 12 foi dedicado à cidade de Lisboa, incluindo visitas à Estufa Fria, ao Museu Nacional dos Coches, ao Mosteiro dos Jerónimos, seguido de um almoço na Câmara Municipal de Lisboa. No dia 13 visitou os Mosteiros de Alcobaça e da Batalha, passou por Fátima e Tomar onde visitou o Convento de Cristo. Em Abrantes foi-lhe oferecido um almoço pela 3ª Divisão Militar, partindo em seguida para o Campo Militar de Santa Margarida. De novo em Queluz, teve lugar o jantar de gala em honra do General Craveiro Lopes. No último dia da sua estadia, foi organizado um passeio a Mafra, Ericeira, Sintra, com almoço em Seteais e visitas ao Palácio Nacional da Pena e ao Estoril. As senhoras tiveram um programa à parte, exceto nas cerimónias oficiais, em que também estiveram presentes.

A partida do Presidente Iskander Mirza de Queluz¹⁵ foi relatada pelo *Diário de Lisboa* de 15 de novembro:

O presidente Mirza deixou Queluz com uma expressão de saudade ao despedir-se do pessoal que o serviu. O casal levantou-se cedo. O pequeno almoço foi às 7 horas: apenas chá e torradas. Daí a pouco o presidente e sua esposa entravam numa das salas para onde haviam convocado todo o pessoal - criados, cozinheiros, contínuos e jardineiros. A cada um deles, o major-general Mirza e a "begum"¹⁶ apertaram a mão, com palavras de louvor pela forma como os serviram.¹⁷ [fig. 10]

15 RTP Arquivos, disponível em: [Visita do Presidente da República do Paquistão – RTP Arquivos](#), partida de Queluz a partir do minuto 10:51. Consultado a 08/07/2024.

16 Begum Nahid Iskandar Mirza (1919-2019), mulher do Presidente da República Islâmica do Paquistão Iskander Ali Mirza.

17 (1957), "Diário de Lisboa", nº 12552, Ano 37, Sexta, 15 de Novembro de 1957, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_18269 (2024-1-26).

Visita do Imperador da Etiópia (Abissínia), Hailé Selassié, 26 a 31 de julho de 1959

Em julho de 1959, Portugal recebeu o Imperador da Etiópia, Hailé Salassié (1892-1975)¹⁸, também conhecido como Ras Tafari, durante a viagem que realizava pela Europa. Esta visita representou um evento de grande importância histórica e diplomática, assinalando um marco significativo nas relações bilaterais entre os dois países.

A estadia do ilustre visitante envolveu um cuidadoso planeamento. Em junho, técnicos da DGEMN deslocaram-se a Queluz para realizar o levantamento das necessidades de reparações consideradas indispensáveis¹⁹. Simultaneamente a decoração começou a ser preparada, contemplando não só a instalação da comitiva do Imperador, composta por 11 pessoas, mas também, como era habitual, da comitiva portuguesa de apoio à visita. Sabemos que para esta estadia ela seria composta por “dois funcionários deste Ministério, os oficiais Gerais ajudantes portugueses, oficial comandante da Guarda-ao-Palácio e possivelmente outras entidades, ainda não designadas”²⁰ de acordo com o ofício do chefe do protocolo que julgava ainda conveniente “prever a necessidade de ser aproveitada a ala do corpo central do Palácio...”.

Entre 9 e 22 de julho foram transportadas para a residência as peças escolhidas para a decoração, provenientes de várias instituições, como o Palácio Nacional da Ajuda, o SNI (Palácio Foz), o Palácio da Cidadela e o Ministério Negócios Estrangeiros (Palácio das Necessidades) para além do próprio Palácio Nacional de Queluz. Estas peças incluíam móveis, pinturas, serviços de porcelana e vidro, bronzes, pratos, tapetes, tapeçarias e lustres²¹. Não foram incluídos leitos, uma vez que estes já existiam no recheio do pavilhão, conforme indicado na Relação dos Quartos de cama existentes no Pavilhão Residencial²². Esta relação identifica, a quantidade de leitos por estilo e por quarto e foi resultado do esforço dos conservadores em criar um recheio permanente

18 Hailé Salassié, foi Regente da Etiópia de 1916 a 1930 e Imperador de 1930 a 1974.

19 Arquivo da DGTF – Processo 26-LL-571, relatório de junho de 1959.

20 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 27 de junho. Ofício do Chefe de Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros dirigido ao Conservador do Palácio Nacional de Queluz António Ventura Porfírio. A citação seguinte reporta à mesma referência.

21 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, guias de entrega de 9 a 22 de julho de 1959.

22 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, Relação dos Quartos de cama existentes no Pavilhão Residencial, 1959.

que não necessitasse de ser alterado entre visitas, pelo menos no que diz respeito às peças de maiores dimensões.

Esta visita foi acompanhada de uma ampla cobertura pela imprensa, registando não apenas os eventos oficiais, mas também os momentos mais informais. As notícias da iminente chegada do imperador começaram a ser divulgadas com alguma antecedência. No dia 22 de julho o *Diário de Lisboa*²³ informava ter chegado a Baionne a escolta da Marinha, composta por dois contratorpedeiros e pela Fragata Nuno Tristão que o conduziria a Portugal.

O imperador e a sua neta Aida Desta (1927-2013), que o acompanhou no périplo europeu, chegaram a Lisboa no dia 26. A fragata que os transportou fundeou no Tejo em frente do Cais das Colunas, onde eram aguardados pelo Presidente da República, o Almirante Américo Tomás (1894-1987)²⁴ e demais entidades²⁵. Após as honras militares no Terreiro do Paço, a comitiva dirigiu-se para o Palácio Nacional de Queluz, atravessando Lisboa num automóvel descoberto, recebendo à sua passagem as aclamações da multidão. Em Queluz depois dos cumprimentos das autoridades locais, teve lugar um almoço privado. Seguindo o protocolo habitual, o imperador visitou depois no Palácio de Belém o Presidente da República e, pelas 18:00, na Sala de Visitas da residência recebeu, em audiência privada o Presidente do Conselho [fig. 11]. A decoração desta sala [fig. 12] seguiu o modelo escolhido para a visita da Rainha Isabel II, tendo-se substituído o retrato de D. Catarina de Bragança, pelo da Rainha D. Maria II (1819-1853), [fig. 13] proveniente do Palácio Nacional da Ajuda (PNA 1340). A mesma decoração foi repetida nas visitas que decorreram no ano seguinte.

Esta visita, tal como as anteriores, foi marcada por uma série de cerimónias que incluiu encontros diplomáticos, receções oficiais e banquetes, bem como visitas a locais históricos e turísticos. No dia 27 após a receção ao Corpo Diplomático em Queluz, a comitiva dedicou a manhã à cidade de Lisboa, visitando o Mosteiro dos Jerónimos, o Museu Nacional dos Coches e a Câmara Municipal de Lisboa. De tarde passeou por

23 *Diário de Lisboa*, nº 13153, 22 de julho de 1959.

24 Almirante Américo Tomás, foi o 13º Presidente da República portuguesa entre 1958 e 1974, o último do Estado Novo.

25 RTP Arquivos, disponível em: [Visita do Imperador da Etiópia a Portugal – RTP Arquivos](#), chegada ao Palácio Nacional de Queluz a partir do minuto 04:37. Consultado a 08/07/2024.

26-7-1959



Alguns aspectos da visita, em Queluz, do Chefe do Governo, Dr. Oliveira Salazar, ao Imperador Haile Selassie. Após demorada conferência trocaram valiosas ofertas

[fig. 11]

Alguns aspectos da visita, em Queluz, do Chefe do Governo, Dr. Oliveira Salazar, ao Imperador Haile Selassie. Após demorada conferência trocaram valiosas ofertas

Provas fotográficas do Álbum nº 132, autor não mencionado, 26 de julho de 1959.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 132
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0132

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 12]

Sala de Visitas, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, cerca de 1959.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 13]

Retrato de D. Maria II

Autor desconhecido, óleo sobre tela

Portugal, século XIX.

Lisboa, Palácio Nacional da Ajuda

Inv. 1340

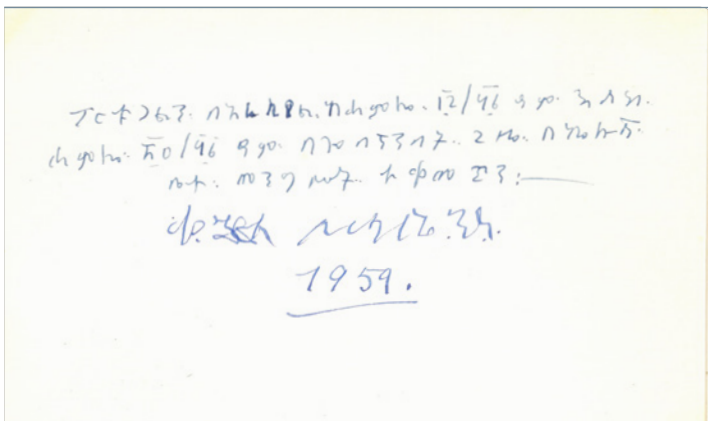
© MMP, E.P.E./ADF, Henrique Ruas

Sintra, tomou chá no Palácio Nacional da Pena²⁶ e passou por Cascais e Estoril. O dia terminou com um banquete em sua honra no Palácio Nacional da Ajuda, oferecido pelo Presidente da República. Nos dias 28 e 29, visitou respetivamente os Mosteiros de Alcobaça e Batalha, o Castelo de Leiria (onde almoçou), o Palácio Nacional de Mafra (onde almoçou) e a Tapada de Mafra. Na noite do dia 29, assistiu a uma Tourada de Gala, à antiga portuguesa na Praça de Touros do Campo Pequeno. No dia 30, deslocou-se às Bases Aéreas da Ota e de Tancos e ao Campo Militar de Santa Margarida, e à noite realizou-se em Queluz o banquete em honra do Presidente da República.

O Imperador da Etiópia Hailé Selassié, concluiu a sua visita a 31 de julho. Segundo o relato do *Diário de Lisboa*²⁷ eram 10:20 quando deixou o Palácio Nacional de Queluz, sua residência durante os seis dias que esteve em Portugal, para prosseguir a sua viagem pela Europa, com destino à Alemanha. [fig. 14]

26 ANTT – Secretariado Nacional de Informação, cx. 4299. Cerimonial do Imperador da Etiópia.

27 *Diário de Lisboa*, nº 13153, 31 de julho de 1959.



[fig. 14]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 15]

Átrio do andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, cerca de 1959.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

No ano de 1960, a convite do Governo português, quatro Chefes de Estado dos continentes americano e asiático realizaram visitas oficiais a Portugal e como era habitual, ficaram instalados no Pavilhão D. Maria I, a residência oficial. Em comparação com os anos anteriores, a decoração deste pavilhão não sofreu alterações significativas, como é comprovado pelas relações de peças emprestadas²⁸ e pelas fotografias publicadas, como foi o caso da Sala de Visitas, onde habitualmente se realizavam as audiências privadas do Chefe de Estado visitante. Os átrios [fig. 15] e esta sala eram os únicos compartimentos do pavilhão acessíveis à imprensa por um período limitado e sempre supervisionados pela segurança.

28 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, guias de entrega de 25 de abril a 7 de maio de 1960; 19 de maio de 1960; 20 a 22 de julho e 1 de agosto de 1960; 24 de agosto de 1960.

Visita do Presidente da República da Indonésia, Sukarno, 5 a 8 de maio de 1960

A visita de Sukarno (1901-1970)²⁹ a Portugal ocorreu num contexto político e diplomático relevante para ambos os países, especialmente devido à proximidade com Timor. Como presidente da recém-independente Indonésia, procurou fortalecer os laços bilaterais e obter apoio internacional para o seu país em desenvolvimento. Para Portugal, a visita representou uma oportunidade para expandir as suas relações diplomáticas para além da Europa e estabelecer laços comerciais e políticos com nações asiáticas.

No dia 5 de maio de 1960, o Presidente Sukarno chegou a Lisboa para uma estadia de quatro dias, seguindo um programa de visita semelhante aos anteriores. Foi recebido com honras militares à chegada no aeroporto, e posteriormente deslocou-se para o Palácio Nacional de Queluz atravessando Lisboa, onde foi novamente recebido com honras militares [fig. 16]. Conforme estipulado no programa da visita, almoçou na residência, em conjunto com as comitivas portuguesa e indonésia, “13.30 – Almoço íntimo no Palácio de Queluz”.³⁰ O serviço foi providenciado pelo restaurante Cozinha Velha, confeccionado pelos chefes Lopes e Negrin, e constava de:

*«Crepe» fruta em «cok-tail», «Salmão do Minho com molho verde e batatas vapor», «Pato com laranja», «Trufas à portuguesa», «Pudim abade de Priscos», «Ananás au Madeira» e «Café Timor». Com os aperitivos foi servido Porto seco e com os restantes pratos S. Miguel 1936, Evel 1941, Champagne Viuva Clicquot, Porto 1937 e Cognac Napoleão.*³¹

No mesmo dia, o Presidente Sukarno recebeu o Corpo Diplomático na Sala do Trono do Palácio Nacional de Queluz, e no dia 7 ali foi realizado o banquete de retribuição. [fig. 17] Sukarno partiu de Portugal no dia 8, continuando, como noticiado pelo *Diário de Lisboa* desse dia, “a sua volta ao Mundo”³² em direção a Havana, Cuba. [fig. 18]

29 Sukarno, primeiro Presidente da Indonésia entre 1945 e 1967. A independência do país só foi reconhecida em 1949.

30 ANTT – Arquivo Salazar, PC-60, cx. 634 Capilha 36.

31 “Diário de Lisboa”, nº 13435, Ano 40, Quinta, 5 de Maio de 1960, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_16792 (2024-2-16).

32 “Diário de Lisboa”, nº 13438, Ano 40, Domingo, 8 de Maio de 1960, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_16808 (2024-2-16).



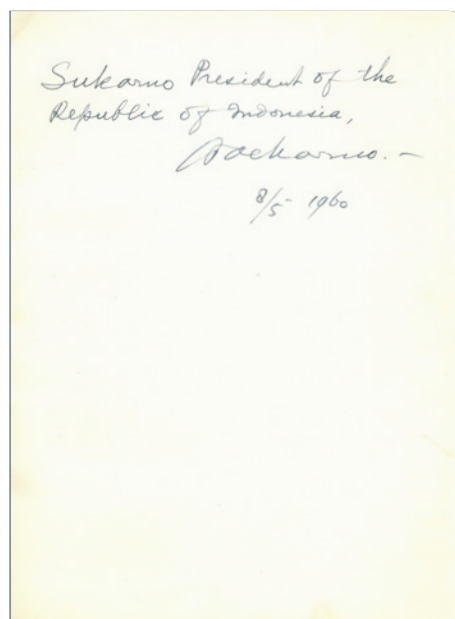
[fig. 16]

À chegada do Presidente da Indonésia ao Palácio de Queluz, tornando sua residência durante a sua estada no nosso País. Acompanhou-o o almirante Américo Tomás

Provas fotográficas do Álbum nº 135, autor não mencionado, 5 de maio de 1960.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 135
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0135

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

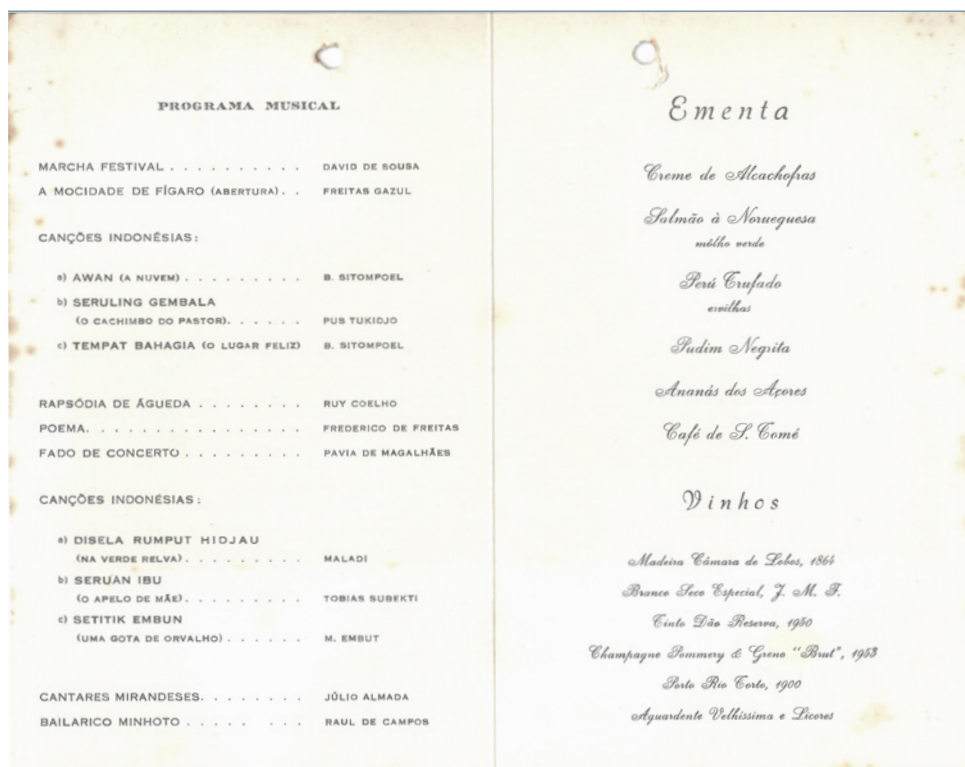


[fig. 18]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 17]

Menu do banquete de 7 de maio de 1960 no Palácio Nacional de Queluz

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Visita do Presidente dos Estados Unidos da América, General Dwight David Eisenhower, 19 a 20 de maio de 1960

Dwight David Eisenhower (1890-1969)³³ foi o primeiro Presidente dos Estados Unidos, em funções, a visitar Portugal. A estadia de apenas dois dias fazia parte da viagem pela Europa realizada num momento crucial da Guerra Fria, marcado por grandes tensões entre os blocos ocidental e oriental. A presença de Eisenhower em Portugal representou um marco importante, permitindo o reforço da aliança estratégica entre os dois países. Esta visita também foi interpretada como um gesto de apoio aos esforços de Portugal para manter as suas “colónias”, sendo considerado pelos Estados Unidos como uma forma de conter a expansão do comunismo em África.

Apesar da curta estadia, pouco mais de 24 horas, o programa não deixou de incluir as cerimónias mais importantes, concentradas num único dia. Eisenhower foi recebido com honras militares no aeroporto pelo Presidente da República, Almirante Américo Tomás, seguindo logo para o Palácio Nacional de Queluz, atravessando Lisboa, sempre acompanhado pela multidão que o saudava de forma entusiástica³⁴. Diante da presença da população que o aguardava em grande número em Queluz, Eisenhower assomou à varanda do Pavilhão D. Maria I para agradecer a receção [fig. 19]. No programa constava ainda um almoço no Palácio Nacional da Ajuda oferecido pelo Chefe de Estado, e à tarde, em Queluz recebeu em audiência o Presidente do Conselho. Uma foto do Átrio do primeiro piso, proveniente do Arquivo do Jornal de Notícias, mostra o General Eisenhower com o Presidente do Conselho, António Oliveira Salazar [fig. 20]. Como pano de fundo é possível identificar o retrato da Rainha D. Maria I do Museu Nacional dos Coches [fig. 21], que desde 1957 passou a integrar, em regime de depósito, o recheio do Pavilhão D. Maria I, e atualmente está exposto na Sala da Música. O dia terminou com um jantar de gala no palácio.

33 Dwight David Eisenhower, foi o 34º Presidente dos Estados Unidos da América entre 1953 e 1961.

34 RTP Arquivos, disponível em: [Visita de Eisenhower a Portugal – RTP Arquivos](#), chegada a Queluz a partir do minuto 4:00. Consultado a 08/07/2024.



[fig. 19]

Dwight Eisenhower, presidente dos Estados Unidos da América, em Lisboa

Provas fotográficas do Álbum nº 135, autor não mencionado, 19 de maio de 1960.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 135
 PT/TT/EPJS/SF/001-001/0135

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 20]

O General Eisenhower e António de Oliveira Salazar, no átrio do andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 19 de maio de 1960.

Lisboa, Arquivo do Diário de Notícias

© Arquivo DN/GMG



[fig. 21]

Retrato da Rainha D. Maria I

Giuseppe Trono, atribuído
Óleo sobre tela, Portugal, 1789-1796

Lisboa, Museu Nacional dos Coches em depósito no
Palácio Nacional de Queluz
Inv. MNC HD0016

© MMP, E.P.E./ADF, Paulo Cintra e Laura Castro Caldas

No dia seguinte, pela manhã, o General Eisenhower deixou o Palácio Nacional de Queluz, recebendo uma calorosa despedida por parte dos funcionários que estiveram ao seu serviço na residência [fig. 22]. O transporte para o aeroporto da Portela foi feito de helicóptero³⁵, acontecimento inédito para a época. [figs. 23 e 24]

35 RTP Arquivos, disponível em: [Partida do Presidente Eisenhower – RTP Arquivos](#), chegada do helicóptero ao aeroporto a partir do minuto 12:00. Consultado em 08/07/2024.

19-5-1960



Os Presidentes de Portugal, almirante Américo Tomás (u), e dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower (e), o chefe do Governo português, Dr. Oliveira Salazar (e), e as esposas do almirante Tomás, D. Gertrudes Tomás (i); e do embaixador americano, Senhora Elbrick (i) antes do banquete realizado no Palácio de Queluz.

20-5-1960



À sua partida de Queluz, num helicóptero, a caminho do aeroporto da Portela, Eisenhower recebeu flores, concedeu um autógrafa e teve a amabilidade de se despedir do pessoal que o serviu no palácio daquela vila.



[fig. 22]

À sua partida de Queluz, num helicóptero, a caminho do aeroporto da Portela, Eisenhower recebeu flores, concedeu um autógrafa e teve a amabilidade de se despedir do pessoal que o serviu no palácio daquela vila

Provas fotográficas do Álbum nº 135, autor não mencionado, 20 de maio de 1960.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 135
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0135

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



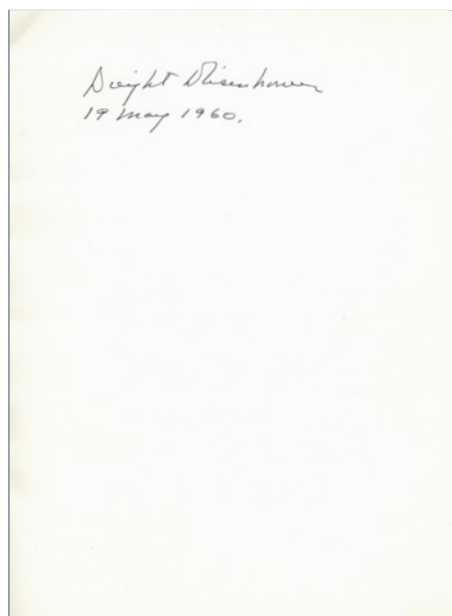
[fig. 23]

Partida do Palácio Nacional de Queluz

Fotografia de autor desconhecido, 20 de maio de 1960.

Lisboa, Arquivo do Diário de Notícias

© Arquivo DN/GMG



[fig. 24]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Visita do Presidente dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), Juscelino Kubitschek de Oliveira, 6 a 10 de agosto de 1960

Esta visita ocorreu no âmbito das Comemorações Henriquinas organizadas por Portugal para assinalar os 500 anos da morte do Infante D. Henrique (1394-1466). Em julho de 1959, uma delegação portuguesa deslocou-se ao Rio de Janeiro com a missão de convidar o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira a estar presente nas comemorações. Este evento representou uma oportunidade para reforçar os laços de amizade e solidariedade entre os dois países, além de possuir um significado simbólico ao destacar a importância da herança cultural partilhada. A visita ficou marcada, tal como aconteceu em 1956, pela calorosa receção popular à presença de Kubitschek, figura carismática que gerou grande empatia junto dos portugueses. A sua ligação a Portugal não ficou circunscrita às relações políticas e diplomáticas; foram várias as deslocações de carácter privado que fez ao nosso país, tendo inclusivamente uma das suas filhas realizado o seu casamento em Lisboa.

No dia 6 de agosto, pelas 12:30, o Presidente Kubitschek de Oliveira desembarcou no Terreiro do Paço, onde foi recebido pelo Presidente da República Almirante Américo Tomás, tendo-lhe sido prestadas as habituais honras militares. Desde logo, foi notória a forte presença popular que se estendeu por todo o percurso que a comitiva presidencial fez por Lisboa e também à chegada ao Palácio Nacional de Queluz, onde o aguardavam alguns cidadãos brasileiros residentes em Portugal [fig. 25]. Aqueles que não puderam estar presentes à sua chegada tiveram a oportunidade de assistir à transmissão em direto realizada pela RTP, como anunciado previamente nos jornais. A imprensa brasileira também acompanhou atentamente a deslocação do presidente a Portugal, com as primeiras notícias sobre a estadia e o programa da visita a serem publicadas durante o mês de julho. A 6 de agosto, o jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro informou os seus leitores que o Presidente Kubitschek, após a receção em Lisboa, se deslocaria para o Palácio Nacional de Queluz, “antigo palácio real, residência dos chefes de estado em visita”³⁶. No mesmo jornal, na edição de 7 de

36 *Correio da Manhã*, nº 20664 de 6 de agosto de 1960. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1960 a 1969 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Consultado a 08/07/2024.

6-8-1960



O Presidente Kubitschek à sua chegada ao Palácio de Queluz, aonde o acompanhou o almirante Américo Tomás, foi saudado por elementos da colónia brasileira radicados no nosso País e teve de corresponder, juntamente com a mulher e as filhas, de uma das janelas do edifício, às saudações populares

[fig. 25]

O Presidente Kubitschek à sua chegada ao Palácio de Queluz, aonde o acompanhou o almirante Américo Tomás, foi saudado por elementos da colónia brasileira radicados no nosso País e teve de corresponder, juntamente com a mulher e as filhas, de uma das janelas do edifício, às saudações populares

Provas fotográficas do Álbum nº 136, autor não mencionado, 6 de agosto de 1960.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 136
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0136

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

agosto, foi publicada uma notícia curiosa com o título “JK na Cama de Eisenhower”, onde mencionava o leito e o quarto onde o presidente ficou instalado em Queluz:

O presidente Juscelino Kubitschek dorme, no Palácio de Queluz, na mesma cama em que dormiram todos os chefes de Estado que visitaram recentemente, Portugal. Assim JK repousa na cama em que dormiram Eisenhower, a rainha Elizabeth, o general Franco, o presidente da Indonésia, Sukarno.

O presidente Café Filho, embora tivesse morado no mesmo quarto de JK, não dormiu na mesma cama. O que ele usou, ficou para o general Nelson de Mello, alojado no primeiro andar do Palácio.

Márcia e Maristela, as filhas do presidente, estão alojadas num mesmo quarto, sendo que as demais personalidades, em que se incluem os ajudantes diretos do Sr. Kubitschek estão em quartos individuais, de maior luxo, com salas de banho anexas, construídas em mármore de Viana.

Cinquenta serviçais internos estão à disposição da comitiva presidencial, no Palácio de Queluz, e mais cinquenta fazem os serviços externos. Pessoal da cozinha e garçons foram especialmente contratados pelo governo e postos à disposição da embaixada brasileira.³⁷

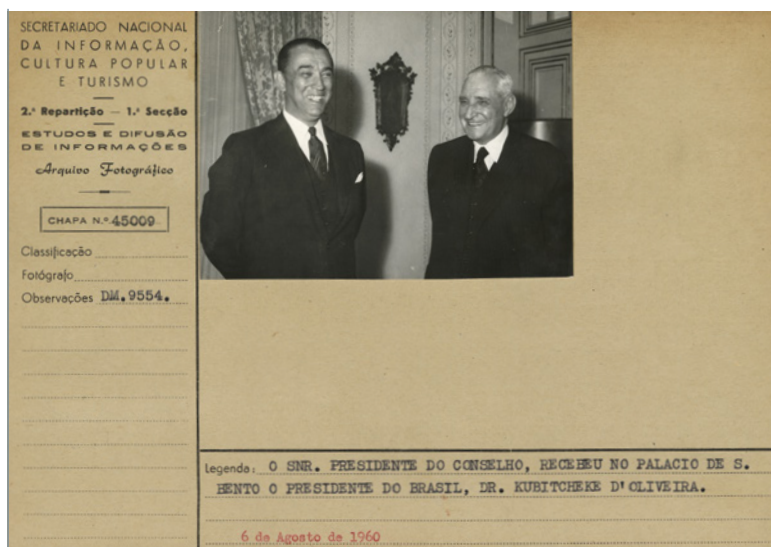
No primeiro dia, após a receção em Queluz ao Corpo Diplomático, e no âmbito das cerimónias integradas no programa das Comemorações Henriquinas, o presidente deslocou-se ao Algarve, onde visitou a Fortaleza de Sagres, e nos dias seguintes a Coimbra e ao Porto. A viagem para o Porto foi feita de comboio a partir da estação de caminhos de ferro de Queluz, com os dois presidentes, português e brasileiro, a partilharem a mesma carruagem. No dia 9 de agosto, participou na cerimónia de inauguração do Monumento dos Descobrimentos³⁸ e visitou a exposição Henriquina. À noite, teve lugar o jantar de gala no Palácio Nacional de Queluz, seguido de uma receção com ceia, servida pela pastelaria Benard, para cerca de 2500 convidados, e que decorreu no interior do palácio e nos jardins. Segundo o *Diário de Lisboa*:

Houve baile, animado pela Banda do «Almirante Barroso» (...) Para esta ceia (...) sacrificaram-se 80 perus, 60 faisões e 130 lagostas. Cortaram-se 30 fiambres e confeccionaram-se 4 mil «sandwiches» e 4 mil croquetes, 2 mil rissóis, 4 mil bolos e 60 quilos de doces de ovos (...) 30 caixas de «whisky» e outras 30 de champagne. De «cup» e laranjada consumiram-se para cima de 600 litros.³⁹

37 *Correio da Manhã*, nº 20665 de 7 de agosto de 1960. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1960 a 1969 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Consultado a 08/07/2024.

38 O Padrão original construído em materiais perecíveis, por ocasião da Exposição do Mundo Português foi reconstruído em betão e cantaria. Na sua reconstrução e na zona envolvente colaboraram Continelli Telmo, que o desenhou, Leopoldo de Almeida autor da estatuária, António Pardal Monteiro, Cristino da Silva, Edgar Cardoso e António Abreu.

39 (1960), “*Diário de Lisboa*”, nº 13531, Ano 40, Quarta, 10 de Agosto de 1960, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_16686 (2024-2-26).



[fig. 26]

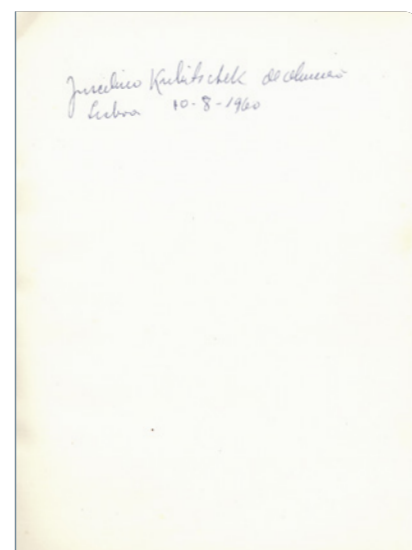
O Snr. Presidente do Conselho, recebeu no Palácio de S. Bento o Presidente do Brasil, Dr. Kubitschek d'Oliveira

Autor não mencionado, 10 de agosto de 1960.

A legenda desta foto está incorreta. A audiência ocorreu na Sala de Visitas da residência no Palácio Nacional de Queluz, no dia 10 de agosto, onde o Presidente do Conselho de Ministros apresentou cumprimentos ao Presidente do Brasil.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Reportagem,
Primeiros-Ministros, doc. 45009
PT/TT/SNI/ARQF/RP-002/45009

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 27]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

No dia 10, na Sala de Visitas da residência, o Presidente Kubitschek de Oliveira recebeu em audiência o Presidente do Conselho de Ministros, António Oliveira Salazar [fig. 26]. O regresso ao Brasil teve lugar no dia 11. O presidente deixou Queluz às 8:20, não sem antes se ter despedido do pessoal que esteve ao seu serviço durante a estadia, e que lhe ofereceu uma lembrança, uma escultura. Nas últimas declarações aos jornalistas, ainda em Queluz, afirmou emocionado, “Parto com profunda saudade de Portugal”.⁴⁰ [fig. 27]

40 (1960), “Diário de Lisboa”, nº 13532, Ano 40, Quinta, 11 de Agosto de 1960, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_16690 (2024-2-26).

Visita dos Reis da Tailândia, Bhumibol Adulyadej (Rama IX) e da Rainha Sirikit, 22 a 25 de agosto de 1960

A visita dos Reis da Tailândia, Rei Bhumibol Adulyadej (1927-2016)⁴¹ e da Rainha Sirikit (n.1932), marcou a segunda deslocação a Portugal realizada por monarcas tailandeses. A primeira ocorreu em 1897, protagonizada pelo Rei Chulalongkorn (1853-1910). Este evento inseriu-se num contexto internacional mais amplo, no qual o regime tailandês procurava afirmar-se e fortalecer as suas relações bilaterais com várias nações incluindo Portugal. No caso português, com enfoque nas relações históricas entre os dois países, remontando ao século XVI, quando a Tailândia era conhecida como Reino do Sião. A estadia dos Reis da Tailândia em Portugal foi marcada por um considerável interesse mediático por parte da imprensa nacional, que acompanhou de perto todas as deslocações do jovem casal pelo território nacional. A beleza e elegância da Rainha Sirikit, contribuiu significativamente para a atenção da imprensa.

Os reis aterraram em Lisboa a 22 de agosto para uma estadia de três dias.⁴² Após as cerimónias de apresentação de cumprimentos e as honras militares, as comitivas deslocaram-se para Queluz, onde o casal real ficou instalado. O percurso seguido foi o habitual nestas cerimónias, sempre marcado pela presença popular à sua passagem.

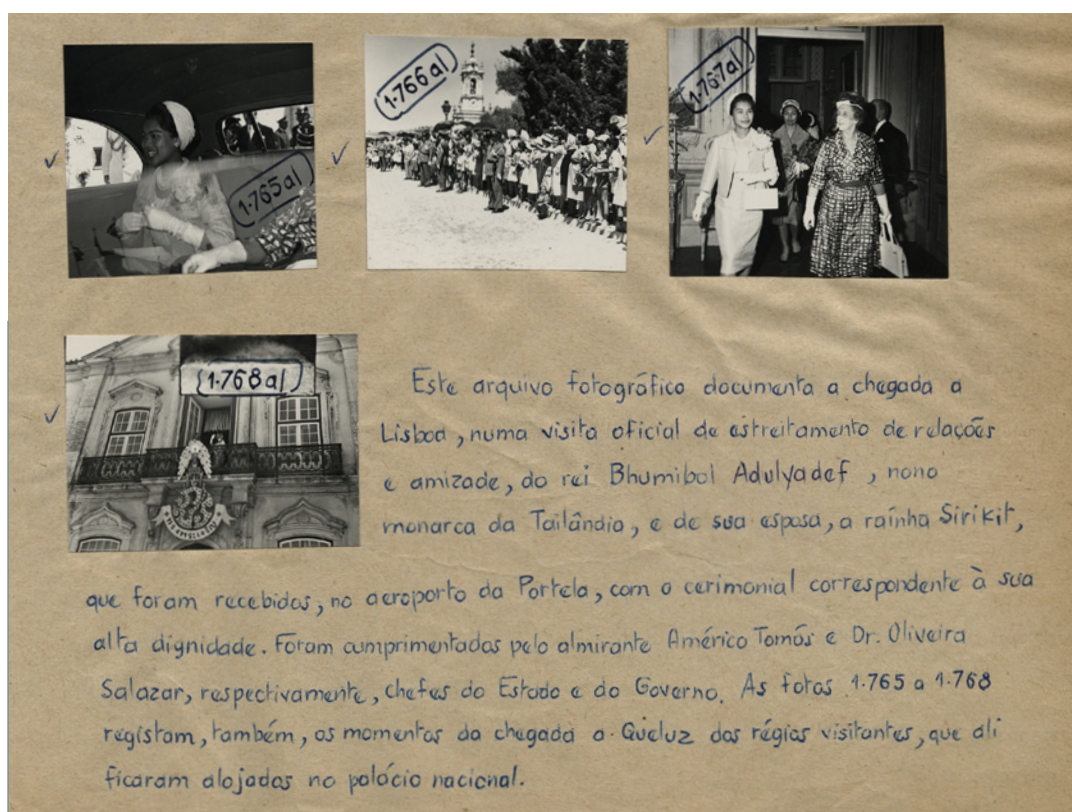
[figs. 28 e 29]

Algumas informações e curiosidades relacionadas com a visita, como os quartos ocupados ou a comida servida nas refeições privadas, a descrição da roupa que as senhoras usavam, eram frequentemente publicadas nos jornais. Soube-se que na bagagem da comitiva tailandesa constavam géneros alimentícios típicos do país para serem consumidos pelos reis. Quanto à instalação na residência segundo o *Diário de Lisboa* de 22 de agosto, ficou-se a saber que:

O rei e a rainha da Tailândia ficaram instalados no Pavilhão D. Maria que tem sido ocupado, nas últimas visitas, pela rainha Isabel de Inglaterra, presidentes Sokarno da Indonésia, Eisenhower dos Estados Unidos e Kubitschek de Oliveira, do Brasil. Os soberanos dispõem de uma «suite»

41 Rei Bhumibol Adulyadej, Rama IX, foi o nono monarca da dinastia Chakri. Reinou mais de setenta anos de 1950 a 2016.

42 RTP Arquivos, disponível em: [Reis da Tailândia em Portugal - Retrovisor, RTP Memoria - Canais TV - RTP](#). Consultado a 08/07/2024.



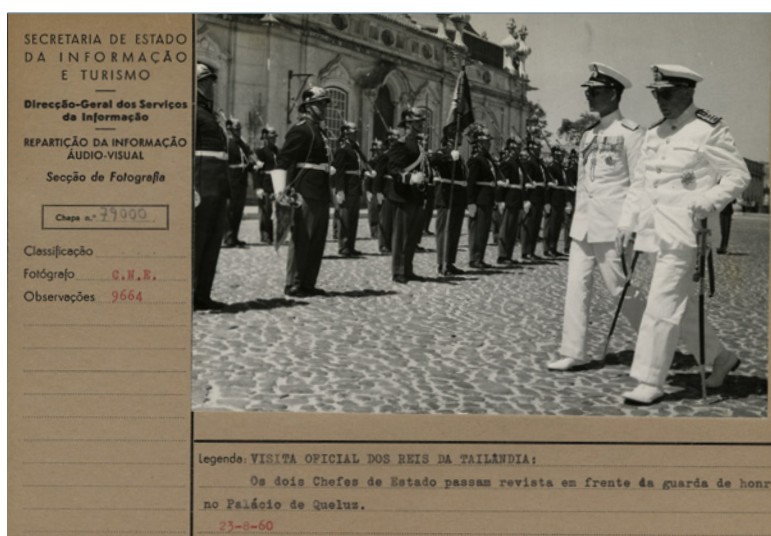
[fig. 28]

Visita oficial dos Reis da Tailândia a Portugal em 1960

Provas fotográficas do Álbum nº 136, autor não mencionado, 22 de agosto de 1960.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 136
 PT/TT/EPJS/SF/001-001/0136

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



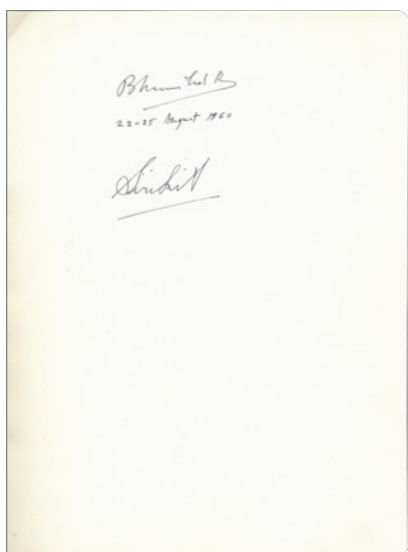
[fig. 29]

Visita Oficial dos Reis da Tailândia: Os dois Chefes de Estado passam revista em frente da guarda de honra no Palácio de Queluz

Fotografia de autor não mencionado, 22 de agosto de 1960.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
 Secretariado Nacional de Informação,
 Arquivo Fotográfico, Reportagem,
 Presidentes da República, doc. 79000
 PT/TT/SNI/ARQF/RP-001/79000

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 30]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

absolutamente independente e, ainda, de um gabinete de trabalho, toucador e casa de jantar privativa. Os restantes membros foram alojados no rés-do-chão.

Os ilustres visitantes almoçaram com os elementos das suas comitivas (...) O almoço constava de «consomé» quente em taça, lagosta suada, frango com «champignon», fruta da época e café de S. Tomé.⁴³

A visita prosseguiu na forma habitual, terminando no dia 24 com o banquete no Palácio Nacional de Queluz. À partida de Queluz que ocorreu pelas 10:00 do dia 25, no átrio da residência o rei e a rainha despediram-se do pessoal que esteve ao seu serviço. No exterior, foram mais uma vez saudados pela população, tendo a rainha recebido uma aclamação especial⁴⁴. [fig. 30]

Visita de sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Dom José da Costa Nunes, Legado "A Latere" para as Comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, 11 a 16 de maio de 1967

A visita do Cardeal D. José da Costa Nunes (1880-1976)⁴⁵, legado "A Latere" para as comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, foi a única deslocação oficial de um dignatário estrangeiro a Portugal entre os anos de 1961 e 1968. Este acontecimento ocorreu num ambiente de tensão nas relações entre o Governo português e o Vaticano, na sequência da visita do Papa Paulo VI (1897-1978)⁴⁶ a Bombaim. Apesar das tensões, o Papa esteve presente no Santuário de Fátima a 13 de maio para participar nas comemorações, onde cumpriu uma agenda de cariz meramente religioso, sem passar por Lisboa.

43 (1960), "Diário de Lisboa", nº 13543, Ano 40, Segunda, 22 de Agosto de 1960, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_17767 (2024-2-28).

44 *Diário de Lisboa*, nº 13546, 25 de agosto de 1960.

45 O Cardeal José da Costa Nunes, foi Bispo de Macau, Arcebispo de Goa e Damão, foi elevado a Cardeal em 1962.

46 Paulo VI, foi eleito papa em 1963 até 1978 data da sua morte.

A 29 de abril, o Chefe do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros comunicou a António Ventura Porfírio a realização da visita oficial do Cardeal D. José da Costa Nunes, a convite do Governo, e solicitou que todas as providências fossem tomadas para a sua instalação no Palácio Nacional de Queluz, na “zona residencial daquele Palácio”⁴⁷. A preparação da residência seguiu os procedimentos habituais, a partir de 30 de abril, incluindo pequenas reparações, após uma intervenção mais substancial realizada em 1961 devido ao reaparecimento de “tortulho”⁴⁸. Além disso, foram emprestadas e transportadas peças do Palácio Nacional da Ajuda, do SNI, do Palácio da Cidadela, do Palácio das Necessidades, e do próprio Palácio Nacional de Queluz, para a decoração da residência.

A chegada do cardeal a Portugal e a sua instalação em Queluz ocorreram a 11 de maio. No dia seguinte, o cardeal recebeu o Presidente da República, Almirante Américo Tomás, na Sala de Visitas da sua residência. [figs. 31 e 32] No mesmo dia dirigiu-se para o Santuário de Fátima, passando pelo Mosteiro da Batalha que visitou. O dia 13 foi dedicado às cerimónias religiosas em Fátima, com a presença do Papa Paulo VI, que aterrou na Base Aérea de Monte Real, transportado por um avião da TAP e retornando a Roma no mesmo dia. Na manhã do dia 15, conforme noticiado pelo *Diário de Lisboa*⁴⁹ foi celebrada uma missa na capela privada do Pavilhão D. Maria I. Apesar da ausência de referências no arquivo do palácio sobre a sua localização, é provável que a mesma tenha ocupado o pequeno compartimento que serviu de capela durante a visita do Generalíssimo Franco, em 1949. Os restantes membros da comitiva e outras individualidades assistiram a uma missa na capela do palácio que, à época, servia de igreja paroquial a Queluz. A visita terminou no dia 16 de maio. [fig. 33]

47 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 29 de abril de 1967.

48 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 13 de setembro de 1960 e Copiador da Correspondência Recebida, Livro nº 5, nº 117/60 – Prº. 15 de 21 de novembro de 1960.

49 *Diário de Lisboa*, nº 15950, 15 de maio de 1967.



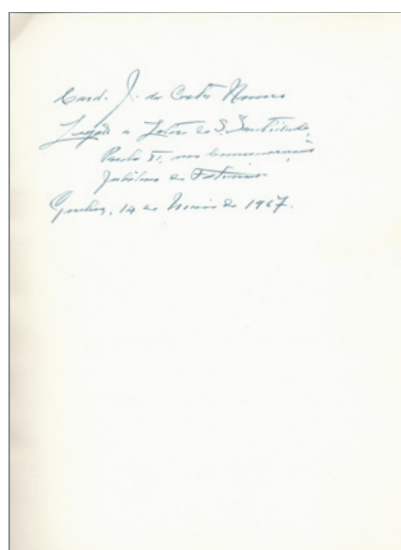
[fig. 31]

O Cardeal-Legado, D. José da Costa Nunes, recebendo no Palácio de Queluz o Presidente da República que lhe foi apresentar cumprimentos, em retribuição à sua visita

Autor não mencionado, 12 de maio de 1967.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 175, doc. 1057AS
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0175/1057AS

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 33]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional
de Queluz

© PSML



[fig. 32]

O Cardeal-Legado, D. José da Costa Nunes, recebendo no Palácio de Queluz o Presidente da República que lhe foi apresentar cumprimentos, em retribuição à sua visita

Provas fotográficas do Álbum n.º 175, autor não mencionado, 12 de maio de 1967.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais
n.º 175
PT/TT/EPJS/SF/001-001/0175

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

Instalação do Gabinete da Presidência do Conselho de Ministros, 1971-1972

A 27 de setembro de 1968, o Presidente da República Américo Tomás nomeou o Professor Marcelo Caetano Presidente do Conselho de Ministros, devido à incapacidade de António Oliveira Salazar para governar. Salazar continuou a viver no Palacete de S. Bento, a residência oficial em Lisboa, até 1970, ano da sua morte. Em 1971 antes de ser ocupado pelo novo Presidente do Conselho, o edifício foi totalmente remodelado e ampliado mantendo apenas as fachadas. Durante as obras, Marcelo Caetano transferiu para o Pavilhão D. Maria I, o seu gabinete e residência, tendo aí funcionado a Presidência do Governo, de agosto de 1971 a 1972.

Marcelo Caetano ficou instalado no piso térreo do pavilhão [fig. 34] e o Gabinete da Presidência ocupou várias salas, entre as quais da Caça, a Pompeiana e a D. Maria que fazem ligação deste edifício ao palácio propriamente dito. [figs. 35 e 36] Nesta ocasião a DGEMN realizou várias intervenções, incluindo melhorias na instalação elétrica, remodelação das canalizações e da cozinha. O conservador do Palácio Nacional da Ajuda e à data do Palácio Nacional de Queluz, Armindo Ayres de Carvalho (1911-1997)⁵⁰, ficou responsável pela decoração da residência, tendo selecionado diversos objetos de ambos os palácios para cedência a título de empréstimo.

À Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (FRESS) foi adquirido mobiliário em estilo império para o gabinete⁵¹, às antigas casas José Alexandre, Ramiro Leão, Vidraria da Marinha Grande e Valentim de Carvalho foram adquiridos os equipamentos de cozinha, roupas de mesa, atoalhados, vidros para serviço da mesa e cozinha, um aspirador e uma enceradora.⁵²

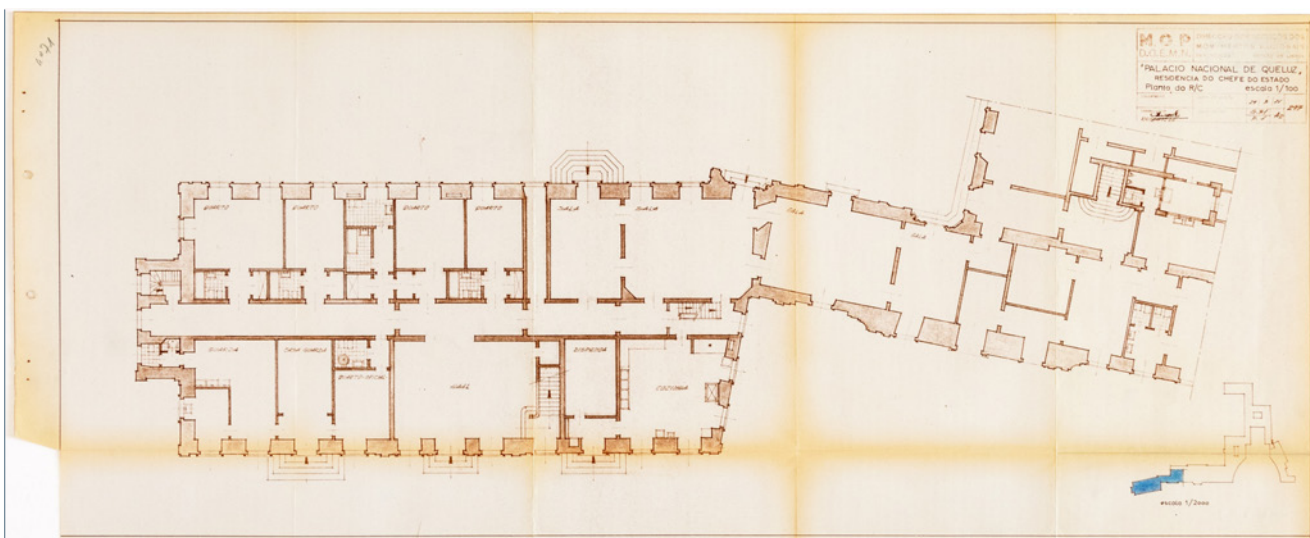
Com a conclusão das obras no Palacete de S. Bento, o Gabinete da Presidência do Conselho de Ministros foi reinstalado na residência oficial de Lisboa. Contudo, o processo de devolução das peças cedidas para a decoração em Queluz, não foi completamente realizado e algumas peças foram levadas para S. Bento⁵³. Por outro lado, a maior parte do mobiliário cedido pelo Palácio Nacional da Ajuda ficou em Queluz e passou a integrar o recheio do pavilhão, assim como o mobiliário estilo império produzido pela FRESS, que atualmente decora o Gabinete de Trabalho no andar nobre. [fig. 37]

50 Armindo Ayres de Carvalho, foi conservador do Palácio Nacional de Mafra entre 1947-1964, em setembro de 1964 foi nomeado conservador do Palácio Nacional da Ajuda até 1980. Em 1973 foi nomeado conservador do Palácio Nacional de Queluz em coadministração com a Conservadora Maria Simonetta Aires de Carvalho Luz Afonso. Em 1974 foi nomeado Primeiro Conservador dos Palácios e Monumentos Nacionais.

51 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, guias de entrega, 7 de julho de 1971.

52 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, faturas, 2 a 29 de julho de 1971.

53 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, guias de entrega, 5 de abril de 1973.



[fig. 34]

Planta do rés-do-chão, 1971

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva

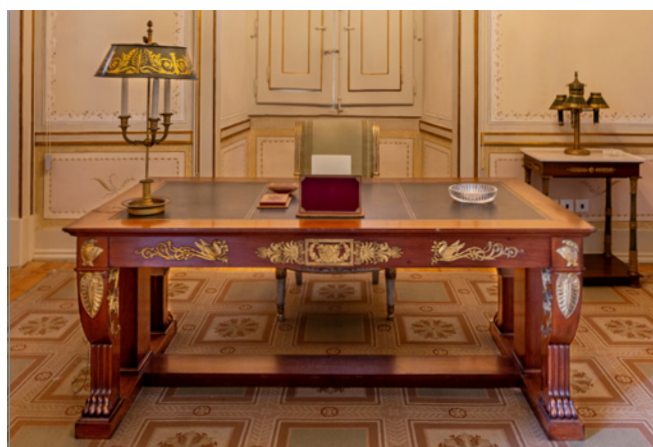
[figs. 35 e 36]

Salas D. Maria e Pompeiana

Fotografias de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 37]

Mesa estilo império

Oficinas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

© PSML/José Marques Silva

Em 1973, durante o mandato do Professor Marcelo Caetano como Presidente do Conselho de Ministros, ocorreram as últimas visitas de estado. A visita do Presidente do Brasil em maio, e a do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, em junho. A 30 de novembro de 1972, o Chefe do Protocolo comunicou ao Diretor-Geral da Fazenda Pública a visita oficial a Portugal, durante o ano de 1973, do General Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República Federativa do Brasil, e do Príncipe Filipe Duque de Edimburgo, do Reino Unido, com a instalação de ambos no Pavilhão D. Maria I. No mesmo ofício é mencionado o mau estado de conservação da residência e a urgência de uma intervenção, nomeadamente nas pinturas decorativas, nos estuques e a substituição integral da alcatifa do andar nobre⁵⁴. As obras realizadas pela DGEMN incluíram também a remodelação de um compartimento do anexo para ser adaptado a Sala de Jantar. Esta modificação é visível numa planta de 1971 onde se assinalou a alteração pretendida, colando uma tira de papel sobre a parede que se pretendia remover [figs. 38 e 39]. Esta intervenção criou uma ligação fluida entre vários espaços, desde a Sala de Visitas ou de Estar [fig. 40] passando pela antiga Sala de Jantar, agora Sala do Café [fig. 41] até à nova Sala de Jantar. [fig. 42]

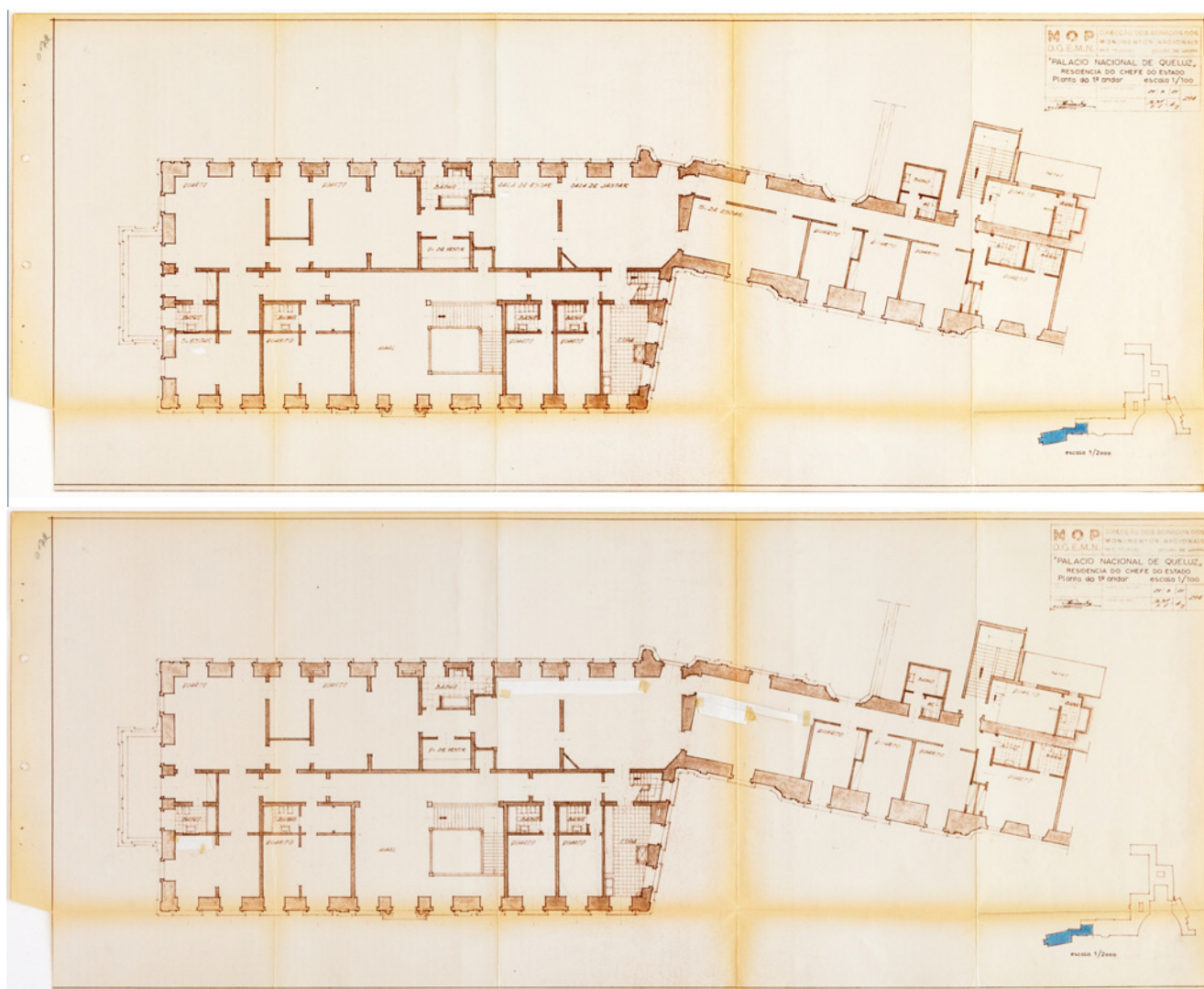
Para a decoração do pavilhão, organizada pelo Conservador Ayres de Carvalho, recorreu-se aos acervos dos Palácios e Museus Nacionais de Queluz, Ajuda, Sintra, Arte Antiga, Coches e Condes Castro Guimarães⁵⁵. Do Palácio Nacional de Sintra foram emprestadas duas cómodas que, em 1974, foram definitivamente transferidas para a residência⁵⁶, sendo esta a única informação mais detalhada de que dispomos relativamente à cedência de peças. Além disso, procedeu-se à renovação dos tecidos, estofando de novo várias cadeiras e cabeceiras de leitos, substituindo reposteiros e cortinados, adaptando e confeccionando novas colchas, como foi o caso de “1 colcha com folhos, do mesmo modelo das anteriores, em shantung de seda rosa, forrada a cetineta e guarnecida a galão, para uma cama de bilros.”⁵⁷ [fig. 43], que corresponde ao Quarto nº 5 do primeiro andar.

54 Arquivo do MNE – Protocolo, S9.E17.P5764157, ofício de 30 de novembro de 1972.

55 Arquivo do MNE – Protocolo, S9.E17.P5764157, ofício de 16 de fevereiro de 1973.

56 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofícios de 17 e 26 de abril de 1974.

57 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, “Trabalhos e fornecimentos efectuados para os Palácios Nacionais de Queluz e Ajuda por ocasião da vinda de S. Ex^ª. O Presidente da República Federal do Brasil”, abril de 1973.



[figs. 38 e 39]

Planta do andar nobre, 1971

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva

Como mencionado anteriormente, não havendo registos das peças emprestadas para a decoração, dispomos, no entanto, de um conjunto de fotografias⁵⁸ relativas à visita do Duque de Edimburgo, em junho de 1973, com legendas manuscritas em inglês identificando no verso algumas das salas. Através dessas fotografias ficou-se a saber como foram decorados os interiores do pavilhão para a estadia do Duque de Edimburgo, na que foi a última visita oficial realizada em 1973.

58 Agradeço reconhecidamente ao Embaixador Manuel Côte-Real pela disponibilização deste conjunto fotográfico.



[fig. 40]

Sala de Visitas, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 41]

Sala do Café, antiga Sala de Jantar, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 42]

Sala de Jantar, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 43]

Quarto nº 5, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Visita do Presidente da República Federativa do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, 14 a 19 de maio de 1973

A visita do General Emílio Garrastazu Médici (1905-1985)⁵⁹ ocorreu num período em que as relações entre os dois países atravessavam uma fase de crescente divergência em relação à política colonial portuguesa. O alinhamento brasileiro com as causas nacionais, que caracterizou as anteriores deslocações, já não refletia a orientação política do Governo brasileiro da época. Apesar das divergências, existia um desejo de reaproximação, e a visita foi marcada por um ambiente de grande afabilidade e amizade, também influenciado pela herança histórica comum entre os dois países. Numa antevisão da viagem a Portugal, o jornal brasileiro do Rio de Janeiro *Correio da Manhã* informava que:

*Durante a sua permanência em Portugal, o Chefe do Governo fará cinco pronunciamentos, participará de três recepções oficiais e comparecerá a quase uma dezena de cerimónias públicas, inclusive em Santarém, onde vai depositar uma coroa de flores junto ao túmulo de Pedro Álvares Cabral.*⁶⁰

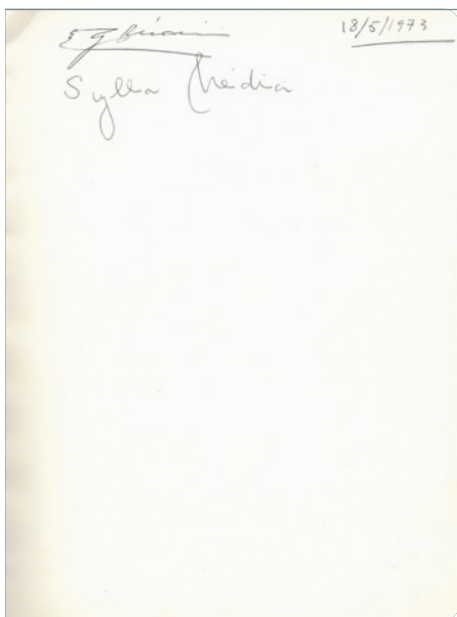
O presidente brasileiro chegou a Portugal no dia 14 de maio. Durante os seis dias de visita, ficou instalado no Pavilhão D. Maria I, residência oficial, com a sua família, que o acompanhou, a mulher, os dois filhos e respetivas noras. Em Queluz foram realizadas as habituais cerimónias à chegada e no mesmo dia, recebeu em audiência o Presidente do Conselho de Ministros, Marcelo Caetano. No dia seguinte, recebeu os cumprimentos do Corpo Diplomático na Sala do Trono, e no dia 18, também em Queluz, teve lugar o banquete e receção oferecidos em honra do Presidente da República português⁶¹. Durante a sua estadia, a comitiva brasileira deslocou-se ao Porto onde visitou a Igreja da Lapa, onde se encontra o coração de D. Pedro (1798-1834)⁶², a Guimarães e Santarém. Regressou ao Brasil a 19 de maio. [fig. 44]

59 Emílio Garrastazu Médici, 28º Presidente do Brasil, correspondendo ao terceiro período da ditadura militar no Brasil. O seu governo ficou conhecido pelo "Milagre Económico".

60 *Correio da Manhã*, nº 24557 de 1 de maio de 1973, disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1970 a 1974 - DocReader Web \(bn.br\)](https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visita-oficial-de-emilio-garrastazu-medici-a-portugal/). Consultado a 08/07/2024.

61 RTP Arquivos, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visita-oficial-de-emilio-garrastazu-medici-a-portugal/>. Consultado a 08/07/2024.

62 D. Pedro, 4º Rei de Portugal e 1º Imperador do Brasil, nasceu e morreu no Quarto D. Quixote do Palácio de Queluz, com a idade de 35 anos. A seu pedido o seu coração foi colocado na Igreja da Lapa no Porto.



[fig. 44]

Assinatura autógrafa no Livro de Honra

Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Visita do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, por ocasião da comemoração dos 600 anos da Aliança luso-britânica, 5 a 8 junho de 1973

A visita do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, em representação da Rainha Isabel II, para as comemorações do 600º aniversário da Aliança Luso-Britânica⁶³, teve lugar 16 anos depois da primeira viagem oficial a Portugal da monarca britânica.

A cerimónia de receção seguiu o protocolo habitual, com o Duque de Edimburgo a ser recebido pelo Professor Marcelo Caetano, pelo Embaixador da Grã-Bretanha e pelo Chefe do Protocolo do Estado. O primeiro ato oficial consistiu numa visita ao Palácio de Belém onde apresentou cumprimentos ao Presidente da República, trocaram presentes e condecorações. Em seguida, junto ao Monumento do Infante D. Henrique, ocorreu uma cerimónia de homenagem aos Descobrimentos, na qual o Príncipe Filipe depositou uma coroa de flores em forma de âncora. No mesmo dia, já no Palácio Nacional de Queluz, onde ocupou os mesmos aposentos que em 1957

[figs. 45, 46 e 47], recebeu os jornalistas portugueses e ingleses.

63 A Aliança Luso-Britânica é a mais antiga aliança do mundo ainda em vigor, instituída pelo Tratado Anglo-Português de 1373.



[fig. 45]

Átrio do rés-do-chão

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 46]

Quarto do Duque de Edimburgo

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 47]

Gabinete de Trabalho, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

A decoração do gabinete manteve a disposição original do mobiliário desde 1957. A mesa-secretária, que faz parte do acervo do Palácio Nacional de Queluz é a mesma que o duque utilizou na sua primeira visita, em 1957.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

No dia seguinte, inaugurou na Fundação Gulbenkian uma exposição dedicada ao pintor inglês William Turner (1775-1851), e visitou a Base Naval do Alfeite. No dia 7, na Sala dos Cisnes do Palácio Nacional de Sintra, realizou-se em sua honra um almoço oferecido pelo Presidente do Conselho de Ministros, e à noite ocorreu o jantar de gala em honra do Presidente da República. Conforme previsto no programa, o duque visitou Braga e Guimarães antes de regressar a Londres. Além das cerimónias oficiais integradas nas comemorações do 600º aniversário da Aliança Luso-Britânica, a sua estadia também incluiu eventos privados que decorreram integrados no programa oficial.

..... §



PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
D SINTRA
MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

VISITAS OFICIAIS
EM DEMOCRACIA.
DE 1974 À
ATUALIDADE



Voltar ao índice

De 1974 a 1987

Após o 25 de abril de 1974, Portugal iniciou um processo de democratização que teve um impacto significativo na condução da sua política externa. As principais mudanças incluíram o processo de descolonização que resultou na independência das antigas colónias, a participação mais ativa nos fóruns internacionais, como a ONU, e a procura por uma maior integração com a Europa, especialmente após a adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE) atual União Europeia. Além disso, privilegiou as relações com os países de língua portuguesa e manteve uma postura de neutralidade na Guerra Fria, o que lhe permitiu uma posição independente. A agenda diplomática nacional procurou o reconhecimento internacional da democracia portuguesa, legitimando o seu regime.

Durante o ano de 1974 não se realizaram visitas oficiais devido ao contexto político que então se vivia no país. No entanto, é em Queluz, na Sala do Trono, que a 15 de maio de 1974 teve lugar a cerimónia de tomada de posse do General António de Spínola (1910-1996)¹ como Presidente da República de Portugal², o primeiro presidente em democracia. Enquanto o Pavilhão D. Maria I permanecia sem utilização, parte do

1 General António de Spínola, 14.º Presidente da República entre 15 de maio e 30 de setembro de 1974, foi nomeado para este cargo pela Junta de Salvação Nacional. A Junta de Salvação Nacional foi um órgão político temporário que surgiu após o golpe militar de 25 de abril de 1974, composta por militares, tinha como objetivo garantir a estabilidade política durante a transição para a democracia após o fim do Estado Novo. Foi dissolvida em maio de 1975 dando lugar ao Conselho da Revolução.

2 RTP Arquivos, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tomada-de-posse-de-antonio-de-spinola/>. Consultado a 08/07/2024.

seu recheio foi emprestado³ para decorar o Forte de Santo Amaro do Areeiro⁴, adaptado então a residência de verão do Presidente da República. Essa cedência temporária incluiu também as peças provenientes do Palácio Nacional da Ajuda e do Museu Nacional de Arte Antiga que aí se encontravam depositadas. Entre esses objetos constava mobiliário da Sala de Jantar, do Quarto, do Gabinete de Trabalho, da Sala de Espera e da Sala de Estar, bem como um serviço de jantar completo, um faqueiro, um serviço de copos, pinturas, porcelanas e candeeiros [figs. 1 e 2]. Embora algumas peças tenham retornado em outubro do mesmo ano, outras foram transferidas para a Presidência da República (Palácio de Belém). O processo de devolução prolongou-se até março de 1985⁵.

O empréstimo para o Forte de Santo Amaro agravou a lacuna há muito identificada na decoração do pavilhão. O reinício das vistas oficiais, a primeira agendada para janeiro de 1975 [Anexo II], tornou urgente a resolução desse problema. Nesse sentido, a conservadora do Palácio Nacional de Queluz, Simonetta Luz Afonso (n. 1946)⁶ com o apoio do conservador do Palácio Nacional da Ajuda, promoveu a transferência de mobiliário e peças decorativas do Palácio Nacional da Ajuda para Queluz. As peças escolhidas tinham origens distintas, eram provenientes das antigas coleções reais⁷ e de doações feitas ao Estado, como a herança de D. Maria de Portugal⁸ e a doação do Visconde da Trindade⁹. Ayres de Carvalho, conservador da Ajuda justificou desta

3 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, relações de mobiliário e acervo, 15 de julho a 2 de agosto de 1974.

4 Forte de Santo Amaro do Areeiro, localizado perto da Praia de Santo Amaro de Oeiras, foi construído entre 1647 e 1659, com o objetivo de reforçar a defesa da barra do estuário do Tejo. Após o 25 de abril de 1974 foi utilizado como residência de verão do Presidente da República, General António de Spínola, e como local de reuniões políticas.

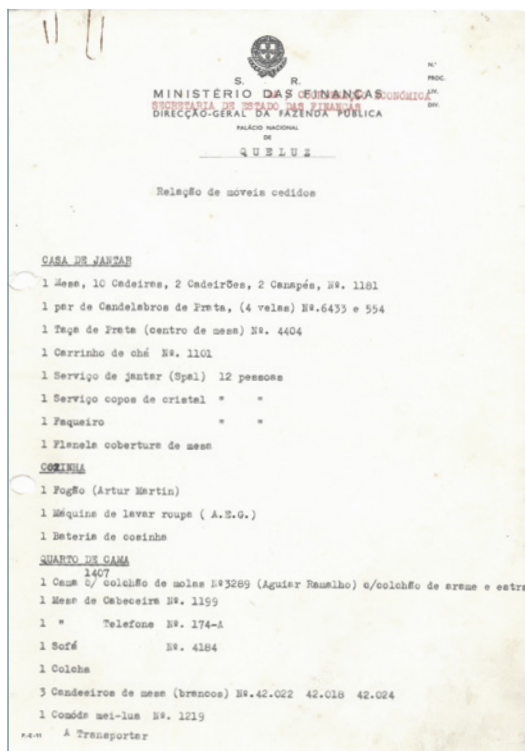
5 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, guias de devolução e ofícios da Presidência da República, de 6 de outubro de 1974 a 29 de março de 1985.

6 Simonetta Bianchi Aires de carvalho Luz Afonso, foi conservadora do Palácio Nacional da Pena entre 1971 e 1974. Conservadora do Palácio Nacional de Queluz entre 1974 e 1980, de 1980 a 1983 diretora do Instituto de Conservação e Restauro Dr. José de Figueiredo, e diretora do Palácio Nacional de Queluz entre 1983 e 1991. Entre 1991 e 1996 foi diretora-geral do Instituto Português de Museus (IPM). De 2004 a 2008 foi presidente do Instituto Camões. Também esteve ligada ao Festival Europália 91, Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, Expo 98 em Lisboa, Expo 2000 em Hanover.

7 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, "Relação das Espécies cedidas ao Palácio Nacional de Queluz para decoração dos aposentos do Pavilhão D. Maria I", 17 de janeiro de 1975.

8 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, "Relação das espécies da herança de D. Maria de Portugal transferidas para o Palácio Nacional de Queluz e destinadas à decoração do pavilhão de D. Maria I", 17 de janeiro de 1975. Maria de Portugal era o pseudónimo de Albertina dos Santos Leitão (1884-1971), conhecida como escritora, pintora e ceramista. Foi proprietária e diretora artística da fábrica Constância/Faiança de Battistini, mais tarde conhecida como Fábrica de Cerâmica Constância/Faiança Battistini de Maria de Portugal.

9 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, "Espécies escolhidas para decoração do pavilhão de D. Maria, no Palácio Nacional de Queluz, onde ficam instalados os Chefes de Estado estrangeiros em visita ao país (Da Doação do Visconde da Trindade), 14 de janeiro de 1975. A citação seguinte reporta à mesma referência.

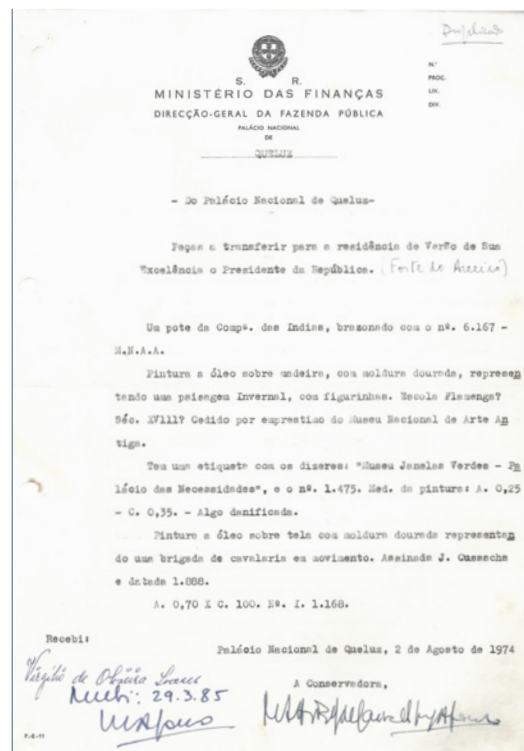


[fig. 1]

Relação de móveis cedidos

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 2]

Peças a transferir para a residência de Verão de Sua Excelência o Presidente da República (Forte do Areeiro)

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

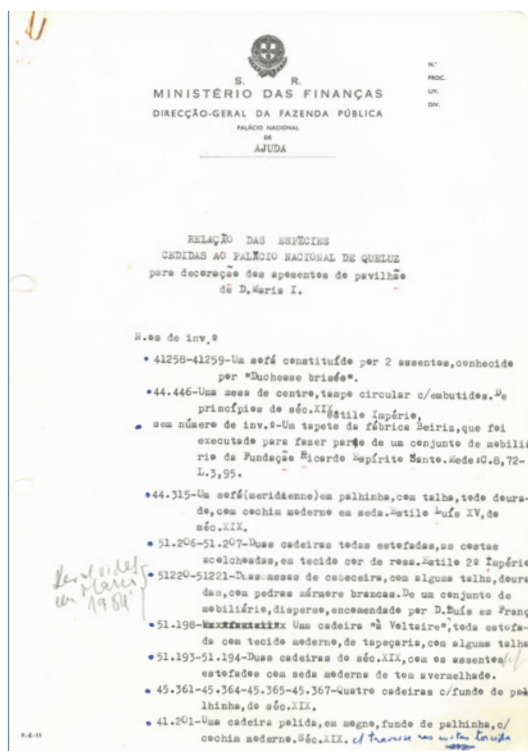
© PSML

forma a sua cedência: “Dado tratar-se de espécies de mobiliário com interesse mais utilitário e decorativo que propriamente artístico ou raro, entendeu-se terem o seu lugar apropriado no citado pavilhão, com 11 quartos para as comitivas dos Chefes de Estado e não em qualquer dos Museus”. [figs. 3 e 4]

Apesar desse esforço, continuou a verificar-se a transferência temporária de pinturas e pratos para reforçar a decoração da residência, especialmente para a mesa da Sala de Jantar do andar nobre¹⁰.

Alberto Eduardo Valado Navarro, 3.º Visconde da Trindade (1891-1972).

10 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, “Espécies cedidas por empréstimo ao Palácio Nacional de Queluz para decoração do pavilhão de D. Maria I por ocasião da recepção ao Presidente do Senegal, Senghor”, 17 de janeiro de 1975.

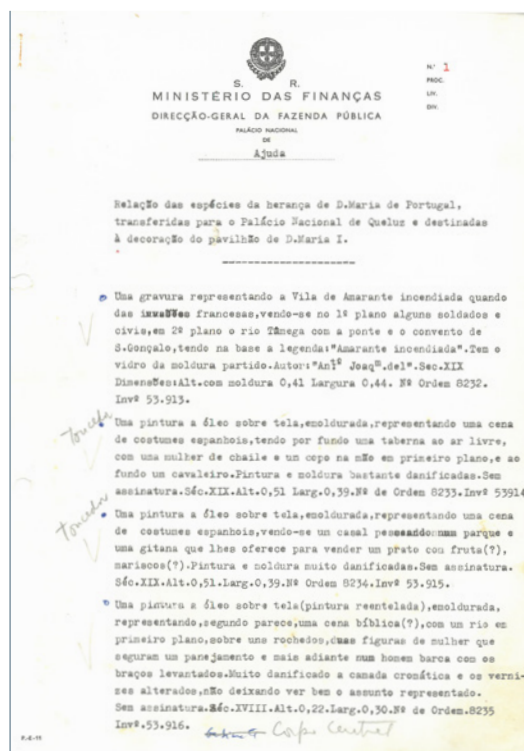


[fig. 3]

Relação das espécies cedidas ao Palácio Nacional de Queluz para decoração dos aposentos do pavilhão de D. Maria I

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 4]

Relação das espécies da herança de D. Maria de Portugal, transferidas para o Palácio Nacional de Queluz e destinadas à decoração dos aposentos do pavilhão de D. Maria I

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

O primeiro Chefe de Estado a realizar uma visita a Portugal após a revolução de 25 de abril de 1974 foi o Presidente da República do Senegal, Leopold Senghor (1906-2001)¹¹, de 27 a 30 de janeiro. Esta estadia revestiu-se de particular relevância, pois Senghor foi o primeiro Chefe de Estado africano a deslocar-se Portugal desde a visita do Imperador da Etiópia, em 1959. Posteriormente seguiram-se as visitas do Presidente da República da Zâmbia, Kenneth Kaunda (1924-2021)¹², que esteve em Portugal de 6 a 8 de maio, e do Presidente da Roménia, Nicolae Ceausecu (1918-1989)¹³, de 28 a 31 de outubro. É interessante mencionar que Ceausecu foi o primeiro Chefe de Estado socialista a visitar Portugal.¹⁴

11 Leopold Sédar Senghor, político e escritor senegalês, foi Presidente do Senegal de 1960 a 1980.

12 Kenneth Kaunda, foi o primeiro Presidente da Zâmbia entre 1964 e 1991.

13 Nicolae Ceausecu foi o Secretário-Geral do Partido Comunista Romeno de 1965 a 1989.

14 RTP Arquivos, disponível em: [Visita oficial de Nicolae Ceausecu a Portugal – RTP Arquivos](#), a partir do minuto 03:04. Consultado a 08/07/2024.

Os programas dessas visitas mantiveram o modelo semelhante aos anteriores, especialmente no que respeita às cerimónias oficiais, sem alterações significativas entre eles. O Pavilhão D. Maria I continuou a ser utilizado para a estadia dos Chefes de Estado, decorrendo na Sala de Visitas, as audiências privadas ao Primeiro-Ministro e outras individualidades. Na Sala do Trono do palácio, tinham lugar as receções ao Corpo Diplomático, encontros com a imprensa, com a comunidade do país visitante, assim como o jantar de retribuição, entre outros eventos. No caso da estadia do Presidente da Roménia, foram realizadas reuniões entre as duas comitivas lideradas por Ceausescu e pelo Presidente da República General Francisco da Costa Gomes (1914-2001)¹⁵, no Corredor das Mangas¹⁶. [figs. 5, 6 e 7]

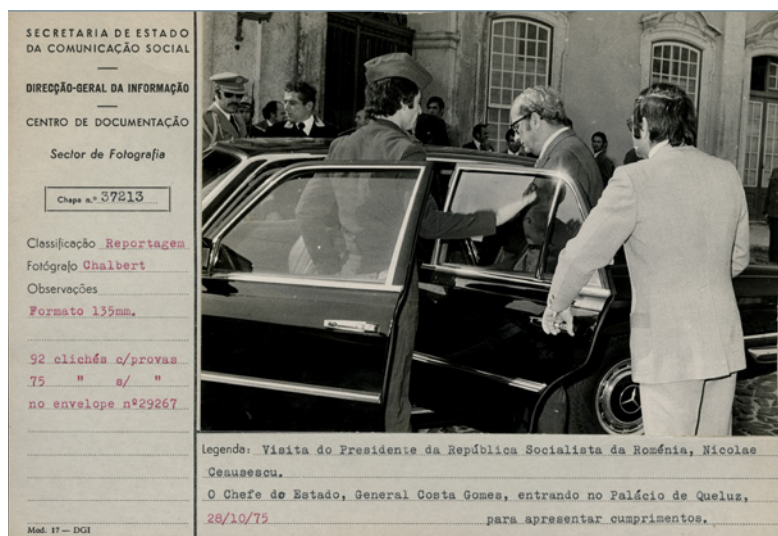
No mês de novembro de 1975, Simonetta Luz Afonso remeteu ao Chefe de Gabinete do Presidente da República um relatório¹⁷ abordando o estado do Pavilhão D. Maria I, onde ressaltava a ausência de intervenções profundas desde 1973. Salientou a necessidade premente de resolver questões como o isolamento acústico do sótão, onde se encontravam instalados a lavandaria e os quartos dos funcionários da Presidência da República, localizados sobre os quartos principais. Além disso, era urgente modernizar o sistema de aquecimento e continuar a reforçar a decoração do pavilhão com mobiliário e com objetos decorativos alguns de cariz utilitário (cinzeiros, jaras), tapetes, cortinados e colchas. O relatório também abordou a necessidade de resolver os problemas relacionados com a rede de esgotos que até então corria para o Rio Jamor que atravessa os jardins, causando mau cheiro. A conservadora relatou: “Quando o Senhor Presidente da Roménia visitou os Jardins, para não causar má impressão, procurei afastá-lo do rio (uma das zonas mais interessantes sob o ponto de vista artístico por as suas margens serem decoradas com azulejos)”.

Posteriormente, num ofício subsequente, enfatizando a necessidade de melhorar a decoração da residência, Simonetta Luz Afonso comunicou ao chefe de gabinete ter tomado conhecimento pela Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (FRESS), da

15 General Francisco da Costa Gomes, 15º Presidente da República Portuguesa de 1974 a 1976.

16 RTP Arquivos, disponível em: [Reunião de Francisco da Costa Gomes com Nicolae Ceausescu – RTP Arquivos](#). Consultado a 08/07/2024.

17 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, relatório dirigido ao Chefe de Gabinete do Presidente da República, novembro de 1975. A citação seguinte reporta à mesma referência.



[fig. 5]

Visita do Presidente da República Socialista da Roménia, Nicolae Ceausescu. O Chefe de Estado, General Costa Gomes, entrando no Palácio de Queluz, para apresentar cumprimentos

Fotografia de Chalbert, 28 de outubro de 1975.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo
Fotográfico, Reportagem, Presidentes da República,
doc. 37213
PT/TT/SNI/ARQF/RP-001/37213

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT



[fig. 6]

Visita do Presidente da Roménia, Nicolae Ceausescu. O Chefe de Estado ao nosso país. Conversações em Queluz

Fotografia de Gouveia, 29 de outubro de 1975.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo
Fotográfico, Reportagem, Presidentes da República,
doc. 37249
PT/TT/SNI/ARQF/RP-001/37249

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

[fig. 7]

Corredor das Mangas do Palácio Nacional de Queluz

© MMP, E.P.E./ADF, Luísa Oliveira



existência de mobiliário, produzido nas suas oficinas, que faziam parte do recheio dos gabinetes da administração da Caixa Geral dos Depósitos e do Banco Nacional Ultramarino, e que se encontravam disponíveis. Propôs, então, o depósito destas peças na residência “com o objectivo de enriquecer o Pavilhão D. Maria”¹⁸. A mesma informação, foi encaminhada ao Chefe da Repartição do Património da Direção-Geral da Fazenda Pública solicitando que se procedesse ao pedido de depósito¹⁹, o qual apenas se concretizaria em 1978.

No ano de 1976, a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) realizou obras nas canalizações do Pavilhão D. Maria I, mas tais intervenções não incluíram as propostas adicionais de beneficiações. Durante esse mesmo ano, a única visita oficial com instalação na residência foi a do Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Carlos Andrés Pérez (1922-2010)²⁰, que ocorreu de 29 a 30 de novembro de 1976²¹. O programa da visita incluiu as cerimónias habituais, tendo tido lugar em Queluz um encontro com a imprensa. Para a decoração do pavilhão recorreu-se, como habitualmente, a empréstimos do Palácio Nacional da Ajuda. Em 1977 foi instalado um elevador para ligar o rés-do-chão ao andar nobre da residência, antecipando a deslocação a Portugal do Marechal Josip Tito (1892-1980)²², Presidente da República Socialista Federativa da Jugoslávia, que ocorreu de 17 a 20 de outubro de 1977, quando o Marechal Tito tinha 85 anos de idade. No dia 18 de outubro recebeu em audiência o Primeiro-Ministro de Portugal, Mário Soares (1924-2017)²³, na Sala dos Azulejos da residência [fig. 8], conforme documentado nas reportagens da RTP²⁴, e a 19, também em Queluz, recebeu os cumprimentos do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa²⁵.

18 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, aditamento ao relatório dirigido ao Chefe de Gabinete do Presidente da República, 13 novembro de 1975.

19 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 13 novembro de 1975.

20 Carlos Andrés Pérez, foi Presidente da Venezuela por duas ocasiões, de 1974 a 1979 e de 1989 a 1993.

21 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofícios de 11 e 19 de novembro de 1976.

22 Marechal Josip Tito, Presidente da República Federativa da Jugoslávia de 1953 a 1980.

23 Mário Soares, foi Primeiro-Ministro de Portugal em duas ocasiões, de 1976 a 1978 e de 1983 a 1985 e o 17º Presidente de República de 1986 a 1996.

24 RTP Arquivos, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/encontros-de-josip-broz-tito-com-antonio-ramalho-eanes-e-mario-soares/> a partir do minuto 06:19. Consultado a 08/07/2024.

25 RTP Arquivos, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/josip-broz-tito-recebe-cumprimentos-do-corpo-diplomatico-em-portugal/>. Consultado a 08/07/2024.



[fig. 8]

Sala dos Azulejos, rés-do-chão

© PSML/José Marques Silva

O ano de 1978 e seguintes foram caracterizados por uma intensa atividade diplomática, marcada pela realização de várias visitas oficiais [Anexo II], decorrentes das novas orientações da política externa portuguesa. Portugal recebeu os primeiros Chefes de Estado africanos, resultantes do processo de descolonização, assim como de presidentes e representantes de países europeus, no âmbito das negociações para a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, cujo pedido de adesão é formalizado a 28 de março de 1977. Como resultado, não foi então possível proceder à tão necessária requalificação do Pavilhão D. Maria I. As obras realizadas limitaram-se à resolução dos problemas imediatos que permitissem manter a residência funcional para receber os visitantes. Estas intervenções incluíram trabalhos de manutenção e reparações urgentes, nomeadamente na instalação elétrica, canalizações, coberturas, e caixilharias, bem como trabalhos de pintura e douramento no interior²⁶. Além disso, o recheio da residência foi sendo restaurado de forma pontual, tendo sido realizado, em janeiro de 1978 um levantamento das cortinas, reposteiros, colchas, alcatifas e tapetes a substituir e a recuperar²⁷.

26 http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6108. Consultado a 19/06/2024.

27 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 20 de janeiro de 1978.

Perante esta realidade, ainda em 1978, Simonetta Luz Afonso propôs ao Diretor da Direção-Geral do Património da Secretaria de Estado do Tesouro a constituição de uma comissão para o estudo da remodelação do Pavilhão D. Maria I²⁸. O grupo de trabalho que se formou incluiu o Secretário-Geral da Presidência da República, um representante da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), um representante da FRESS, e a conservadora do Palácio Nacional de Queluz como representante da Direção-Geral do Património. O grupo tinha como missão elaborar um programa de intervenções no edifício e na sua envolvente, assim como estudar e promover a aquisição de mobiliário e a realização de restauros²⁹.

A 11 de janeiro de 1978, chegou a Lisboa o primeiro Chefe de Estado africano de expressão portuguesa a visitar Portugal, o Presidente da Guiné-Bissau, Luís Cabral (1931-2009)³⁰. Em Queluz, onde ficou instalado, teve lugar a audiência ao Primeiro-Ministro, Mário Soares, e o jantar em honra do Presidente da República de Portugal, General António Ramalho Eanes (n. 1935)³¹. Segundo o *Diário de Lisboa* tratou-se de “um jantar tipicamente guineense, o qual inesperadamente para alguns convidados portugueses, terminaria com um prolongado baile ao som de um conjunto de Bissau”³², denominado Mamma Djombo.

Uma das visitas notáveis ocorridas nesse ano foi a dos Reis de Espanha, que teve lugar de 3 a 8 de maio. A visita decorreu no contexto da ratificação do Tratado de Amizade e Cooperação entre os dois países e ficou marcada pelo fortalecimento das relações bilaterais. A consolidação dessas relações foi também influenciada pela transição quase simultânea para a democracia que ambos estavam a atravessar, assim como pela opção europeia seguida tanto por Portugal como por Espanha para a integração na CEE. Durante a estadia dos reis, que incluiu quatro dias de visita oficial e dois de carácter particular, foram realizadas deslocações a Lisboa, Porto e

28 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 7 de março de 1978.

29 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofícios de 15 de março a 21 de abril de 1978.

30 Luís Cabral, foi o primeiro Presidente da Guiné-Bissau, de 1973 a 1980.

31 General António Ramalho Eanes, 16º Presidente da República Portuguesa de 1976 a 1986. Foi o primeiro presidente democraticamente eleito após o 25 de abril de 1974.

32 (1978), “Diário de Lisboa”, nº 19556, Ano 57, Sábado, 14 de Janeiro de 1978, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_3547 (2024-4-11).



[fig. 9]

Sala do Café, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1973.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Guimarães. Ficaram instalados no Pavilhão D. Maria I³³, em Queluz, onde ocorreram os eventos protocolares habituais, incluindo a audiência concedida ao Primeiro-Ministro português na Sala do Café³⁴ [fig. 9], apresentação de cumprimentos pelo Corpo Diplomático e encontro com a imprensa na Sala do Trono. Ao comparar a foto da fig. 9, datada de 1973, com as imagens disponibilizadas pela reportagem da RTP, percebe-se que a decoração da sala permaneceu praticamente inalterada.

Outra visita de destaque em 1978 foi a do Presidente da República Francesa, Valéry Giscard d'Estaing (1926-2020)³⁵, que ocorreu de 19 a 21 de julho. O Pavilhão D. Maria I foi preparado da forma habitual, tendo contado com o empréstimo³⁶, solicitado desde 1975, de diversas peças das oficinas da FRESS, parte das quais propriedade da Caixa Geral dos Depósitos (CGD). Móveis e luminárias, foram distribuídos por todo o andar nobre,

33 RTP Arquivos, disponível em: [Visita oficial dos Reis de Espanha a Portugal – RTP Arquivos](#), chegada a Queluz a partir do minuto 03:15. Consultado a 08/07/2024.

34 RTP Arquivos, disponível em: [Visita oficial dos Reis de Espanha a Portugal – RTP Arquivos](#), audiência na Sala do Café a partir do minuto 00:15. Consultado a 08/07/2024.

35 Valéry Giscard d'Estaing, foi o 20º Presidente de França entre 1974 e 1981.

36 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, relação de 11 de julho de 1978.

melhorando significativamente a decoração da residência conforme observado por Simonetta Luz Afonso, “tendo em vista a dignificação do País perante os Convidados Oficiais que ficaram instalados nestas dependências do Palácio Nacional de Queluz”³⁷. Com o intuito de conservar a decoração da residência com essa qualidade, havia a intenção de manter as peças em depósito. No entanto, apesar dos esforços da Presidência da República e da Direção-Geral do Património³⁸, a CGD pediu a sua devolução, uma vez que as obras que então decorriam na sua sede estavam a terminar e as peças teriam de voltar ao seu local de origem, salas e gabinetes da administração. Após algumas negociações, a devolução total ocorreu apenas a 3 de dezembro de 1981. Havia então a expectativa de que aqueles objetos fossem substituídos por outros, a executar pela FRESS a partir dos originais do Palácio Nacional da Ajuda³⁹, o que nunca se chegou a concretizar por falta de orçamento.

No ano de 1980 foram realizadas algumas intervenções na residência que, embora não tenham correspondido à necessidade de uma requalificação total, resultaram, ainda assim, numa melhoria do serviço. Uma dessas intervenções ocorreu na Sala do Café, onde foi construída uma parede criando um corredor com acesso direto à Sala de Jantar a partir da Copa. [figs. 10, 11 e 12]. Essa alteração da circulação permitiu que o serviço à Sala de Jantar fosse independente, deixando de interferir com as Salas do Café e de Visitas. A primeira comitiva presidencial a usufruir dessa mudança foi a do Presidente da República Federal da Alemanha, Karl Carstens (1914-1992)⁴⁰, entre 14 e 17 de julho de 1980. No dia 15 de julho, o Primeiro-Ministro, Francisco Sá Carneiro (1934-1980)⁴¹ foi recebido em audiência privada na Sala de Visitas da residência, como é visível na foto da [fig. 13].

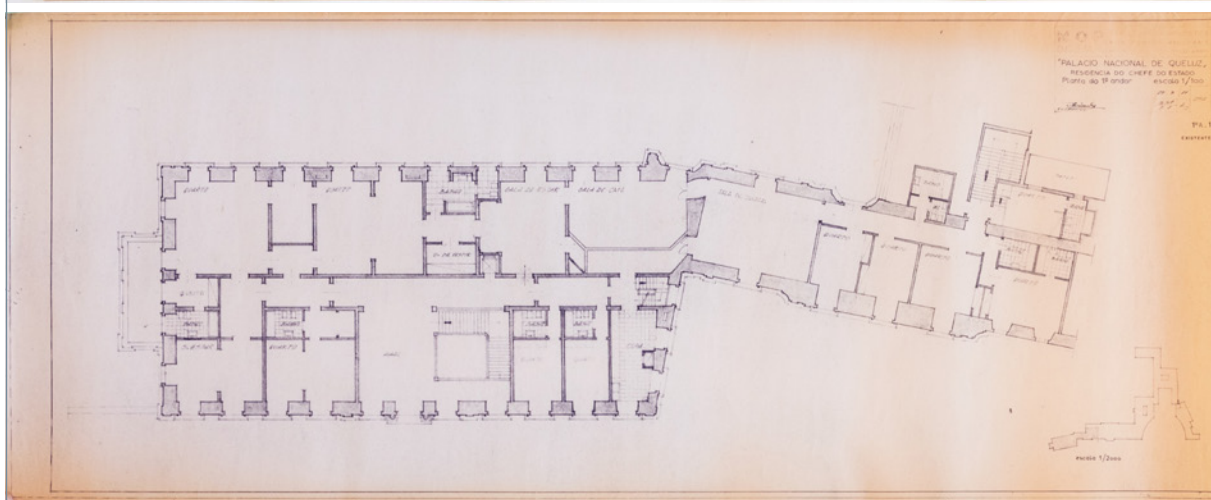
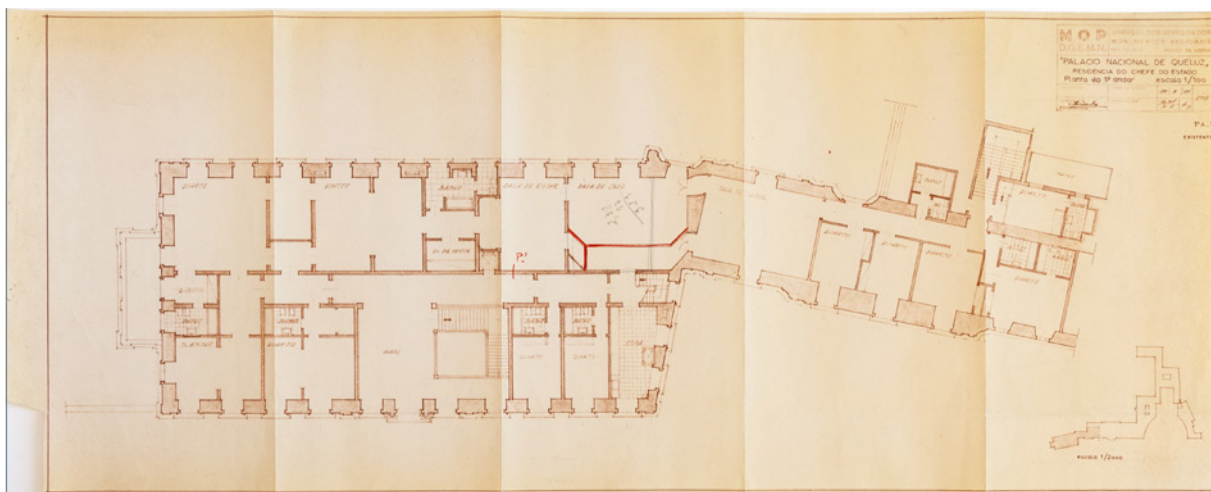
37 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, cópia do ofício de 4 de agosto de 1978.

38 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofícios de 13 e 15 de novembro de 1978.

39 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício de 9 de setembro de 1981.

40 Karl Carstens, político alemão, foi o 5º Presidente da República Federal Alemã de 1979 a 1984.

41 Francisco Sá Carneiro, advogado e político foi o 109º Primeiro-Ministro de Portugal. O seu mandato foi interrompido pela sua morte prematura, causada pelo acidente que provocou a queda do avião em que se deslocava, em Camarate. Ainda hoje não estão completamente esclarecidas as circunstâncias em que ocorreu o acidente.



[figs. 10 e 11]

Plantas do andar nobre, 1971

Na primeira planta, estão assinaladas as propostas de alteração, e na segunda planta, a versão final.
 Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva

[fig. 12]

Sala do Café, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Visível na imagem, a parede construída em 1980, que fechou o acesso à copa.
 Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML





[fig. 13]

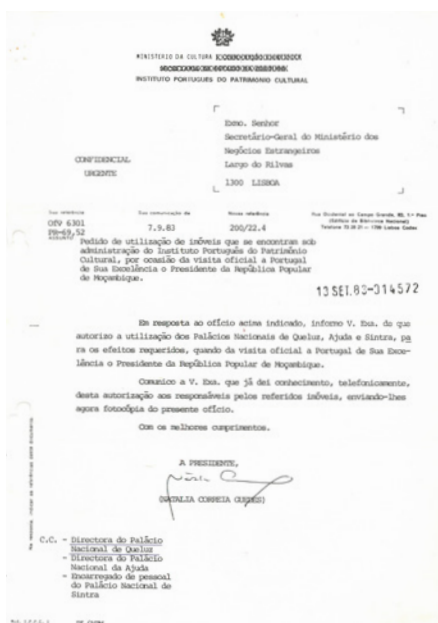
Visita a Portugal do Presidente da R.F.A.
O Presidente Karl Carstens recebeu em audiência no Palácio de Queluz, o Primeiro-Ministro português, Dr. Sá Carneiro, que era acompanhado pelo Vice Primeiro Ministro, Dr. Freitas do Amaral e do Ministro dos Negócios Estrangeiros da R.F.A., Hans Dietrich Gensher

Fotografia de Gouveia, 15 de julho de 1980.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico,
Reportagem, Primeiros-Ministros, doc. 47810-R08-NG05A
PT/TT/SNI/ARQF/RP-002/47810-R08-NG05A

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

IPPC, Instituto Português do Património Cultural. A mudança de tutela



[fig. 14]

Ofício de Natália Correia Guedes, datado de 7 de setembro de 1983, dirigido ao Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, autorizando a utilização dos Palácios Nacionais de Queluz, Ajuda e Sintra.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

A partir de 1980, os palácios nacionais, até então na dependência do Ministério das Finanças, foram afetados à Secretaria de Estado da Cultura⁴² através do Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

O IPPC, foi um organismo criado pelo decreto-lei nº 59/80 de 3 de abril de 1980, integrado na Secretaria de Estado da Cultura (SEC). A sua lei Orgânica aprovada pelo decreto-regulamentar 34/80 de 2 de agosto de 1980, considera no seu artigo 4ª que, "sob a designação de património cultural se deve entender o conjunto dos bens culturais, móveis e imóveis, de qualquer época que se revista de especial importância ou significado.", e no artigo 62º do mesmo diploma determina que "São afectados à Secretaria de Estado da Cultura, através do IPPC, os palácios nacionais, os castelos, igrejas ou mosteiros, designadamente os constantes da lista anexa a este diploma e que se encontram na dependência administrativa do Ministério das Finanças e do Plano, e ainda o Arquivo Histórico deste Ministério."

Perante esta alteração legislativa, os pedidos de utilização do Palácio Nacional de Queluz e do Pavilhão D. Maria, aquando da realização das visitas oficiais, passaram a ser enviados ao IPPC, dirigidos à sua Presidente a Dra. Natália Correia Guedes (n. 1943)⁴³. [fig. 14]

⁴² Secretaria de Estado da Cultura (SEC), criada em 1976, na dependência da Presidência do Conselho de Ministros.

⁴³ Natália Correia Guedes, reconhecida como uma referência da museologia em Portugal, ocupou vários cargos. Foi a primeira presidente do IPPC, tendo ocupado este cargo entre 1980 e 1984.

Os anos de 1981 a 1987 foram marcados por uma intensa utilização da residência [Anexo II], adiando mais uma vez a sua requalificação. Como vimos no ano de 1981 foi devolvido o depósito de peças da CGD, concretizaram-se as aquisições à FRESS⁴⁴ e também foi aprovada a aquisição de algum mobiliário antigo. Foram também realizados trabalhos de restauro em móveis e tapetes, assim como a renovação de alguns reposteiros e colchas⁴⁵. Podemos afirmar que a partir de 1980 se observou uma certa estabilização no recheio da residência, tendo-se continuado a efetuar pontuais aquisições ou cedências de peças de outras instituições. No entanto, nunca mais se registou uma deslocação substancial de mobiliário como as ocorridas anteriormente.

Para este breve período de sete anos seria exaustivo enumerar as cerca de 30 visitas com estadia no Pavilhão D. Maria I. É importante salientar que essas visitas não abrangeram todas as deslocações de Chefes de Estado a Portugal durante esse período. Elas são um reflexo da intensa atividade diplomática portuguesa no contexto da sua política externa, especialmente marcada por um acontecimento importante, que foi a assinatura a 12 de junho de 1985 do Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia. No entanto, não podemos deixar de mencionar algumas visitas consideradas importantes tanto pelo seu significado histórico, político, cultural, emocional e mesmo espiritual. A primeira foi a do Papa João Paulo II⁴⁶, de 12 a 15 de maio de 1982, num momento de grande significado para Portugal. Em todos os locais por onde passou, foi calorosamente recebido pela população, especialmente em Fátima, onde presidiu à celebração do 65º aniversário das aparições de Nossa Senhora. Embora não tenha ficado alojado em Queluz, aí ocorreram vários eventos protocolares, testemunhados pela Conservadora Isabel Silveira Godinho (n.1943)⁴⁷, a 4 de Maio, recebi um telefonema do Protocolo a informar a vinda de S.S. o Papa João Paulo II no

44 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, "Relação das Peças Devolvidas à F.R.E.S.S. que se encontravam a título de empréstimo no Palácio de Queluz" de 3 de dezembro de 1980 e "Relação das Peças a adquirir à F.R.E.S.S para mobiliar o Pavilhão D. Maria I" de 18 de novembro de 1980. As peças adquiridas correspondiam a parte do empréstimo da FRESS.

45 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício com mapa de despesas de 6 de novembro de 1981. Faturas das aquisições de mobiliário de 10 a 13 de novembro de 1981.

46 Papa João Paulo II, nasceu na Polónia com o nome Karol Józef Wojtyła (1920-2005), foi o 264º Papa da Igreja Católica de 1978 a 2005.

47 Isabel Silveira Godinho foi nomeada conservadora do Palácio Nacional da Ajuda em 1980, exerceu o cargo de diretora até 2013. Entre 1980 e 1983, exerceu em simultâneo o cargo de conservadora dos Palácios Nacionais da Ajuda e de Queluz, durante o período em que Simonetta Luz Afonso dirigiu o departamento de Conservação e Restauro do IPPC.



[fig. 15]

População junto ao Palácio Nacional de Queluz, aguardando a chegada do Papa João Paulo II

Imagem disponível na página de facebook Queluz Antiga: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3277005218983740&set=pcb.3277005292317066&locale=es_LA, consultada a 11/06/2024



[fig. 16]

O Papa João Paulo II saudando a população numa das varandas do Pavilhão D. Maria I

Imagem disponível na página do facebook Queluz Antiga: https://www.facebook.com/queluzantiga/posts/visita-do-papa-jo%C3%A3o-paulo-ii-a-queluz-em-1982-visita-marcante-daquela-que-foi-o-3277005292317066/?locale=es_LA, consultada a 11/06/2024

dia 13 de Maio a Queluz, ao fim da tarde, após a visita a Fátima⁴⁸, e onde uma vez mais a população teve a oportunidade de saudar João Paulo II quando assomou a uma das varandas do Pavilhão D. Maria I. [figs. 15 e 16]

Entre 7 e 12 de outubro de 1983, teve lugar a visita do Presidente da República de Moçambique, Samora Machel (1933-1986)⁴⁹. Embora não exista documentação específica sobre a sua estadia na residência, as reportagens realizadas pela RTP e disponíveis no seu arquivo permitiram identificar as salas utilizadas para as diversas audiências que ali decorreram. Destaca-se, entre essas salas, a dos Azulejos⁵⁰ [fig. 17] onde foram recebidas várias figuras proeminentes da vida política portuguesa. A escolha dessa sala para as audiências não deve ter sido casual, dada as suas dimensões e a sua localização no rés-do-chão, para garantir e facilitar o acesso aos jornalistas que eram em grande número.

48 Godinho, 2023: 88.

49 Samora Moisés Machel, foi o primeiro Presidente de Moçambique, desde a sua independência em 1975 até 1986.

50 RTP Arquivos, disponível em: [Retrospectiva da visita oficial de Samora Machel – RTP Arquivos](#), chegada ao PNQ a partir do minuto 00:05, audiências na Sala dos Azulejos a partir do minuto 00:32. Consultado a 08/07/2024.

A visita da Rainha Isabel II a Portugal em 1985 representou outro evento de relevante importância histórica, 38 anos após a sua primeira deslocação ao país. O contexto político já não correspondia ao cenário da visita anterior, refletindo mudanças substanciais, mas apesar das transformações políticas, a receção à Rainha Isabel II foi organizada com a mesma atenção, evidenciando a importância atribuída às relações bilaterais entre Portugal e o Reino Unido.

A rainha desembarcou junto à Torre de Belém⁵¹ [figs. 18 e 19] e visitou os mesmos locais, com exceção da Nazaré, Batalha e Alcobaça; incluiu desta vez Évora no seu itinerário, onde assistiu a uma apresentação da Escola Portuguesa de Arte Equestre (EPAE)⁵². No Pavilhão D. Maria I onde ficaram instalados, no andar nobre, a rainha e o príncipe ocuparam os mesmos aposentos que em 1957. [figs. 20, 21, 22, 23 e 24]. As fotografias apresentadas, embora realizadas em 1986, refletem a decoração da residência desde 1975. Na foto da fig. 20, é possível observar o mesmo leito que, em 1957, foi escolhido para o quarto da rainha, juntamente com outro mobiliário que aqui foi depositado entre 1957 e 1975. O mesmo se aplica ao quarto do duque. Na mesma imagem, pode identificar-se, sobre a cómoda, o conjunto constituído por lavanda e gomil, em prata (PNQ 717/1 e 717/2), [fig. 25], das coleções do Palácio Nacional de Queluz, que era habitual ceder para a decoração dos aposentos dos Chefes de Estado.

No segundo dia da visita, realizaram-se audiências ao Primeiro-Ministro de Portugal, [fig. 26] na Sala do Café [figs. 27 e 28] e ao Corpo Diplomático acreditado em Lisboa⁵³, na Sala do Trono. Na mesma ocasião, o Palácio Nacional de Queluz organizou uma exposição retrospectiva da visita de 1957 [fig. 29], que a rainha teve a oportunidade de visitar durante a sua estadia. A receção e o tratamento protocolar dispensados à rainha em 1985 foram cuidadosamente organizados, refletindo a importância histórica e política que têm caracterizado as relações entre os dois países.

51 RTP Arquivos, disponível em: [Visita oficial de Isabel II a Portugal – RTP Arquivos](#). Consultado a 08/07/2024.

52 RTP Arquivos, disponível em: [Visita oficial de Isabel II a Portugal – RTP Arquivos](#), apresentação da escola minuto 01:09. Consultado a 08/07/2024.

A Escola Portuguesa de Arte Equestre, foi fundada em 1979 na tradição da academia equestre criada por D. João V. Estabeleceu-se em 1986 nos Jardins do Palácio Nacional de Queluz e em 2012 a sua gestão foi entregue à Parques de Sintra – Monte da Lua. Informação disponível em: <https://www.parquesdesintra.pt/pt/parques-monumentos/escola-portuguesa-de-arte-equestre/historia/>.

53 RTP Arquivos, disponível em: [Visita oficial de Isabel II a Portugal – RTP Arquivos](#). Consultado a 08/07/2024.



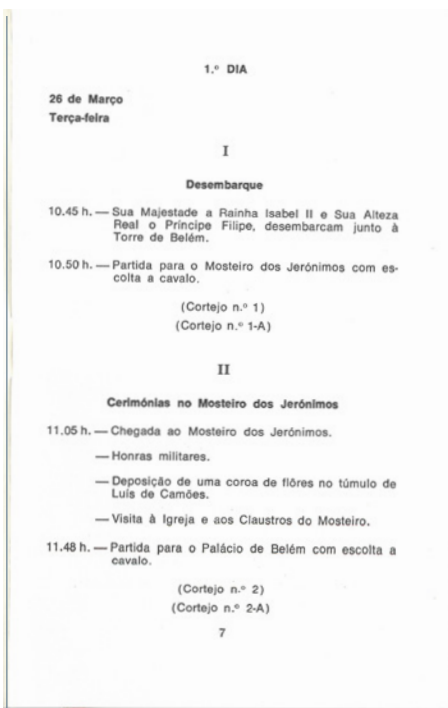
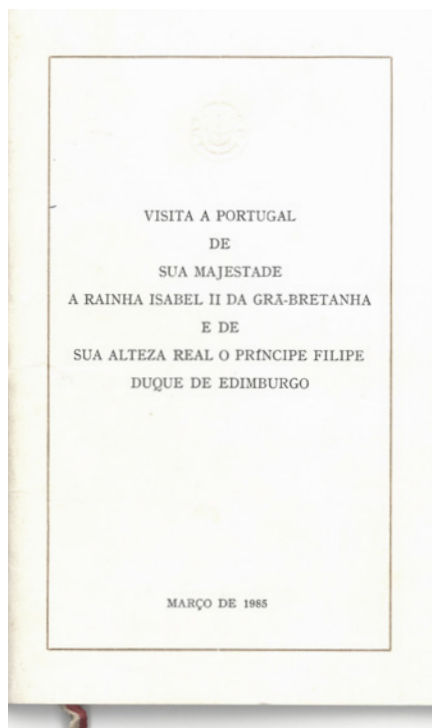
[fig. 17]

Sala dos Azulejos, rés do chão

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[figs. 18 e 19]

Programa da visita: *Visita a Portugal de Sua Majestade a Rainha Isabel II da Grã-Bretanha e de Sua Alteza Real o Príncipe Filipe Duque de Edimburgo, março de 1985*

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 20]

Quarto da Rainha Isabel II

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 25]

Bacia e Gomil

Prata, ourives não identificado

Lisboa, século XVIII (1ª metade)

Queluz, Palácio Nacional de Queluz

Inv. PNQ 717/1 e 717/2

© MMp E.P.E./ADF, ?

[fig. 21]

Quarto da Rainha Isabel II

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 22]

Quarto da Rainha Isabel II

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 23]

Quarto do Duque de Edimburgo

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

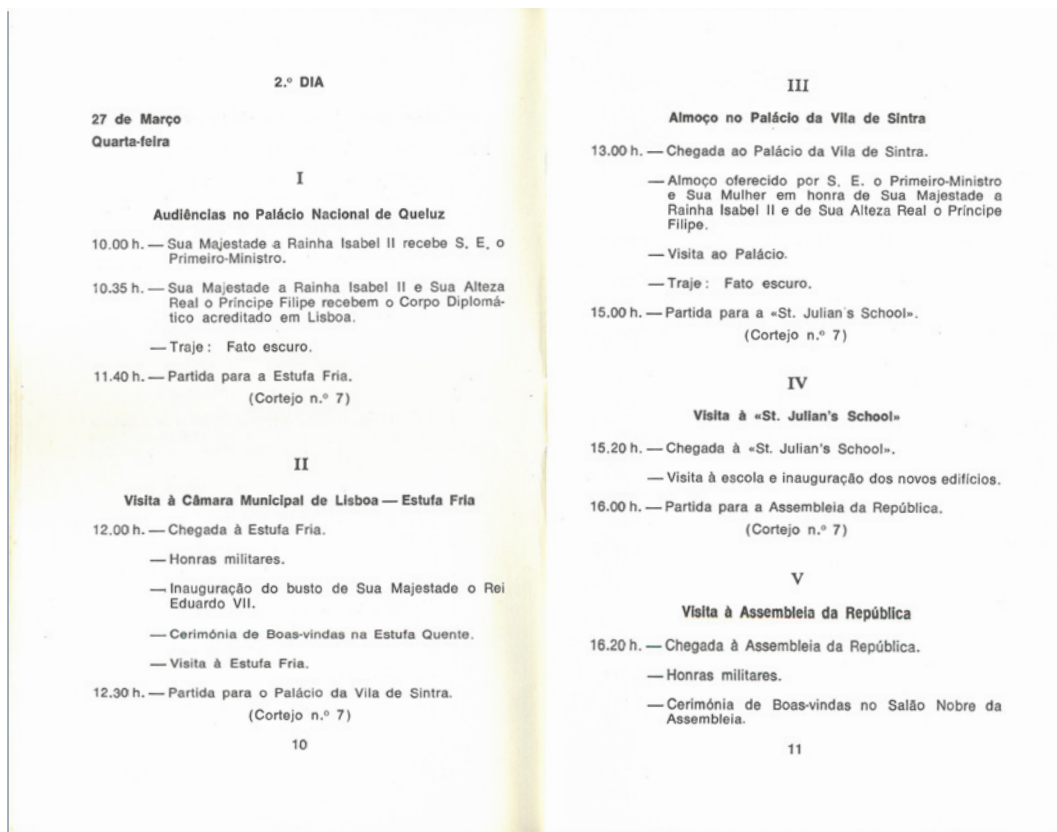
[fig. 24]

Quarto do Duque de Edimburgo

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 26]

Programa da visita a Portugal da Rainha Isabel II, Audiências no Palácio Nacional de Queluz, 27 de março de 1985

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 27]

Sala do Café, andar nobre

Fotografia de autor desconhecido, 1986.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 28]

Rainha Isabel II recebe, em audiência, o Primeiro Ministro no Palácio Nacional de Queluz

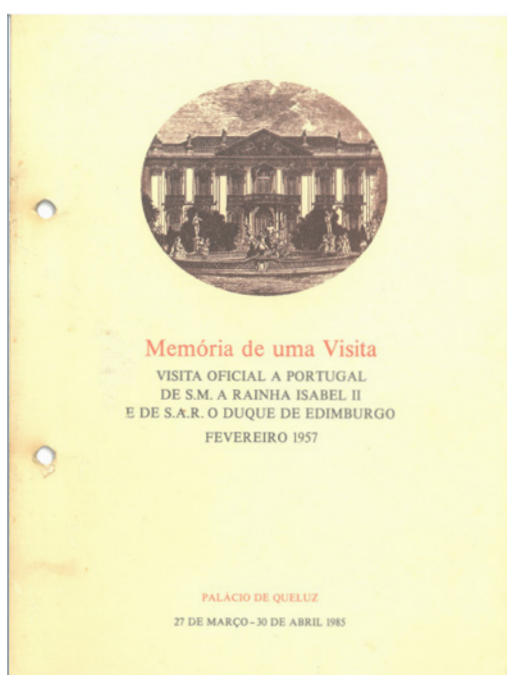
Fotografia de Gouveia, 27 de março de 1985.

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Direcção Geral da Comunicação Social, Fototeca,
Reportagem, Política Geral, doc. 00650
PT/TT/DCS/FT/RP-002/00650

© ANTT/Imagem cedida pelo ANTT

No mesmo ano, entre 8 e 10 de maio, no âmbito do périplo que realizou pelas capitais europeias, teve lugar a visita do Presidente dos Estados Unidos da América, Ronald Reagan (1911-2004)⁵⁴. Ficou instalado na residência oficial, no dia 9 teve a oportunidade de assistir nos jardins do palácio a uma apresentação da Escola Portuguesa de Arte Equestre. Para a estadia foi preparada pela embaixada e distribuída pela comitiva americana uma pequena brochura com informações gerais sobre Portugal e Lisboa, nomeadamente transportes, restaurantes, locais de diversão, comércio, locais de culto, etc. [fig. 30]

54 Ronald Reagan, 40º Presidente dos Estados Unidos da América.

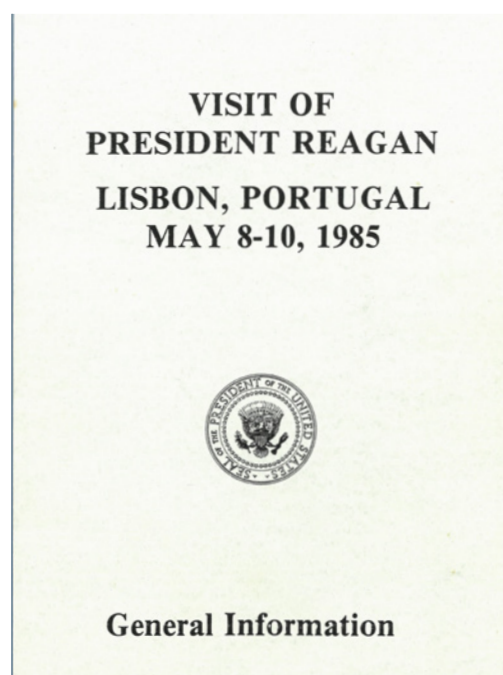


[fig. 29]

Programa da exposição, *Memória de uma Visita. Visita Oficial a Portugal de S.M. A Rainha Isabel II e de S.A.R. o Duque de Edimburgo. Fevereiro de 1957. 27 de março a 30 de abril de 1985*

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 30]

Brochura, *Visit of President Reagan. Lisbon, Portugal may 8-10, 1985. General Information*

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

Durante a visita a Portugal, em maio de 1986, do Presidente da República Federativa do Brasil, José Sarney (n. 1930)⁵⁵, inaugurou no Palácio Nacional de Queluz, no dia 6, a exposição intitulada *D. Pedro de Alcântara e Bragança 1798-1864. Imperador do Brasil Rei de Portugal – Uma vida, dois mundos, uma história*. Este evento teve lugar durante a receção que se seguiu ao banquete em honra do Presidente da República de Portugal [figs. 31, 32 e 33]. Importa referir que a mesma exposição esteve patente no Rio de Janeiro, em 1987, por ocasião da visita do presidente português ao Brasil.

Não poderia deixar de ser referida a visita a Portugal, em fevereiro de 1987, dos Príncipes de Gales⁵⁶, Carlos e Diana⁵⁷, a convite do Presidente Mário Soares. A estadia

55 José Sarney, 31º Presidente do Brasil de 1985 a 1990.

56 RTP Arquivos, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visita-dos-principes-carlos-e-diana-a-portugal-dia-3/>. Junto ao Pavilhão D. Maria I a partir do minuto 01:11. Consultado a 08/07/2024.

57 Carlos, Príncipe de Gales (1948 n.). Rei Carlos III desde 2023. Diana, Princesa de Gales (1961-1997).



[figs. 31 e 32]

Capa e folha de rosto do catálogo da exposição, *D. Pedro de Alcântara e Bragança 1798-1864. Imperador do Brasil Rei de Portugal – Uma vida, dois mundos, uma história*. Palácio de Queluz maio-outubro 1986

Queluz, Biblioteca do Palácio Nacional de Queluz

© PSML



[fig. 33]

Inauguração da exposição

Na imagem, a diretora do Palácio Nacional de Queluz, Simonetta Luz Afonso, conduz a visita à exposição, acompanhada pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares, pela Dra. Maria Barroso, pelo Presidente do Brasil, José Sarney, e pelo Primeiro-Ministro, Prof. Aníbal Cavaco Silva.

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

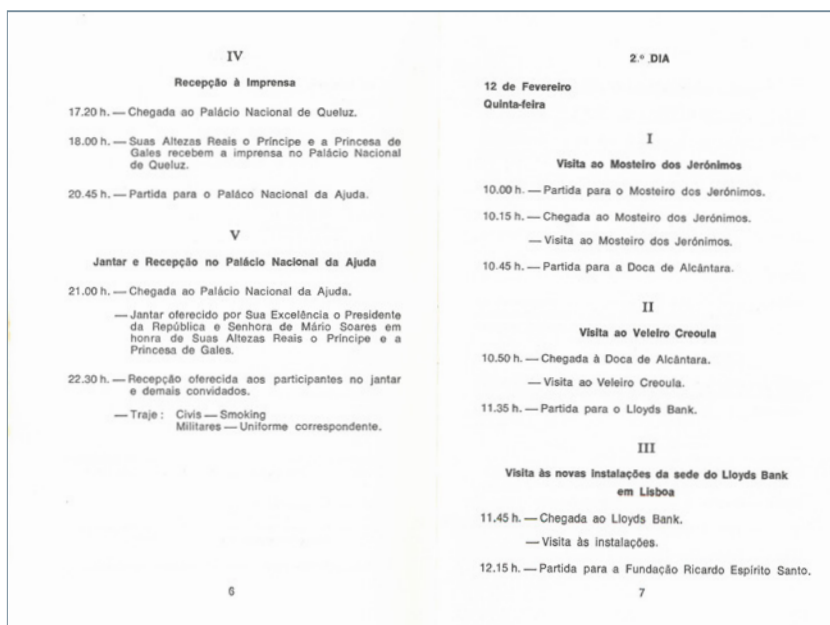
coincidiu com a celebração dos 600 anos do casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre, a 11 de fevereiro de 1387. Os príncipes ficaram instalados no Pavilhão D. Maria I, e na Sala do Trono do palácio, ocorreu no dia 11 uma receção à imprensa [fig. 34].

Ainda no ano de 1987, de 6 a 8 de abril, decorreu a visita do Presidente da República Francesa, François Mitterrand (1916-1996)⁵⁸. Na residência, teve lugar a audiência ao Primeiro-Ministro de Portugal, Aníbal Cavaco Silva (n. 1939)⁵⁹. É possível ver na reportagem da RTP, o Primeiro-Ministro no Pavilhão D. Maria I a subir a escadaria de acesso ao andar nobre onde decorreu, na Sala do Café, a audiência com o Presidente de França⁶⁰.

58 François Mitterrand, 21º Presidente de França de 1981 a 1995.

59 Aníbal Cavaco Silva, 112º Primeiro-Ministro de Portugal de 1985 a 1995, e o 19º Presidente de Portugal de 2006 a 2016.

60 RTP Arquivos, disponível em: [François Mitterrand em Portugal – RTP Arquivos](#). Consultado a 08/07/2024.



[fig. 34]

Programa da visita dos Príncipes de Gales, fevereiro de 1987

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML

1988. As obras de requalificação do Pavilhão D. Maria I

Como anteriormente mencionado, no ano de 1978 formou-se um grupo de trabalho com o objetivo de estudar e elaborar um plano de intervenções no Pavilhão D. Maria I. Embora todas as necessidades tenham sido identificadas, a resolução das mesmas tornou-se inviável devido à intensa utilização da residência [Anexo II], o que resultou no seu adiamento com vista a uma oportunidade mais adequada. Como consequência, os problemas foram-se agravando progressivamente. Apesar de pequenas reparações terem sido realizadas, eram frequentes os pedidos da Conservadora Simonetta Luz Afonso dirigidos ao Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) e à Presidência da República, solicitando a realização das obras. Além destas, solicitava também a renovação de cortinados, colchas e estofos, a aquisição de tapetes para substituir os que existiam desde 1940, bem como a aquisição de vasos em cerâmica, para plantas ornamentais, à Viúva Lamego ou à Vista Alegre⁶¹.

As condições gerais da residência deterioravam-se, levando os membros das comitivas a queixarem-se da falta de condições das instalações. Em resposta a esta situação, em 1986, a conservadora elaborou, a pedido do Chefe de Gabinete do Presidente da

61 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, Memorando de Simonetta Luz Afonso de 11 de dezembro de 1984.

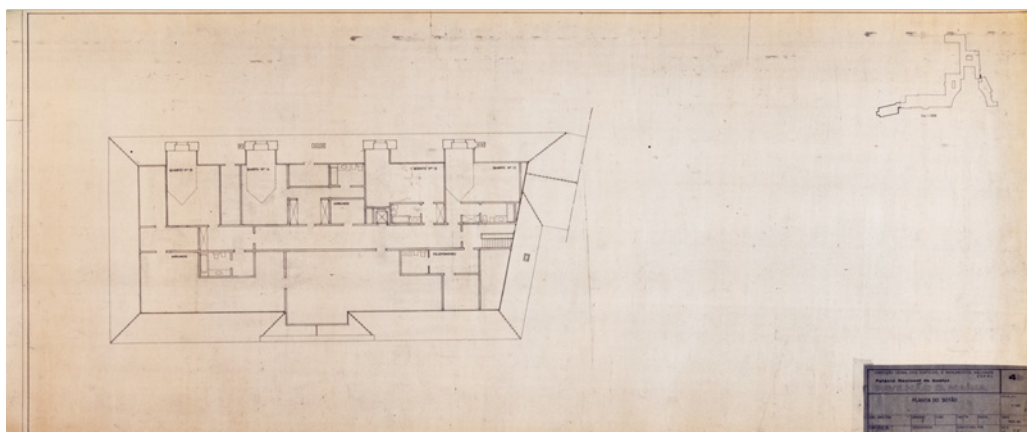
República, um relatório no qual destacava as mais graves “deficiências de funcionamento”⁶². Entre estas, incluíam-se a instalação elétrica obsoleta, problemas na rede de esgotos, no elevador, a necessidade de renovação e modernização das casas de banho, da cozinha e da lavandaria, a pintura dos interiores e das caixilharias, bem como a urgente renovação de todos os tecidos, tapetes e a aquisição de mobiliário confortável, como sofás. No relatório também foi salientada a urgência de se criar uma dotação orçamental específica para o Pavilhão D. Maria I, uma vez que o Palácio Nacional de Queluz não dispunha de orçamento compatível com o valor necessário para as obras. Após a avaliação do orçamento elaborado pela DGEMN, responsável pela intervenção, a tutela decidiu inscrever os 70 mil contos necessários para a realização das obras no PIDDAC⁶³ de 1987.

O início da requalificação do Pavilhão D. Maria I, que durou cerca de um ano, foi coordenado com a Presidência da República, de modo a não coincidir com a agenda do Presidente da República, uma vez que a residência não poderia ser utilizada durante esse período. Após a definição da data da intervenção, começou a ser elaborado o plano de obras, contemplando também questões relacionadas com a segurança e propostas de alterações sugeridas pelo Protocolo do Estado.

A intervenção realizada no Pavilhão D. Maria I, em 1988, foi muito abrangente, envolvendo tanto o interior como o exterior do edifício, das coberturas à cave. O sótão foi completamente remodelado passando a incluir quatro quartos, com casas de banho privativas, e a lavandaria foi transferida para a cave [fig. 35]. Nas casas de banho do andar nobre e do rés-do-chão foram efetuadas intervenções de renovação e modernização, com a escolha de um revestimento em mármore distinto para cada uma delas. No anexo do primeiro piso, a planta foi reconfigurada para garantir que todos os quartos possuissem casa de banho privativa, resultando na redução do seu número, de cinco para quatro [figs. 36 e 37]. Durante as obras, ao derrubar uma parede entre dois quartos, foi colocado a descoberto no teto um revestimento em tela pintada [fig. 38], que se acredita datar da época da construção do pavilhão, por volta de 1785, e

62 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, ofício e relatório de 22 de maio de 1986.

63 PIDDAC, Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central. Abrange uma variedade de áreas, como infraestruturas, educação, saúde, cultura, ciência e tecnologia, entre outras.

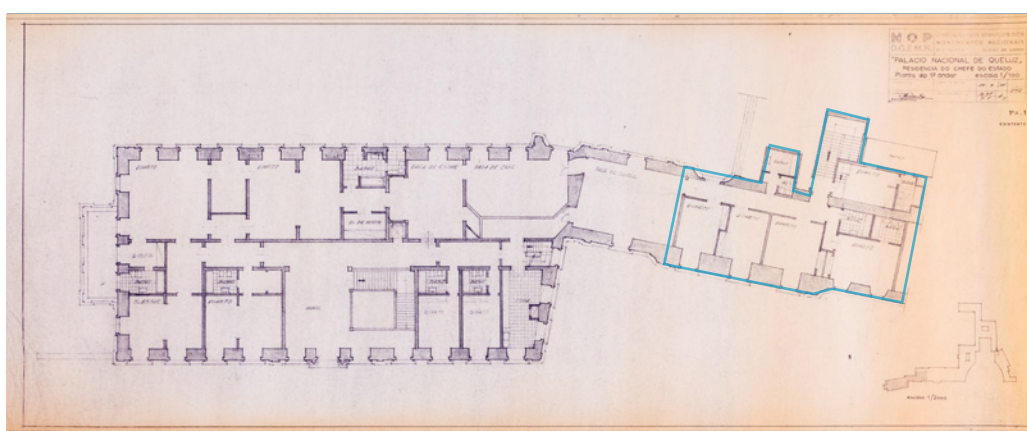


[fig. 35]

Planta do sótão, 1986

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva

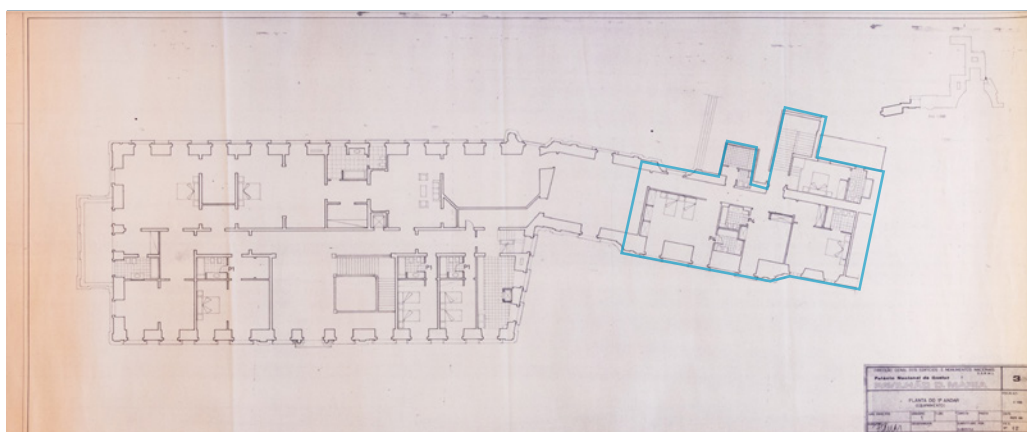


[fig. 36]

Planta do anexo do andar nobre, 1971

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva



[fig. 37]

Planta do anexo do andar nobre, após a intervenção de 1988

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva



[fig. 38]

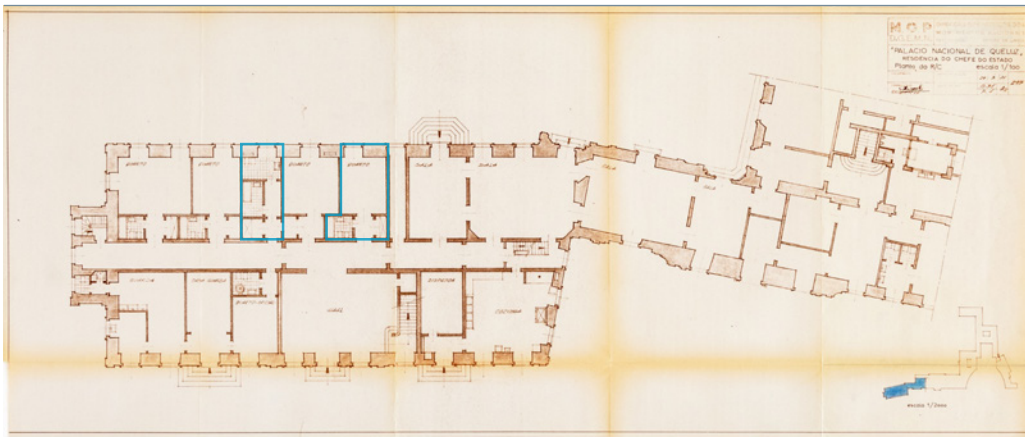
Revestimento em tela do teto de um quarto do anexo

Autor não mencionado, 1988.

Sacavém, Arquivo do Património Arquitetónico

PT PCIPSIPA FOTO.00117167

© PT PCIP/SIPA

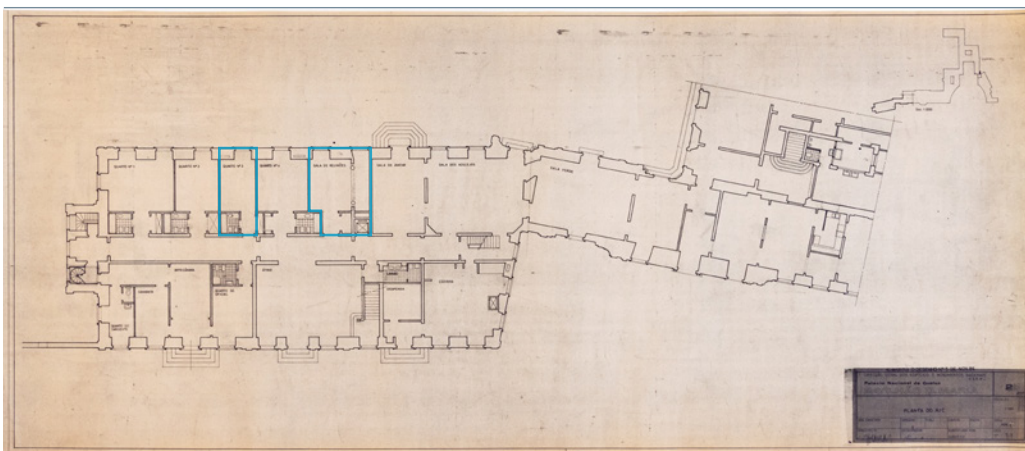


[fig. 39]

**Planta rés-do-chão,
1971**

Queluz, Arquivo do Palácio
Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva



[fig. 40]

**Planta rés-do-chão,
1987**

Queluz, Arquivo do Palácio
Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva

que terá sido tapado durante as intervenções realizadas em 1956. O que restava do revestimento foi retirado e guardado em reserva. No rés-do-chão, [figs. 39 e 40] a casa de banho de serviço foi reconvertida em quarto [fig. 41], e um dos quartos foi adaptado para servir como Sala do Secretariado [fig. 42], onde foram instalados uma fotocopiadora e um fax. A cozinha e a cave também foram renovadas, incluindo as instalações reservadas à GNR.

Paralelamente às obras, iniciou-se o estudo da decoração [fig. 43], o mobiliário foi restaurado, adquiriram-se alguns móveis modernos e confortáveis, bem como peças decorativas da Vista Alegre. Além disso foram confeccionados novos reposteiros, cortinas, colchas e encomendados tapetes de Arraiolos com desenhos antigos para toda a residência.



[fig. 41]

Quarto nº 3, rés-do-chão

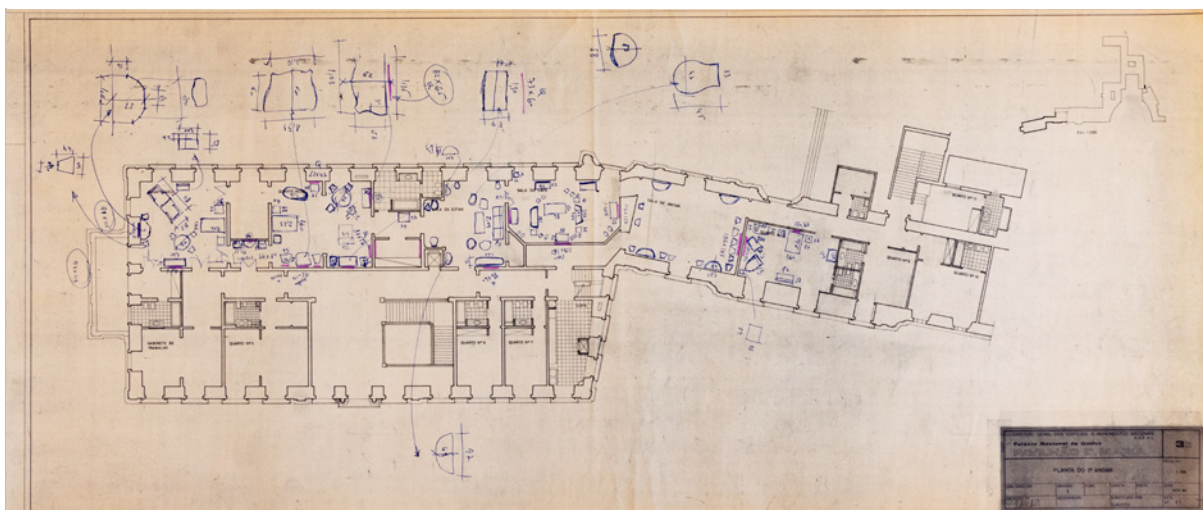
© PSML/José Marques Silva



[fig. 42]

Sala do Secretariado, rés-do-chão

© PSML/José Marques Silva



[fig. 43]

Estudo para a colocação do mobiliário no andar nobre, 1987

Queluz, Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

© PSML/José Marques Silva

De 1989 à atualidade

Finalizadas as obras nos inícios de 1989, o Pavilhão D. Maria I retomou a sua função com a mesma intensidade de utilização que se vinha registando nas décadas anteriores. Entre 1989 e 2004, a residência acolheu 59 Chefes de Estado [Anexo II]. A primeira estadia após a intervenção ocorreu em maio de 1989, com a visita do Príncipe e Grão-Mestre da Ordem Soberana e Militar de Malta, Andrew Willoughby Ninian Bertie (1929-2008)⁶⁴. Apesar de já não ser a prática habitual, o Ministério dos Negócios Estrangeiros emprestou⁶⁵ para a ocasião quatro pinturas, representando quatro Grão-Mestres portugueses da Ordem de Malta⁶⁶. Esta foi a única ocasião em que se procedeu a um empréstimo temporário, não para reforçar a decoração, mas como um ato de cortesia para com o convidado do Estado português.

Continuaram a ser utilizadas as mesmas salas para as audiências privadas, as renovadas Sala de Visitas [fig. 44], a Sala do Café [fig. 45] no andar nobre, e a Sala dos Azulejos no rés-do-chão. O visionamento das reportagens dos canais de televisão⁶⁷, que realizaram uma ampla cobertura destas visitas e testemunharam estes encontros, permitiu-nos não só conhecer alguns dos interiores da residência, das suas áreas mais públicas, mas também identificar os Chefes de Estado visitantes e as individualidades nacionais que por ali passaram durante esses 15 anos. Como exemplo podemos mencionar a estadia do Presidente da República Oriental do Uruguai, entre 10 e 12 de julho de 1989⁶⁸, que recebeu o Primeiro-Ministro em audiência na Sala dos Azulejos; a visita do Presidente da República de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano (n. 1939)⁶⁹, entre 9 e 12 de abril de 1990, cuja audiência teve lugar na Sala de Visitas⁷⁰; e ainda da Presidente da Irlanda, Mary Robinson,

64 Andrew Willoughby Ninian Bertie, 78º Príncipe e Grão-Mestre da Ordem Soberana de Malta de 1988 a 2008.

65 Arquivo do PNQ – Pavilhão D. Maria I, recibo de entrega de 12 de maio de 1989.

66 O Rei D. Pedro III (1717-1786) 3º Senhor da Casa do Infantado tinha também o título de Grão-Prior do Crato, que era atribuído ao superior da Ordem de Malta ou Cavaleiros Hospitalários.

67 A RTP desde 1957, a SIC desde 1992 e a TVI desde 1993.

68 RTP Arquivos, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/julio-sanguinetti-recebido-por-cavaco-silva/>. Consultado a 08/07/2024.

69 Joaquim Chissano, 2º Presidente de Moçambique de 1986 a 2005.

70 RTP Arquivos, disponível em: [Visita oficial de Joaquim Chissano a Portugal – RTP Arquivos](#). Consultado a 08/07/2024.



[fig. 44]

Sala de Visitas, andar nobre

© PSML/José Marques Silva



[fig. 45]

Sala do Café, andar nobre

© PSML/José Marques Silva

entre 20 e 24 de junho de 1991, e a audiência teve lugar na Sala do Café⁷¹. Estas visitas exemplificam a continuidade e a importância do Pavilhão D. Maria I como espaço privilegiado, adequado às funções de Estado para a receção de dignatários.

A partir de 2001, a residência foi gradualmente deixando de ser escolhida para as estadias dos Chefes de Estado, cessando essa utilização em 2004. O último Chefe de Estado que aqui ficou instalado foi o Presidente da República da Polónia,

71 RTP Arquivos, disponível em: [Visita a de Mary Robinson a Portugal – RTP Arquivos](#), a partir do minuto 00:23. Consultado a 08/07/2024.

Aleksander Kwaśniewski (n.1954)⁷², de 29 de junho a 2 de julho. Diversas razões contribuíram para a não utilização do Pavilhão D. Maria I, levando à sua substituição por unidades hoteleiras localizados no centro de Lisboa, capazes de responder adequadamente às necessidades das comitivas, tanto em termos de espaço como de serviços. A logística associada ao pavilhão tornou-se especialmente complexa e onerosa, incluindo comunicações, acesso à internet, segurança, e outros serviços, o que aliado à insuficiência de espaço para acomodar a totalidade das comitivas, revelou-se um desafio significativo. Adicionalmente, a distância do Pavilhão D. Maria I, a cerca de 15km Lisboa, obrigava as comitivas a percorrer vias com grande intensidade de tráfego, complicando ainda mais o acesso ao local. Por outro lado, desde 2011, o Palácio da Cidadela de Cascais, após profundas obras de reabilitação, passou a funcionar não só como residência de verão do Presidente da República, mas também de forma pontual, como residência de Chefes de Estado em visita oficial.

Sem uso enquanto residência, o Pavilhão D. Maria I manteve-se, no entanto, ao serviço da Presidência da República. Em 2006, foi aqui instalado o gabinete do Presidente da República eleito, Professor Aníbal Cavaco Silva, até à sua tomada de posse a 9 de março. Para tal, foi necessário adaptar quartos e salas a gabinetes de trabalho, desmontando parte importante do seu recheio. Situação similar ocorreu em 2016, com a eleição do Professor Marcelo Rebelo de Sousa (n. 1948)⁷³ como Presidente da República, pois aqui também foi instalado o seu gabinete até à transferência para o Palácio de Belém, após a tomada de posse a 9 de março.

Durante um período de cerca de 27 anos, a única intervenção realizada na residência foi a instalação de um moderno sistema de climatização em 2005, num momento em que já se evidenciava a necessidade de intervenções mais abrangentes, nas coberturas, caixilharias e pinturas decorativas. Em junho de 2016, a Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A.⁷⁴, que desde 2012 passou a tutelar o Palácio Nacional de Queluz, incluindo o Pavilhão D. Maria I⁷⁵, em administração conjunta com a Secretaria-Geral da

72 Aleksander Kwaśniewski, foi Presidente da Polónia de 1995 a 2005.

73 Marcelo Rebelo de Sousa, 20º Presidente da República de 2016 à atualidade.

74 <https://www.parquesdesintra.pt/pt/sobre-nos/quem-somos/>.

75 Decreto-Lei nº 205 de 31 de agosto de 2012. Segundo o decreto o Pavilhão D. Maria I mantinha a sua função de residência oficial dos Chefes de Estado estrangeiros em visita oficial.



[fig. 46]

Pavilhão D. Maria I, fachada para o Jardim

© PSML/Wilson Pereira

Presidência da República, promoveu uma série de obras. Realizaram-se quase em simultâneo várias campanhas de recuperação das coberturas, fachadas⁷⁶ e caixilharias [fig. 46] e em 2016 e 2017 procedeu-se também a intervenções na pintura decorativa e pavimentos interiores.

Nos últimos 84 anos da sua história (1940-2024), o Pavilhão D. Maria I, serviu como residência dos Chefes de Estado em visita oficial a Portugal. Durante os 64 anos de utilização ininterrupta nessa função, compreendidos entre 1940 e 2004 [Anexo II], acolheu cerca de 120 presidentes, reis, rainhas, imperadores e convidados ilustres, personalidades marcantes da história mundial que visitaram Portugal em diferentes momentos e contextos políticos e económicos, refletindo a ação da diplomacia portuguesa.

76 Entre 2015 e 2016 decorreu a campanha de pintura das fachadas do Palácio Nacional de Queluz, incluindo o Pavilhão D. Maria I, repondo a cor azul, a cor original do palácio.



[fig. 47]

Pavilhão D. Maria I

© PSML/José Marques Silva

Face à nova realidade sem visitas oficiais, surgiu a necessidade de reinterpretar o Pavilhão D. Maria I e atribuir-lhe uma nova missão. Assim, em 2019, foi concebido o projeto de musealização deste edifício através da reconstituição dos seus ambientes com o objetivo de promover a sua abertura ao público. O desafio central do projeto consistiu em preservar e comunicar a sua função no período da República, sem esquecer a sua origem enquanto parte integrante do conjunto arquitetónico que caracteriza o Palácio Nacional de Queluz e seus jardins, antiga residência da família real portuguesa. A musealização envolveu a incorporação das várias décadas de utilização e das alterações que o espaço sofreu ao longo do tempo, tanto ao nível das suas funcionalidades como do seu recheio.

O Pavilhão D. Maria I ganhou uma nova vida, transformando-se num espaço aberto, proporcionando ao visitante uma experiência autêntica ao percorrer os mesmos ambientes, privados e públicos, que outrora foram ocupados por figuras de destaque internacional. Este projeto museológico não só preserva o legado do Pavilhão D. Maria I, mas também o valoriza, integrando-o na narrativa histórica de Portugal. [figs. 47 e 48]



[fig. 48]

Pavilhão D. Maria I, vista da fachada voltada para o jardim

© PSML/José Marques Silva

..... §



PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
D SINTRA
MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

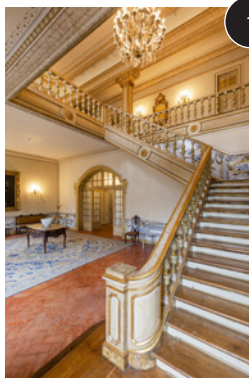
ANEXO I

PERCURSO DE VISITA



Voltar ao índice

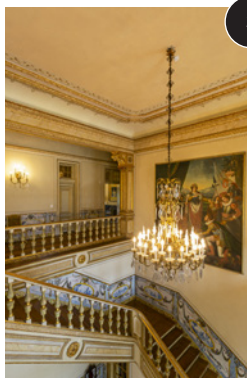
Percurso de visita no andar nobre



1

Átrio do rés-do-chão

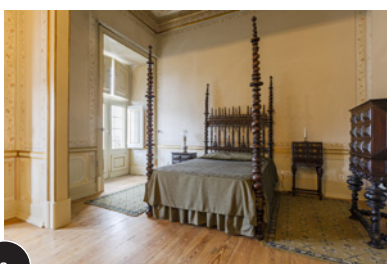
Concebido em 1940 pelo Arquiteto Guilherme Rebelo de Andrade, este átrio foi construído em espaços do século XVIII, que foram demolidos para dar lugar à nova entrada nobre do pavilhão. Aqui foram aplicados azulejos decorativos neoclássicos.



2

Átrio do andar nobre

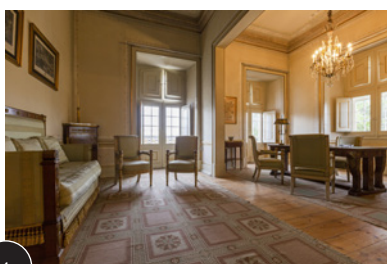
Projetado por Guilherme Rebelo de Andrade em 1940, este átrio permitia o acesso à varanda, de onde os Chefes de Estado visitantes saudavam a população que os aguardava no exterior. Entre essas figuras ilustres encontram-se a Rainha Isabel II, o General Eisenhower, o Presidente do Brasil Juscelino Kubitschek de Oliveira e os Reis da Tailândia, entre outros.



3

Quarto nº 5, andar nobre

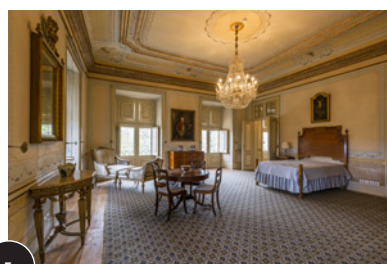
Localizado junto aos quartos principais, este espaço era geralmente destinado a um membro da comitiva mais próximo do Chefe de Estado. Em 1957, foi ocupado pela Condessa de Leicester, dama de companhia da Rainha Isabel II.



4

Gabinete de Trabalho da Suíte Principal nº 2, andar nobre

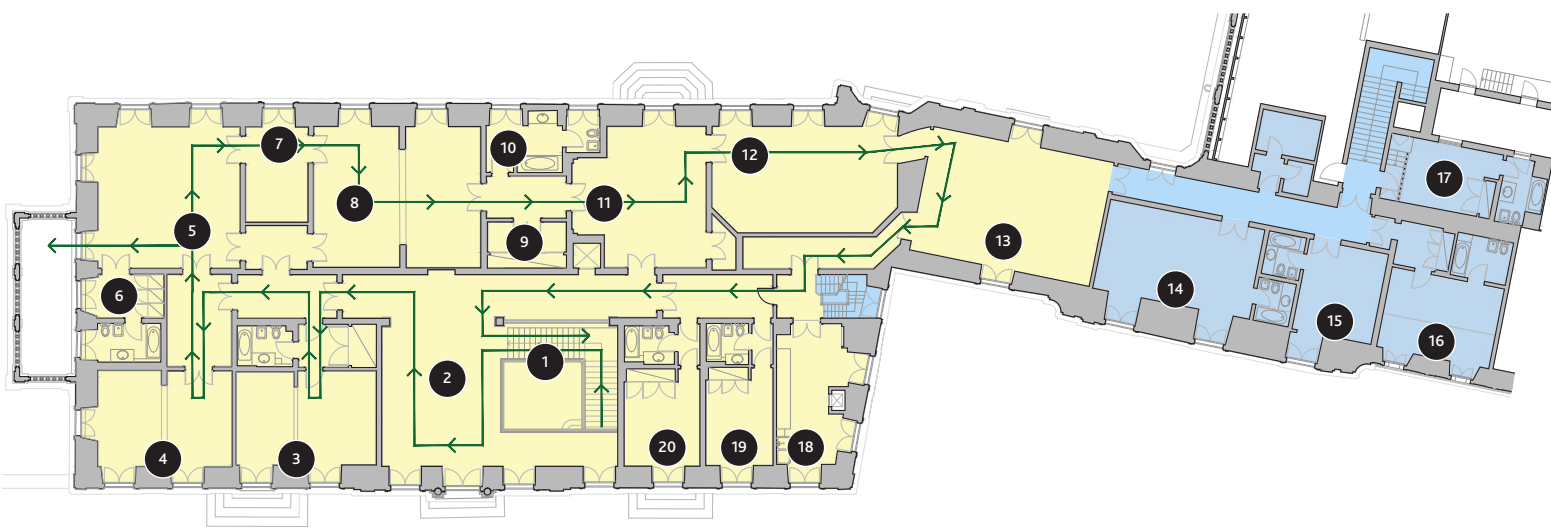
Originalmente concebido como um quarto, este compartimento foi remodelado em 1956 e anexado à Suíte Principal nº 2. Utilizado pela primeira vez em 1957 pelo Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, passou desde então, a funcionar como Gabinete de Trabalho de todos os Chefes de Estado hospedados no Pavilhão D. Maria I.



5

Quarto da Suíte Principal nº 2, andar nobre

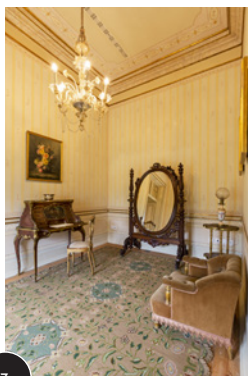
Antiga sala de estar do apartamento do Chefe de Estado, este compartimento foi remodelado e transformado em quarto em 1956, por ocasião da visita da Rainha Isabel II a Portugal. Foi utilizado como quarto pela primeira vez em 1957 pelo Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo.





6

Quarto de Vestir da Suíte Principal nº 2, andar nobre



7

Toucador da Suíte Principal nº 1, andar nobre

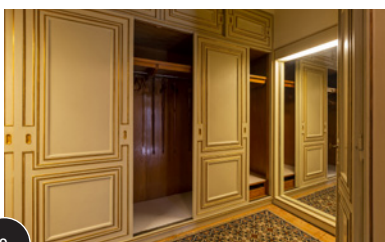
Originalmente projetado como gabinete de trabalho do apartamento do Chefe de Estado, este espaço foi adaptado em 1957 para funcionar como toucador do quarto destinado à Rainha Isabel II durante a sua visita a Portugal.



8

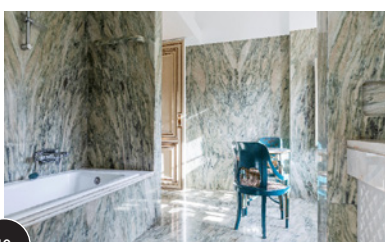
Quarto da Suíte Principal nº 1, andar nobre

Quarto do apartamento do Chefe de Estado, remodelado em 1957 para a Rainha Isabel II. O leito de dossel, proveniente do Palácio Nacional da Ajuda e utilizado pela rainha durante a sua estadia, passou a integrar permanentemente o recheio deste compartimento.



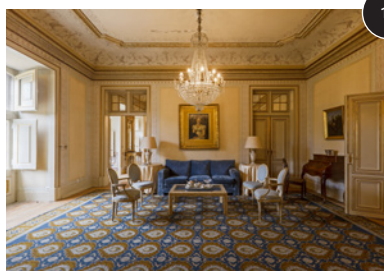
9

Quarto de Vestir da Suíte Principal nº 1, andar nobre



10

Casa de Banho da Suíte Principal nº 1, andar nobre



11

Sala de Visitas, andar nobre

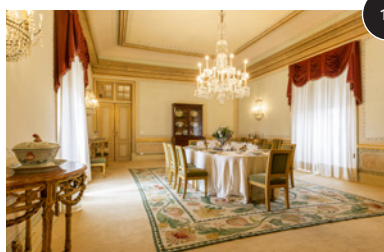
Nesta sala, os Chefes de Estado visitantes realizavam audiências privadas com o Primeiro-Ministro português, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e os representantes dos partidos políticos, entre outras individualidades. A sua proximidade ao Átrio permitia um acesso direto. Em 1957, durante a visita de estado, foi utilizada como sala privada pela Rainha Isabel II.



12

Sala do Café, andar nobre

Entre 1940 e 1973, esta sala funcionou como sala de jantar do andar nobre. A partir de 1973, com as estadias do Presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, e do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, passou a ser utilizada como Sala do Café. Tal como na Sala de Visitas, também aqui se realizavam audiências privadas com as principais individualidades nacionais.



13

13 – Sala de Jantar, anexo do andar nobre

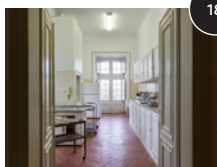
Localizada no Anexo do Pavilhão D. Maria I, esta sala passou a integrar a ala nobre da residência apenas em 1973, sendo utilizada pela primeira vez como Sala de Jantar, durante as estadias do Presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, e do Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo.

19 Quarto nº 7, andar nobre

Localizado junto à copa, este quarto era reservado para os membros das comitivas mais próximos do Chefe de Estado. Em 1957, foi atribuído ao Coronel Charteris, assistente do secretário privado da Rainha Isabel II, e em 1960, ao Dr. João Luís Soares, secretário particular do Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

20 – Quarto nº 6, andar nobre

Localizado junto à copa, este quarto era reservado para os membros das comitivas mais próximos do Chefe de Estado. Em 1957, foi atribuído a Sir Michael Adeane, secretário privado da Rainha Isabel II, e em 1960, ao Dr. Tamzil, chefe de gabinete do Presidente Sukarno, da Indonésia.



18

Copa, andar nobre

Percurso de visita no rés-do-chão



1

Átrio do rés-do-chão

Concebido em 1940 pelo Arquiteto Guilherme Rebelo de Andrade, este átrio foi construído em espaços do século XVIII, que foram demolidos para dar lugar à nova entrada nobre do pavilhão. Aqui foram aplicados azulejos decorativos neoclássicos.

21

Instalações da GNR, Quarto do Oficial

Este quarto era ocupado pelo oficial da Guarda Nacional Republicana de serviço e fazia parte da ala do rés-do-chão e da cave, destinadas às instalações da GNR.

Durante as estadias dos Chefes de Estado, a GNR tinha a missão de montar uma guarda de segurança e uma guarda de honra.

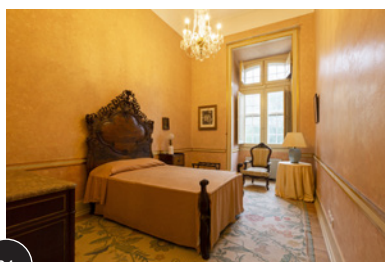


22

Quarto nº 1, rés-do-chão

Designado também como Quarto do Protocolo, este compartimento passou a ser ocupado, a partir de 1988, pelo representante do Protocolo de Estado português que acompanhava as visitas durante as estadias dos Chefes de Estado visitantes.

Neste quarto, foi instalado o leito que pertenceu a D. Pedro IV.



24

24 – Quarto nº 3, rés-do-chão

Este quarto foi construído em 1988, ocupando o espaço que, até 1955, correspondia à única casa de banho do rés-do-chão. Uma das intervenções mais significativas desse ano foi a construção de casas de banho privativas em todos os quartos deste piso.

23

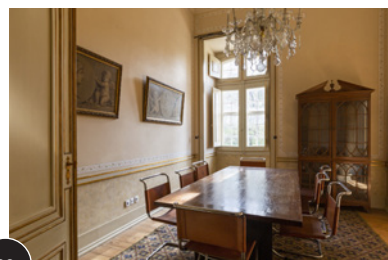
Quarto nº 2, rés-do-chão

Destinado aos membros das comitivas dos Chefes de Estado visitantes, o recheio deste quarto inclui dois leitos que, em 1940, estavam no quarto do apartamento do Chefe de Estado, atualmente conhecido como Quarto da Suíte Principal nº1.

25

Quarto nº 4, rés-do-chão

Após as obras de 1988, este quarto passou a ser designado como o Quarto do INEM, onde se instalavam habitualmente as equipas médicas do INEM que acompanhavam em permanência as estadias dos Chefes de Estado.



26

Sala do Secretariado, rés-do-chão

Após as obras de 1988, este espaço foi reconfigurado para funcionar como Sala do Secretariado, destinada a apoiar as estadias dos Chefes de Estado.



27

Sala Basalisa, rés-do-chão

Antiga portaria do pavilhão, esta sala tinha acesso ao jardim e à escadaria do século XVIII que unia todos os pisos. Após a demolição da escadaria em 1956, passou a ser utilizada para as refeições das comitivas e, atualmente, é conhecida como Sala Basalisa, devido à pintura mural da autoria de Antero Basalisa.

28

Cozinha e arrumos, rés-do-chão

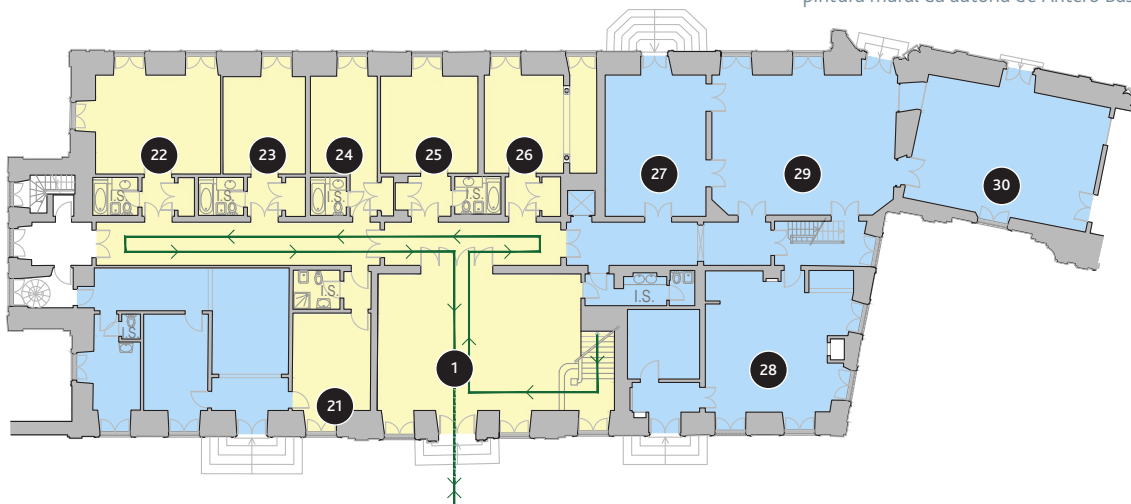
29

Sala dos Azulejos, rés-do-chão

A partir de 1975, devido à sua dimensão e localização, esta sala passou a ser igualmente utilizada para as audiências dos Chefes de Estado.

30

Sala Verde, rés-do-chão





ANEXO II

LINHA DO TEMPO:
CRONOLOGIA DAS VISITAS
OFICIAIS COM ESTADIA NO
PAVILHÃO D. MARIA I DO
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ



1940 31 de outubro a 10 de dezembro	D. Filipa de Bragança (1905-1990)	
1949 22 a 27 de outubro	Chefe de Estado Espanhol, Generalíssimo Francisco Franco (1892-1975)	  1945 a 1975 Atual
1951 9 a 15 de outubro	Legado do Papa (Pio XII), Cardeal Tedeschini (1876-1958) Encerramento do Ano Santo	
1955 22 a 28 de abril	Presidente dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), Dr. João Café Filho (1899-1970)	
1956 22 a 24 de janeiro	Presidente Eleito dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976)	
1957 18 a 20 de fevereiro	Rainha Isabel II (1926-2022) do Reino Unido e do Príncipe Filipe (1921-2021), Duque de Edimburgo	
1957 6 a 9 de agosto	Governador-geral da União da África do Sul (atual República da África do Sul), Ernest George Jansen (1881-1959)	  1928-1982 Atual
1957 11 a 14 de novembro	Presidente da República Islâmica do Paquistão, General Iskander Mirza (1899-1969)	
1959 26 a 31 de julho	Imperador da Etiópia (Abissínia), Hailé Selassié (1892-1975)	  1919-1974 Atual
1960 5 a 8 de maio	Presidente da República da Indonésia, Sukarno (1901-1970)	
1960 19 a 20 de maio	Presidente dos Estados Unidos da América, General Dwight Eisenhower (1890-1969)	
1960 6 a 10 de agosto	Presidente dos Estados Unidos do Brasil (hoje República Federativa do Brasil), Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976)	
1960 22 a 25 de agosto	Reis da Tailândia, Bhumibol Adulyadej (Rama IX) (1927-2016) e da Rainha Sirikit (n. 1932)	
1967 11 a 16 de maio	Cardeal Dom José da Costa Nunes (1880-1976), Legado "A Latere" para as Comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima	

1973 14 a 18 de maio	Presidente da República Federativa do Brasil, General Emílio Garrastazu Médici (1905-1985)	
1973 5 a 8 junho	Príncipe Filipe (1921-2021), Duque de Edimburgo, por ocasião da Comemoração dos 600 anos da Aliança luso-britânica	
1975 27 a 31 de janeiro	Presidente da República do Senegal, Leopold Senghor (1906-2011)	
1975 6 a 8 de maio	Presidente da República da Zâmbia, Kenneth Kaunda (1924-2021)	
1975 28 a 30 de outubro	Presidente da Roménia, Nicolae Ceausescu (1918-1989)	
1976 29 a 30 de novembro	Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Carlos Andrés Pérez (1922-2010)	
1977 17 a 20 de outubro	Presidente da República Socialista Federativa da Jugoslávia, Marechal Josip Tito (1892-1980)	
1978 11 a 14 de janeiro	Presidente da República da Guiné-Bissau, Luis Cabral (1931-2009)	
1978 21 a 24 de fevereiro	Rei da Noruega, Rei Olavo V (1903-1991)	
1978 3 a 8 de maio	Reis de Espanha, Rei Juan Carlos (n. 1938) e Rainha Sofia (n. 1938)	  1945 a 1975 Atual
1978 19 a 21 de julho	Presidente da República Francesa, Valéry Giscard d'Estaing (1926-2020)	
1979 23 a 27 de janeiro	República de Cabo Verde, Aristides Pereira (1923-2011)	  1975 a 1992 Atual
1979 24 a 28 de outubro	Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, Manuel Pinto da Costa (n. 1937)	

1980 14 a 17 de julho	Presidente da República Federal da Alemanha, Karl Carstens (1914-1992)	
1981 1 a 4 de fevereiro	Presidente da República Federativa do Brasil, João Baptista Figueiredo (1918-1999)	
1981 8 a 10 de maio	Secretário-Geral das Nações Unidas (ONU), Kurt Waldheim (1918-2007)	
1981 1 a 5 de junho	Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira (1923-2011)	  1975 a 1992 Atual
1981 24 a 27 de junho	Presidente da República Helénica (Grécia), Konstantinos Karamanlis (1907-1998)	
1981 23 a 25 de outubro	Presidente da República Italiana, Sandro Pertini (1896-1990)	
1982 31 de março a 2 de abril	Presidente da República Socialista Federativa da Jugoslávia, Sergej Kraigher (1914-2001)	
1982 27 a 29 de setembro	Presidente da República Popular da Hungria (hoje Hungria), Pál Losonczy (1919-2005)	
1983 4 a 6 de abril	Secretário-Geral das Nações Unidas (ONU), Pérez de Cuéllar (1920-2020)	
1983 13 a 15 de maio	Grão-Mestre da Ordem Soberana Militar de Malta, Angelo de Mojana di Cologna (1905-1988)	
1983 7 a 12 de outubro	Presidente da República Popular de Moçambique (hoje República de Moçambique), Samora Machel (1933-1986)	
1983 21 a 24 de novembro	Presidente da República da Islândia, Vigdís Finnbogadóttir (n. 1930)	
1983 14 a 27 de dezembro	Presidente da República do Zaire (hoje República Democrática do Congo), Mobutu Sese Seko (1930-1997)	  1971 a 1997 2006 – atual

1984 17 a 29 de fevereiro	Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira (1923-2011)	 1975 a 1992	 Atual
1984 2 a 5 de abril	Presidente da República da Áustria, Rudolf Kirchschläger (1915-2000)		
1984 4 a 9 de junho	Presidente da República da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira (1939-2009)		
1984 25 e 28 de junho	Reis da Dinamarca, Rainha Margarida II (n. 1940) e Príncipe Henrik (1934-2018)		
1984 28 a 30 de junho	Presidente da República da Costa Rica, Luís Alberto Monge Álvarez (1925-2016)		
1984 21 a 22 de julho	Presidente da República de El Salvador, José Napoleón Duarte (1925-1990)		
1984 10 a 13 de outubro	Grão-Duques do Luxemburgo, João (1921-2019) Grão-Duque do Luxemburgo e Josefina-Carlota (1927-2005), Grã-Duquesa do Luxemburgo		
1984 22 a 24 de outubro	Reis da Bélgica, Rei Balduino (1930-1993) e Rainha Fabíola (1928-2014)		
1984 16 a 19 de novembro	Presidente da República Popular da China, Li Xiannian (1909-1992)		
1985 26 a 29 de março	Rainha Isabel II (1926-2022) do Reino Unido e do Príncipe Filipe (1921-2021), Duque de Edimburgo		
1985 8 a 10 de maio	Presidente dos Estados Unidos da América, Ronald Reagan (1911-2004)		
1985 20 a 26 novembro	Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, Manuel Pinto da Costa (n. 1937)		
1986 4 a 9 de maio	Presidente da República Federativa do Brasil, José Sarney (n. 1930)		

1986 29 de setembro a 2 de outubro	Reis da Suécia, Rei Carlos XVI Gustavo (n. 1946) e Rainha Sílvia (n. 1943)	
1987 11 a 13 de fevereiro	Príncipes de Gales, Carlos (n. 1948) e Diana (1961-1997)	
1987 6 a 8 de abril	Presidente da República Francesa, François Mitterrand (1916-1996)	
1987 6 a 9 de maio	Presidente da República Helénica (Grécia), Christos Sartzetakis (1929-2022)	
1987 27 de setembro a 1 de outubro	Presidente da República Popular de Angola (hoje República de Angola), José Eduardo dos Santos (1942-2022)	
1989 9 a 10 de maio	Príncipe e Grão-Mestre da Ordem Soberana Militar de Malta, Andrew Willoughby Ninian Bertie (1929-2008)	
1989 15 a 18 de maio	Reis de Espanha, Rei Juan Carlos (n. 1938) e Rainha Sofia (n. 1938)	
1989 10 a 12 de julho	Presidente da República Oriental do Uruguai, Julio Sanguinetti (n. 1936)	
1989 26 a 31 de julho	Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira (1923-2011)	  1975 a 1992 Atual
1989 6 a 9 de setembro	Presidente da República do Equador, Rodrigo Borja Cevallos (n. 1935)	
1989 11 a 14 de setembro	Presidente da República do Congo (Brazzaville), Sassou NGuessso (n. 1943)	
1990 26 a 29 de março	Presidente da República Federal da Alemanha, Richard von Weizsäcker (1920-2015)	
1990 31 de março a 3 de abril	Presidente da República da Índia, Ramaswamy Venkataraman (1910-2009)	

1990 9 a 12 de abril	Presidente da República de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano (n. 1939)	
1990 22 a 24 de abril	Presidente da República Socialista Federativa da Jugoslávia, Janez Drnovšek (1950-2008)	
1990 12 a 15 de maio	Presidente da República da África do Sul, Frederik Willem de Klerk (1936-2021)	  1981 a 1994 Atual
1990 27 a 31 de maio	Presidente da República do Chipre, Georges Vassiliou (n. 1931)	
1990 21 a 25 de outubro	Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Collor de Melo (n. 1949)	
1990 29 a 31 de outubro	Presidente da República da Finlândia, Mauno Koivisto (2023-2017)	
1990 27 a 29 de novembro	Rainha Beatriz (n. 1938) da Holanda (atual Países Baixos), e Príncipe Claus (1926-2002)	
1990 13 a 14 de dezembro	Presidente da República Federativa Checa e Eslovaca, Václav Havel (1936-2011)	 1990-1992
1991 2 a 5 de maio	Príncipe Filipe (n. 1968), Príncipe das Astúrias	
1991 20 a 23 de junho	Presidente da Irlanda, Mary Robinson (n. 1944)	
1991 9 a 18 de novembro	Presidente da República de Cabo Verde, António Mascarenhas Monteiro (1944-2016)	  1975 a 1992 Atual
1991 21 a 25 de novembro	Governador Geral do Canadá, Ray Hnatyshyn (1934-2002)	
1992 9 a 11 de abril	Presidente da República Árabe do Egito, Hosni Mubarak (1928-2020)	

1992 18 a 22 de julho	Presidente da República do Chile, Patricio Aylwin (1918-2016)	
1992 8 a 13 de outubro	Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, Miguel Trovoada (n. 1936)	
1993 25 a 28 de janeiro	Presidente da Hungria, Árpád Göncz (1922-2015)	
1993 15 a 16 de fevereiro	Presidente da República da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali (1936-2019)	
1993 11 a 13 de maio	Presidente da República da Polónia, Lech Walesa (n. 1943)	
1993 24 a 26 de junho	Presidente da República do Zimbabwe, Robert Mugabe (1924-2019)	
1993 12 a 15 de setembro	Presidente da República da Gâmbia, Dwaba Kayraba Jawara (1924-2019)	
1994 7 a 9 de julho	Presidente da República Eslovaca, Michal Kováč (1930-2016)	
1994 15 a 17 de dezembro	Presidente da República da Turquia, Süleyman Demirel (1924-2015)	
1995 14 a 17 maio	Presidente da República da Letónia, Guntis Ulmanis (n. 1939)	
1995 19 a 22 de julho	Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (n.1931)	
1995 11 a 14 de outubro	Presidente da República da Namíbia, Sam Nujoma (n. 1929)	
1997 2 a 4 de setembro	Presidente da República da Polónia, Aleksander Kwasniewski (n. 1954)	

1997 29 de setembro a 2 de outubro	Rei da Suazilândia (hoje Reino de Essuatíni), Mswati III (n. 1968)	
1997 7 a 10 de outubro	Príncipe Filipe da Bélgica (n. 2003)	
1998 23 a 25 de maio	Imperadores do Japão, Imperador Akihito (n. 1933) e Imperatriz Michiko (n. 1934)	
1998 17 a 21 de julho	Presidente da República Oriental do Uruguai, Julio María Sanguinetti (n. 1936)	
1998 10 a 14 de setembro	Presidente da República da Índia, Kocheril Raman Narayanan (1921-2005)	
1998 19 a 20 de outubro	Presidente dos Estados Unidos Mexicanos (México), Ernesto Zedillo (n. 1951)	
1999 20 a 25 de abril	Presidente da República de Moçambique, Joaquim Chissano (n. 1939)	
1999 23 a 25 de novembro	Reis da Bélgica, Rei Alberto II (n. 1934) e Rainha Paola (n. 1937)	
2000 28 a 30 de março	Presidente da República da Eslovénia, Milan Kucan (n. 1941)	
2000 2 a 7 de abril	Princesa da Tailândia, Maha Chakri Sirindhorn (n. 1955)	
2000 17 a 19 de abril	Grão-Duque Herdeiro e Grã-Duquesa Herdeira do Luxemburgo	
2000 9 a 10 de maio	Presidente da República da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali (1936-2019)	
2000 7 a 11 de junho	Presidente da República de Cabo Verde, Manuel Mascarenhas Monteiro (1944-2016)	
2000 11 a 14 de setembro	Reis de Espanha, Rei Juan Carlos (n. 1938) e Rainha Sofia (n. 1938)	

2000 24 a 27 de outubro	Presidente da República da Ucrânia, Leonid Kutchma (n. 1938)	
2001 9 a 11 de setembro	Presidente da República do Chile, Ricardo Lagos (n. 1938)	
2001 17 a 19 de outubro	Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez (1954-2013)	
2001 15 a 17 de novembro	Presidente da República da Argentina, Fernando de la Rúa (1937-2019)	
2001 4 a 6 de dezembro	Presidente da República Italiana, Carlo Azeglio Ciampi (1920-2016)	
2004 15 a 20 de maio	Príncipe Herdeiro do Japão, Naruhito (n. 1960)	
2004 29 de junho a 2 de julho	Presidente da República da Polónia, Aleksander Kwaśniewski (n.1954)	



PATRIMÓNIO
EM FOCO

PARQUES
D SINTRA
MONTE DA LUA, SA

#01 / 2024

FONTES E BIBLIOGRAFIA



Voltar ao índice

FONTES

Academia Nacional de Belas Artes

Atas da Comissão dos Monumentos (1912-1921).

Arquivo Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros

Disponível em: <https://ahd.mne.gov.pt/Nyron/Archive/Catalog/winlib.aspx?option=Arquivo>

Arquivo Histórico da Presidência da República

Disponível em: <https://www.arquivo.presidencia.pt>

Arquivo do Património Arquitetónico

Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1

Arquivo da Direção-Geral do Tesouro e Finanças

Processo 26-LL-571 – Palácio Nacional de Queluz/Relatórios do Conservador António Ventura Porfírio, 1944-1962.
Processo 26-LL-1-1 – Pavilhão D. Maria (Palácio Nacional de Queluz) 1940-1999.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/>

Certidão das Avaliações da Serenissima Caza do Infantado pertencentes a Quintas e Cazas, PT/TT/GAV/16/3/1.

1807 Autos de Inventario de todos os Bens achados no Real Palacio de Queluz e Quintas a elle pertencente, e que pertencem a Real Caza e Estado do Infantado na forma da portaria ao diante Escr.ao Francisco de Assis e Brito, PT/TT/CI/D-E/002/1381/1.

Treslado do inventario seguinte Primeira Vara – mil oitto centos e sette. Correissão do Civel da Corte Auto de Inventario dos Moveis Izistentes em o Palacio de Queluz, PT/TT/CI/D-E/002/1381/1.

Inventário do que existe no palácio de queluz, e de que toma entregue o sr. João chrisostomo. Em 12 de fevereiro de 1809, PT/TT/CI/D-E/002/1381/1.

Auto de posse do palacio de Queluz e suas dependências, antigo Arquivo Histórico do Ministério das Finanças AHMF XX-Z⁵-18.

Documentos vários da Administração da Quinta de Queluz, PT/TT/CI/D-E/002/1381/1.

Fusão da Escola Prática de Agricultura de Queluz com a Escola Profissional da Paiã, PT/TT/ASDL-02JPE/A/134/00025.

Visita a Portugal do Presidente do Brasil, João Café Filho, PT/TT/AOS/D-M/029/0007/00023.

Visita a Portugal do Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira PT/TT/AOS/D-M/029/0010/00027.

Visita a Portugal da Rainha Isabel II da Rainha Isabel II de Inglaterra, PT/TT/AOS/D-M/029/0014/00005.

Visita a Portugal do Presidente da Indonésia, Sukarno, PT/TT/AOS/D-M/029/0022/00036.

Cerimonial do Imperador da Etiópia, PT/TT/SNI/REP/4/25.

Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Panorama, Pastas Geográficas, n.º 176, PT/TT/SNI/ARQF/PN-001/176.

Empresa Pública Jornal o Século – Álbuns Gerais. PT/TT/EPJS/SF/001

Arquivo do Palácio Nacional de Queluz

Expediente Geral, 1910-1973.

Bens Móveis do Estado, 1896-1961.

Pavilhão D. Maria I, Visitas Oficiais 1940-2007.

Copiador da Correspondência Expedida:

Livro nº 1 - 1 de janeiro de 1937 a 18 de fevereiro de 1941.

Livro nº 2 - 19 de janeiro de 1941 a 13 de dezembro de 1945.

Livro nº 3 - 13 de dezembro de 1945 a 25 de abril de 1955.

Livro nº 4 - 30 de abril de 1955 a 12 de agosto de 1965.

Copiador da Correspondência Recebida:

Livro nº 1 - 1 de junho de 1929 a 10 de setembro de 1938.

Livro nº 2 - 10 de setembro de 1938 a 14 de outubro de 1942.

Livro nº 3 - 15 de outubro de 1942 a 4 de junho de 1947.

Livro nº 4 - 7 de junho de 1947 a 28 de novembro de 1957.

Livro nº 5 - 30 de novembro de 1957 a 11 de outubro de 1972.

Relatórios do Conservador António Ventura Porfírio de 1939 a 1947.

Cadastro dos Bens do Domínio Público do Palácio Nacional de Queluz, 1941 à atualidade.

Plantas:

Palácio Nacional de Queluz: Planta do Primeiro Andar

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1933.

Palácio Nacional de Queluz: Planta do rés do chão

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1933.

Palácio Nacional de Queluz: Projeto de reintegração arranjos e modificações a fazer em diversas dependências do palácio conforme o programa da última fase de obras de acabamento. Planta do 1º andar. Residência do Chefe de Estado.

[Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais]. Escala 0,01 P. M. Lisboa, 1939.

Palácio Nacional de Queluz: Projeto de reintegração arranjos e modificações a fazer em diversas dependências do palácio conforme o programa da última fase de obras de acabamento. Pormenor por corte AB.

[Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais]. Escala 0,05 P. M. Lisboa, 1939.

Palácio Nacional de Queluz: Projeto de reintegração arranjos e modificações a fazer em diversas dependências do palácio conforme o programa da última fase de obras de acabamento. Pormenor por corte CD.

[Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais]. Escala 0,05 P. M. Lisboa, 1939.

Palácio Nacional de Queluz: Residência do Chefe de Estado. Planta do rés-do-chão

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1951.

Palácio Nacional de Queluz: Residência do Chefe de Estado. Planta do 1º andar

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1951.

[Palácio Nacional de Queluz: Residência do Chefe de Estado]. Planta do 1º andar

[Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.] Escala 1:100. Lisboa, 1956/1957.

Palácio Nacional de Queluz: Residência do Chefe de Estado. Planta do R/C.

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1971.

Palácio Nacional de Queluz: Residência do Chefe de Estado. Planta do 1º andar.

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1971.

Palácio Nacional de Queluz: Pavilhão D. Maria. Planta do Sótão.

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1986.

Palácio Nacional de Queluz: Pavilhão D. Maria. Planta do 1º andar (Equipamento).

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1986.

Palácio Nacional de Queluz: Pavilhão D. Maria. Planta do R/C.

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Escala 1:100. Lisboa, 1987.

Fundação Mário Soares Maria Barroso

<https://fmsoaresbarroso.pt/>

Casa Comum, disponível em: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/

Hemeroteca Digital de Lisboa

Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

Hemeroteca Digital Brasileira

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>

Ministério dos Negócios Estrangeiros

MNE, Protocolo, S9.E17.P5764157, ofício de 30 de novembro de 1972.

MNE, Protocolo, S9.E17.P5764157, ofício de 16 de fevereiro de 1973.

RTP Arquivos

Disponível em: [RTP Arquivos – Conteúdos do acervo histórico da RTP](#)

Portal Diplomático

Disponível em: [Países - Relações Bilaterais - Portal Diplomático \(mne.gov.pt\)](#)

PERIÓDICOS

Anuário da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, Anos V e VI, 1909-1910, pp. 58-66.

Boletim da Junta da Província da Estremadura, 1938, pp. 10-14.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, nº 20664, 6/8/1960; nº 20665, 7/8/1960; nº 24557, 1/5/1973; nº 24568, 14/5/1973.

Diário da Manhã, número Especial Comemorativo da Visita de S. M a Rainha Isabel II de Inglaterra, Lisboa, 23 de Fevereiro de 1957.

Diário de Lisboa, nº 6430, 15/10/1940; nº 6432, 17/10/1940; nº 6443, 28/10/1940; nº 6444, 29/10/1940; nº 6446, 31/10/1940; nº 9661, 21/10/1949; nº 9665, 25/10/1949; nº 10370, 14/10/1951; nº 11631, 22/4/1955; nº 11632, 23/4/1955; nº 11900, 22/1/1956; nº 12452, 6/8/1957; nº 12552, 15/11/1957; nº 13153, 22/7/1959; nº 13162, 31/7/1959; nº 13435, 5/5/1960; nº 13438, 8/5/1960; nº 13531, 10/8/1960; nº 13532, 11/8/1960; nº 13543, 22/8/1960; nº 13546, 25/8/1960; nº 15950, 15/5/1967; nº 19556, 14/1/1978.

Diário de Notícias, nº 26082, 16/09/1938; nº 26095, 29/09/1938.

Ilustração Portuguesa, semanário, nº 64, 23 de janeiro de 1905, p.182.

Panorama, revista portuguesa de Arte e Turismo, Nº 5, III Série, março 1957.

Revista Municipal, nº 43, 4º trimestre, 1949, pp. 17-32; nº 65, 2º trimestre, 1955, pp. 5-27; nº 68, 1º trimestre, 1956, pp. 5-11; nº 72, 1º trimestre de 1957, p. 5-36; nº 86, 3º trimestre de 1960, p. 15-18; nº 86, 3º trimestre de 1960, p. 19-22; nº 86, 3º trimestre de 1960, p. 23-25; nº 136/137, 1º e 2º trimestres de 1973, p. 100-105.

Seleções Femininas, revista ilustrada, Ano III, nº 30, fevereiro 1957.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Simonetta Luz (1986) (coord.): *D. Pedro de Alcântara e Bragança 1798-1834. Imperador do Brasil Rei de Portugal. Uma vida, dois mundos, uma história*. [catálogo de exposição], Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura/Fundo de Fomento Cultural. Queluz, Palácio de Queluz maio-outubro 1986.

BEIRÃO, Caetano, (1957): "Breves Anais do Palácio de Queluz", PANORAMA, Nº 5, III Série, março.

BRAGA, Paulo Drumond (2019): *D. Filipa de Bragança. Lutar pela Restauração da Monarquia no Portugal de Salazar*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

BRÁS, António Simões (2016): *Os Dias Portugueses de Isabel II*, Lisboa, Edições Parsifal.

CÂNCIO, Francisco (1950): *O Paço de Queluz*, Lisboa.

FERRO, Inês (1997): *Queluz. O Palácio e os Jardins*, Londres, Scala Books.

FERRO, Inês (2000): *O Pavilhão Robillion do Palácio Nacional de Queluz. História, Arte, Construção e Restauro (1758-1940)*, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FRANCO, Anísio; RODRIGUES, Ana Duarte (2012) (coord.): *O Virtuosos Criador. Joaquim Machado de Castro 1731-1822* [catálogo de exposição], Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga/Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 18 maio-30 setembro 2012.

GASPAR, Diogo (1985) (coord.): *Do Palácio de Belém*, Lisboa, Museu da Presidência da República.

GUEDES, Natália Brito Correia (1971): *O Palácio dos Senhores do Infantado em Queluz*, Lisboa, Livros Horizonte.

GODINHO, Isabel Silveira (1991) (coord.): *Tesouros Reais*, Lisboa, IPPC.

GODINHO, Isabel Silveira (2023): *Histórias de uma Conservadora*, Lisboa, By de Book, Edições Especiais.

MÂNTUA, Ana (2014): "As Aquisições do Dr. Anastácio Gonçalves e o Mercado de Arte em Portugal de 1925 a 1965". *Museus, Palácios e Mercados de Arte*, Lisboa, Scribe.

MARQUES, Eduardo Alves (2021): "Os aposentos régios de D. Maria II no Palácio das Necessidades. *D. Maria II de princesa brasileira a rainha de Portugal 1819-1853*", [catálogo de exposição], Museu da Presidência da República, p. 342-379.

MARQUES, Eduardo Alves (2023): "An Unknown Commission by Jacob Desmalter for the Portuguese Court in 1817: The Bed of the Royal Prince D. Pedro de Braganza". *The Furniture History Society Annual Journal*, volume LVIX, p. 293-321

MOITA, João (2022): *Eduardo Brazão – Diplomata e Historiador (1907-1987)*, Lisboa, Edições Colibri.

Montesinos, Fernando (2019): "A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905", Coleções em Foco nº 2, Sintra, PSML,
<https://www.parquesdesintra.pt/pt/recursos-digitais/edicoes-digitais/colecoes-em-foco-edicoes-digitais/a-royal-lunch-a-visita-a-sintra-da-rainha-alexandra-do-reino-unido-24-de-marco-de-1905/>

NETO, Maria João (2001): *Memória Propaganda e Poder. O restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto Publicações.

PIRES, António Caldeira (1924-1925): *História do Palácio Nacional de Queluz*, 2 volumes, Coimbra, Imprensa da Universidade.

SANTANA, Manuela; FIGUEIREDO, Mariana; MIRA, Filomena; ARRUDA, Catarina; GODINHO, Fátima (2003): "Tapeçarias do Palácio Nacional da Ajuda da Real Fábrica de Santa Bárbara de Madrid – projecto de conservação", *Património e Estudos*, nº 4. Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, p. 110-115

SARAIVA, José António (1985): *O Palácio de Belém com os seus hóspedes os seus segredos e a sua vida quotidiana*, Editorial Inquérito.

SERRANO, José de Bouza (2015): *O Livro do Protocolo*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

SILVA, Maria João Espírito Santo Bustorff Silva (2003), "Ricardo do Espírito Santo Silva O Mecenaz", *Ricardo do Espírito Santo Silva: Coleccionador e Mecenaz*, Lisboa, Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, p. 51-65.

SILVA, Raquel Henriques da; MONTEIRO, Joana d'Oliva; FERREIRA, Emília; PEREIRA, Elisabete (2022) (Coord.): *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*, Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Nova

SOARES, Luís Filipe da Silva (2019): *O Palácio Nacional da Ajuda e a sua Afirmação como Museu*, Lisboa, Caleidoscópio.

XAVIER, Hugo (2012): "O modelo decorativo para o gabinete do governador do BNU: reconstituição de uma encomenda especial", *O BNU e a arquitectura do poder: entre o antigo e o moderno*, Lisboa, CML/MUDE, p. 98-111.



Parques
de Sintra

